

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**GUILHERME AUGUSTO DUARTE BORGES**

**OS VERBOS AUXILIARES E LEVES EM PAUMARÍ À LUZ DA MORFOLOGIA  
DISTRIBUÍDA**

2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**Os verbos auxiliares e leves em Paumarí à luz da Morfologia Distribuída**

Guilherme Augusto Duarte Borges

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística, na Linha de Pesquisa Gramática na Teoria Gerativa.

Orientadoras: Prof. Dra. Márcia Maria Damaso Vieira (*in memoriam*)

Prof. Dra. Isabella Lopes Pederneira

Rio de Janeiro

Abril de 2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

Guilherme Augusto Duarte Borges

Orientadoras: Profa. Dra. Márcia Maria Damaso Vieira (*in memoriam*)

Profa. Dra. Isabella Lopes Pederneira

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Linguística

Examinada por:

---

Presidente, Profa.Dra. Isabella Lopes Pederneira - POSLING - UFRJ

---

Prof. Dr. Gean Nunes Damulakis - POSLING - UFRJ

---

Profa. Dra. Tatiana Raick Kuczmanda de Albuquerque - UFRJ

---

Prof. Dr. Marcus Antônio Resende Maia - POSLING – UFRJ - suplente

---

Profa. Dra. Rafaela do Nascimento Melo Aquino – UFRJ - suplente

Rio de Janeiro

2022

Bv

Borges, Guilherme Augusto Duarte

Os verbos auxiliares e leves em Paumari à luz da Morfologia Distribuída / Guilherme Augusto Duarte Borges. -- Rio de Janeiro, 2022.  
110 f.

Orientadora: Isabella Lopes Pederneira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística, 2022.

1. Morfologia Distribuída. 2. Verbos auxiliares. 3. Verbos leves. 4. Línguas Indígenas. 5. Paumari. I. Pederneira, Isabella Lopes, orient. II. Título.

# Os verbos auxiliares e leves em Paumarí à luz da Morfologia Distribuída

Guilherme Augusto Duarte Borges

Orientadoras: Profa. Dra. Márcia Maria Damaso Vieira (*in memoriam*)

Profa. Dra. Isabella Lopes Pederneira

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo estudar as estruturas verbais *hi* e *ni* da língua indígena Paumarí (família Arawá) classificadas na literatura descritiva dos pesquisadores-missionários do Summer Institute of Linguistics (SIL) como auxiliares (CHAPMAN, 1978; CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991; SALZER & CHAPMAN, 1997). Propõe-se que tais estruturas não podem ser classificadas em suas ocorrências como auxiliares, tendo em vista que possuem a capacidade de manipular a estrutura argumental. Esses verbos podem aparecer em ocorrências polissêmicas, seja como verbos plenos, seja em estruturas complexas, tomando um complemento nominal ou sentencial, conhecidas como Construções de Verbos Leves (CVLs). Para a análise, utilizamos as ferramentas do modelo de gramática da Morfologia Distribuída (MD), que propõe que a sintaxe ocorre em todos os níveis da derivação, inclusive na estrutura interna das palavras, por meio de operações sintáticas já conhecidas como concatenar, mover e copiar. O modelo propõe ainda a inserção tardia e a subespecificação dos itens de vocabulário. (MARANTZ, 1997). A conclusão a que chegamos ao fim de nossa análise é que todas as ocorrências estudadas são de verbos leves e propomos um novo modelo para análise.

**PALAVRAS-CHAVE:** Morfologia Distribuída; Verbos auxiliares; Verbos leves; Línguas Indígenas; Paumarí.

Rio de Janeiro

2022

# Os verbos auxiliares e leves em Paumarí à luz da Morfologia Distribuída

Guilherme Augusto Duarte Borges

Orientadoras: Márcia Maria Damaso Vieira (*in memoriam*)

Isabella Lopes Pederneira

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística.

## ABSTRACT

This paper aims to study the verbal structures *hi* and *ni* of Paumari language (Arawa family) classified in the missionary descriptive literature by Summer Institute of Linguistics (SIL) as auxiliaries (CHAPMAN, 1978; CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991; SALZER & CHAPMAN, 1997). Such structures could not be classified on these occurrences as auxiliaries, because they can modify the argumental structure. These verbs can appear in polysemic occurrences, either as lexical verbs, or in complex structures. The Light Verb Construction (LVC) is a type of verb that can manipulate argumental structure. On our analysis, we have used the tools of the Distributed Morphology (DM) grammar model, which proposes the concept “Syntax all the way down” in all levels of derivation, including the internal structure of words, through syntactic operations like merge, move and copy. This model proposes in addition, late insertion and the underspecification of vocabulary items. (MARANTZ, 1997). The conclusion we found out is all studied occurrences are *light verbs constructions* and we propose a model for its analysis.

**KEYWORDS:** Morfologia Distribuída; Verbos auxiliares; Verbos leves; Línguas Indígenas; Paumarí.

Rio de Janeiro

2022

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que tem me iluminado na minha caminhada e me proporcionado tudo.

A minha família, meu papai Marcelo e mamãe Aparecida, por todo apoio incondicional; só tenho a agradecer por tudo que puderam me proporcionar. Apesar das dificuldades, sempre me proporcionaram uma excelente base familiar e educacional, além de muito amor e carinho, toda base e incentivo para prestar o vestibular e seguir na área em que me apaixonei. Aos meus irmãos João, Pedro, Ilana e minha irmã de coração Olya.

A minha noiva Gisele, por todo amor, suporte e paciência em todos os momentos, além das noites mal dormidas me ajudando em meus trabalhos.

A minha vovó Gina e ao meu avô de consideração, Seu Francisco, por todos os momentos de risos e de boas conversas. Também aos meus primos, tios e tias, e minha avó Alice, pelos bons momentos em Natais e férias em Ibicuí.

A todos os meus amigos próximos, Rodrigo, Lucas, Zé, Rennan e Matheus cujos momentos de diversão ajudaram a aliviar os momentos de preocupação dos estudos.

A todos meus professores da graduação e mestrado, que de alguma maneira contribuíram para meu enriquecimento acadêmico, dentre eles, Alessandro Boechat, André Vieira, Aniela Improta França, Tânia Clemente, Marci Fileti, Jaqueline Peixoto, Ana Calindro, Ana Paula Quadros, Maria Cecilia Mollica, Marília Facó, dentre tantos outros que participaram de minha formação, além de Gean Damulakis, Tatiana Raick, Marcus Maia e Rafaela Melo, pelos pela disposição em aceitar participar de minha banca de mestrado.

À Faperj, por ter me proporcionado uma excelente bolsa de estudos, o que me permitiu seguir com mais tranquilidade no meu percurso, e à professora Aléria Lage, por todo auxílio com os trâmites e burocracia para inscrição de bolsa.

A todos os meus colegas de curso, seja graduação ou mestrado. Em especial, ao colega Rogério Junior. Graças a sua recomendação e insistência, prestei o mestrado, mesmo com graduação ainda em curso; e ao meu amigo Josué Paumarí, que me auxiliou sempre que possível com dúvidas sobre sua língua materna.

A minha orientadora, Isabella Lopes Pederneira, por ter me acolhido em um momento complicado da minha etapa acadêmica, e por toda ajuda.

E, por último, à minha eterna orientadora Márcia Maria Damaso Vieira, por todo carinho, paciência e alegria, que mesmo em momentos de dificuldade, no hospital, preocupava-se com seus orientandos, com todas as atividades e apresentações de projetos.

Dedico esta dissertação e minha trajetória acadêmica em memória da professora Márcia.

## ABREVIATURAS

(#)Pl - (Número-pessoa)Plural  
(#)Sg - (Número-pessoa)Singular  
Abs - Caso absoluto  
Acc - Caso Acusativo  
Apl – Aplicativo  
Asp – Aspecto  
Asp.Itera – Aspecto Iterativo  
Aux - Verbo auxiliar  
Causa - Causativizador  
CVL - Construção de verbo leve  
Dat – caso Dativo  
Def – Artigo definido  
Dem – demonstrativo (genérico, sem explicitar gênero)  
Dem.fem – demonstrativo feminino  
Dem.masc -demonstrativo masculino  
Erg - Caso Ergativo  
Fem – feminino  
Gen - Genitivo  
Impera - imperativo  
Intrans – Intransitivizador  
Itera - iterativo  
Leve – verbo leve  
Masc – masculino  
MD – Morfologia Distribuída  
Mod - Sufixo de modo  
n – categorizador nominal (enezinho)  
Neg – Negação  
NFut – Não-futuro  
Nom - Caso Nominativo  
Nomlz - sufixo nominalizador  
Obl - Caso Oblíquo  
Pass - Passiva  
PB – Português Brasileiro  
PE – Português Europeu  
Perf – perfectivo  
Psd - passado  
Trans - sufixo transitivizador  
v – categorizador verbal (vezinho)



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da região do rio Purus.....	16
Figura 2: Cartaz em comemoração da tradução do Novo Testamento em Paumarí.....	18
Figura 3: Esquema do modelo da Morfologia Distribuída.....	29
Figura 4: Barreira do domínio de significados especiais .....	31
Figura 5: Categorização verbal e nominal da raiz “hammer” .....	33
Figura 6: Categorização nominal e recategorização verbal da raiz “tape”.....	34
Figura 7: Estrutura sintática dos aplicativos alto e baixo.....	35
Figura 8: Estrutura sintática mínima .....	36
Figura 9: Estrutura sintática com IPs encadeados .....	37
Figura 10: Estrutura sintática em “João tinha perdido as chaves” .....	38
Figura 11: Estrutura morfológica em “João tinha perdido as chaves” .....	38
Figura 12: Estrutura sintática do primeiro tipo de construção com dar + N-ada.....	50
Figura 13: Estrutura sintática do segundo tipo de construção com dar + N-ada.....	51
Figura 14: Estrutura sintática da sentença “Leonor marcou médico para amanhã.” .....	54
Figura 15: Estrutura sintática da sentença “Marcelo teve que ensinar tudo de novo.” .....	55
Figura 16: Categorização nominal direto da raiz .....	69
Figura 17: Categorização verbal em Paumarí .....	72
Figura 18: Categorização verbal direto da raiz em Paumarí .....	74
Figura 19: Categorização verbal a partir de um nome em Paumarí .....	76
Figura 20: Estrutura sintática de “nihi ida gamo” .....	79
Figura 21: Estrutura sintática de “hora ni’ahi ida gamo” .....	79
Figura 22: Estrutura sintática mínima [2].....	82
Figura 23: Estrutura sintática com IPs encadeados .....	83
Figura 24: Estrutura morfológica em passivas no Paumarí.....	84
Figura 25: Estrutura sintática em Construções com Verbo Leve, em Paumarí.....	88
Figura 26: Estrutura morfológica em Construções com Verbo Leve, em Paumarí.....	89
Figura 27: Estrutura sintática em “Okojooa bada bini’aha ada abaisana”.....	95
Figura 28: Asp na derivação.....	97
Figura 29: Estrutura morfológica com hi-ki.....	102
Figura 30: Estrutura morfológica de “João levou um soco”. .....	103

## SUMÁRIO

Introdução .....	11
1. Sobre o povo Paumarí .....	15
1.1. A família linguística Arawá .....	15
1.2. Localização .....	15
1.3. Organização Social e Cosmologia.....	17
1.4. Breve história dos estudos sobre povo .....	17
2. Aspectos Gerais da gramática Paumarí .....	20
2.1. Categorias gramaticais em Paumarí .....	20
2.2. Sistemas de Caso.....	21
2.3. Núcleos funcionais .....	24
3. A Morfologia Distribuída.....	28
3.1. Introdução ao modelo.....	28
3.2. Halle e Marantz (1993) e Marantz (1997).....	28
3.3. Arad (2003) .....	31
3.4. Pylkänen (2002) .....	34
3.5. Medeiros (2008) .....	36
4. Os Predicados complexos.....	40
4.1. Verbos auxiliares.....	40
4.1.1. Auxiliares segundo a gramática tradicional .....	40
4.1.2. Auxiliares segundo a gramática gerativa.....	43
4.2. Verbos Leves.....	44
4.2.1. Verbos Leves em Modelos Gerativos Projecionistas .....	44
4.2.2. Verbos Leves em Modelos Gerativos Construcionistas .....	47
5. Os verbos auxiliares em Paumarí .....	56
5.1. Ocorrências de <i>hi</i> e <i>ni</i> .....	56
5.2. Classificação geral dos verbos em Paumarí .....	57
5.3. Ocorrências do verbo <i>ni</i> .....	59
5.4. Ocorrências do verbo <i>hi</i> .....	61
5.5. Discussão.....	63
6. Análise dos Verbos Auxiliares em Paumarí.....	64
6.1. Subespecificação de <i>hi</i> e <i>ni</i> .....	65
6.2. Proposta de categorização dos nomes em Paumarí .....	67
6.3. Proposta de categorização dos verbos em Paumarí.....	70
6.4. A formação do verbo pleno <i>ni</i> .....	77
6.5. Estruturas de voz passivas com <i>hi</i> .....	80
6.6. O verbo leve <i>ni</i> .....	90
6.7. Estruturas verbais bitransitivas com <i>hi</i> .....	98

7. Considerações Finais.....	104
------------------------------	-----

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação analisa alguns fenômenos verbais presentes na língua indígena Paumarí (família Arawá) à luz da Morfologia Distribuída, modelo de gramática que se enquadra no panorama geral da Gramática Gerativa. Propomos que as estruturas verbais classificadas como auxiliares na literatura descritiva existente possam ter outro estatuto, tendo em vista que, dentre outras características, possuem a capacidade de manipular a estrutura argumental.

A língua indígena Paumarí (família Arawá) é uma das diversas línguas brasileiras em grande perigo de extinção. Sua população, de cerca de mil pessoas, vive ao longo dos rios Purus e Juruá e é de maioria bilíngue. Uma pequena e limitada documentação descritiva registrada por pesquisadores-missionários do *Summer Institute of Linguistics* (SIL) entre os anos de 1970 e 1995. Os principais trabalhos descritivos da língua foram realizados por Chapman & Derbyshire (1991), Chapman (1978), Salzer & Chapman (1997).

É uma língua tipologicamente classificada de sistema ergativo cindido, por coexistir o sistema ergativo-absolutivo com o sistema nominativo-acusativo. É uma língua polissintética, por conta da rica produtividade morfológica em seu núcleo verbal, especificamente pela concatenação de uma infinidade de núcleos funcionais, como núcleos aspectuais, causativos, aplicativos, modais, dentre outros. Um dos mais produtivos tipos de afixo que podem compor a estrutura verbal da língua são os verbos auxiliares. Chapman & Derbyshire (1991) atestam que existem dois verbos auxiliares essenciais na língua: *hi* e *ni*.

Nossa pesquisa será centrada na análise dos verbos descritos como auxiliares na língua pelos pesquisadores do SIL. Chapman & Derbyshire (1991) definem os dois verbos – *hi* e *ni*, como auxiliares em todas as ocorrências da língua, em especial, quando aparecem em estruturas verbais complexas, estruturas passivas e estruturas verbais bitransitivas. Nosso problema de pesquisa está no fato dos verbos *hi* e *ni* não se comportarem como verdadeiros verbos auxiliares. Suas possibilidades de ocorrência com certos núcleos funcionais, como os aplicativos, por exemplo, já enfraquecem sua definição como tal, tendo em vista que os núcleos aplicativos licenciam novos objetos. Portanto, nossa hipótese é de que esses verbos chamados de auxiliares sejam verbos leves na língua.

Para isso, utilizaremos o aporte teórico da Morfologia Distribuída, modelo teórico de base gerativa que propõe uma reinterpretação da gramática. A sintaxe, neste modelo, ocorre por toda a derivação, em detrimento de um léxico carregado de fonologia e semântica. O modelo proposto e discutido em Halle & Marantz (1993), Marantz (1997), Arad (2003), dentre outros, propõe que as palavras sejam formadas da mesma maneira que os sintagmas e as sentenças, por

meio de operações sintáticas como Concatenar, Mover e Copiar, com a existência de três listas que abasteceriam a sintaxe, de maneira distribuída, para compor a computação sintática. Os expoentes fonológicos, assim, seriam inseridos tardiamente, e os significados atribuídos de maneira composicional – no caso de palavras funcionais e palavras lexicais complexas (por exemplo globalização, pureza, nacionalização, etc.) ou pela atribuição direta da Enciclopédia - no caso de significados especiais e arbitrários. A utilização das ferramentas da Morfologia Distribuída se mostra essencial e eficaz para a análise dos fenômenos verbais de uma língua como o Paumarí, em que o contexto sintático de seus elementos funcionais se apresenta como fundamental para definir seus respectivos estatutos gramaticais. Em tempo, a ocorrência de diversos tipos de afixos com uma mesma realização fonológica reforça, também, o uso da propriedade da Subespecificação, essencial no modelo de gramática da MD.

A metodologia utilizada merece um destaque especial, principalmente no que concerne à glosa e à notação utilizadas nos diversos exemplos que compõem esta dissertação. Por conta do grande número de dados, todos retirados de fontes secundárias da língua Paumarí (CHAPMAN, 1978; CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991; SALZER & CHAPMAN, 1997), apresentamos diversas adaptações e notações distintas a cada seção, ora mais fiéis às interpretações originais, ora com reinterpretações em relação às traduções ou em relação à glosa, à luz das análises que propomos, ao lidar com as ferramentas da Morfologia Distribuída. As mudanças referentes às notações serão explicitadas em nota, no momento oportuno, quando houver a necessidade de mudança na interpretação dos dados. Optamos por seguir por este caminho para introduzir gradativamente as mudanças que nossas análises causariam nos dados originais. A maneira como estes dados foram apresentados será explicada nos parágrafos abaixo.

A presente dissertação está dividida em sete seções principais. Na primeira seção, expomos algumas informações introdutórias sobre o contexto geográfico, social e antropológico sobre o povo Paumarí: seus costumes, ritos e mitos, as situações de contato, com influências históricas dos brancos (primeiros colonizadores), seringueiros, garimpeiros, pesquisadores e missionários que influenciaram de algum modo o estilo de vida das aldeias, além do contato com outros povos da região e a vida ao redor do rio Purus. E também, um panorama geral da vitalidade da língua Paumarí e alguns projetos de conservação.

Na segunda seção, apresentamos aspectos gramaticais gerais do Paumarí; a estrutura interna da língua, descrita e analisada por pesquisas tipológicas e descritivas; uma análise geral e introdutória da sintaxe, semântica e morfologia, passando por análises recentes de cunho gerativista, coordenadas pela professora Márcia Damaso Vieira e seus orientandos, além da

situação atual dos estudos linguísticos da língua Paumarí. Nesta seção, serão utilizados em sua maior parte, os dados originais do trabalho de Chapman & Derbyshire (1991), com pouquíssimas reinterpretações ou alterações de glosa, com exceção às referentes aos Aplicativos (Apl) e aos Modais (Mod), reinterpretados em Vieira (2006), além da inclusão de itens /Ø/ à glosa, quando houver a necessidade de exprimir Caso Abstrato.

Na terceira seção, revisamos o aporte teórico da Morfologia Distribuída, modelo de gramática utilizado para realização das análises desta dissertação. Utilizamos, em especial, trabalhos seminais da Morfologia Distribuída, como Halle & Marantz (1993), Marantz (1997, 2001), Pylkkänen (2002), Arad (2003) e Harley e Noyer (2003), além do importante trabalho de Medeiros (2008) sobre as formas participiais em PB.

Na quarta seção, revisitamos as bases teóricas voltadas para a análise das categorias verbais complexas: a forma como os autores classificam os verbos auxiliares, desde textos da gramática tradicional em língua portuguesa até as teorias de bases gerativas mais recentes sobre a categoria dos verbos auxiliares e sua distinção dos leves. Traremos uma base para o entendimento do estatuto dos verbos leves e sua composição estrutural, com análises de cunho formalista no campo da Gramática Gerativa, tanto em modelos projecionistas quanto em modelos construcionistas.

Na quinta seção, são apresentados os dados coletados do Paumarí referentes aos verbos descritos como auxiliares: *hi* e *ni*. Definimos e exemplificamos os expoentes fonológicos *hi* e *ni* em ocorrências verbais e não verbais. Em seguida, procuramos exemplificar todas as ocorrências possíveis registradas nos documentos dos missionários do *Summer Institute of Linguistics* (SIL) em relação aos verbos *hi* e *ni* descritos como auxiliares. Procuramos demonstrar diversos exemplos em vários contextos, como em construções passivas, construções com verbos bitransitivos, em ocorrências como verbos plenos e de ocorrências de auxiliares. A utilização da notação e da glosa nesta seção é muito similar à utilizada na seção 2, realizando pouquíssimas mudanças em relação aos dados ou à glosa originais.

Na sexta seção, realizamos a análise dos exemplos apresentados na seção anterior, à luz da Morfologia Distribuída. Propomos nesta seção um modelo formal de análise para as ocorrências das construções com verbos. É nesta seção que começamos a adotar o símbolo “√” para todas as raízes identificadas nos exemplos demonstrados em nomes e verbos, que terão suas categorizações, nominal (n) e verbal (v), respectivamente. A seção é dividida em sete subseções. Na subseção 6.1. apresentamos uma introdução à Subespecificação em Paumarí, que será apontada com mais detalhes no decorrer da análise. Vale destacar que a glosa e a notação em relação aos dados utilizados nesta seção são progressivamente modificadas a cada subseção,

tendo em vista nossas gradativas complementações metodológicas. Na subseção 6.2., ao realizar uma análise acerca da categorização nominal em Paumarí à luz dos trabalhos de Arad (2003), introduzimos o expoente fonológico /Ø/ às categorizações nominais de raízes que não tem fonologia expressa. Estes casos são glosados como “n” (enezinho), sejam os marcados ou não. Por conseguinte, na subseção 6.3., adicionamos o expoente /Ø/ e o elemento “v” (vezinho) para categorizações verbais das raízes. Na subseção 6.4. demonstramos os casos em que o verbo *ni* se comporta como pleno, utilizando o símbolo “√” para sua raiz antes da categorização verbal. Na subseção 6.5. apresentamos a análise das estruturas passivas na língua e a ocorrência de *hi*, em um primeiro momento ainda chamado de auxiliar, para posterior adoção do termo Leve e da notação de raiz (“√”), realizada em momento oportuno devido a consequências analíticas. Defenderemos que não existem passivas em Paumarí, apenas um outro tipo de CVL. Na subseção 6.6., discorreremos acerca do verbo leve *ni*. De uma maneira geral, apresentamos as ocorrências de *ni* e nossa proposta acerca de sua ocorrência como verbo leve em construções complexas junto de um complemento DP, já devidamente glosado como Leve e com a notação de raiz (“√”). Na subseção 6.7. realizamos uma análise com base nos modelos propostos para as construções bitransitivas com a presença de auxiliar *hi*, posteriormente reclassificando-as como mais um caso de CVLs na língua e com a notação Leve para o verbo analisado. Importante notar que a maior parte das traduções utilizadas nesta seção são reinterpretações próprias em relação às CVLs. Assim, em estruturas antes traduzidas como “Eu trabalho ” ou “O menino foi mordido pelo morcego”, reinterpretemos como “Eu dou uma trabalhada” ou “O menino levou uma mordida do morcego”, respectivamente, para se adequarem da forma mais apropriada às interpretações de CVLs em PB.

Na sétima seção, finalizamos a dissertação, com nossos apontamentos acerca do estudo, os resultados atingidos e a confirmação positiva do que foi levantado inicialmente em nossa hipótese. Trazemos nossa conclusão de análise e o levantamento de novas possibilidades de pesquisas voltadas para a análise da língua Paumarí, e a proposta de um modelo formal de construções com verbos leves para outras línguas.

Na oitava seção, constam as referências bibliográficas dos trabalhos utilizados para criação desta dissertação.

## 1. SOBRE O POVO PAUMARÍ

### 1.1. A família linguística Arawá

Os povos que compõem esta família linguística se estendem ao longo do rio Purus e Juruá. Durante muitos anos, a família linguística Aruaque e Arawá foram tratadas como sendo geneticamente pertencentes a um mesmo grupo linguístico. A partir de análises de Rodrigues (1986), surgiu pela primeira vez a proposta de cisão das famílias. Segundo o autor, a classificação das famílias em apenas um grupo linguístico deveu-se à proximidade geográfica entre os povos, o que por si só não corresponde à realidade em termos de parentesco. Assim sendo, o autor reúne o grupo familiar Arawá em sete línguas, com seus respectivos números de falantes, a saber: Banavá-Jafí (80 falantes), Dení (560 falantes), Jarawará (120 falantes), Kanamantí (130 falantes), Kulina – também chamada de Madiha (2437 falantes), Paumarí (280 falantes), Yamamadí - também chamada de Jamamadí (450 falantes). Classificações posteriores registradas em Dixon (1999) trouxeram um maior detalhamento da família Arawá, organizando as línguas Jarawará, Banavá e Jamamadí como sendo dialetos distintos de uma mesma língua, chamada de Madí. Segundo o autor, os três dialetos são mutuamente inteligíveis, com similaridades gramaticais claras e cerca de 95% de compartilhamento vocabular. O autor classifica, ainda, as línguas Dení e Kulina como sendo de um mesmo subgrupo dentro da família, apesar de suas diferenças gramaticais permitirem a classificação como línguas distintas. As outras línguas que compõem a família, segundo o autor, são Paumarí, Sorowará, e uma língua já extinta por volta de 1880, o Arawá.

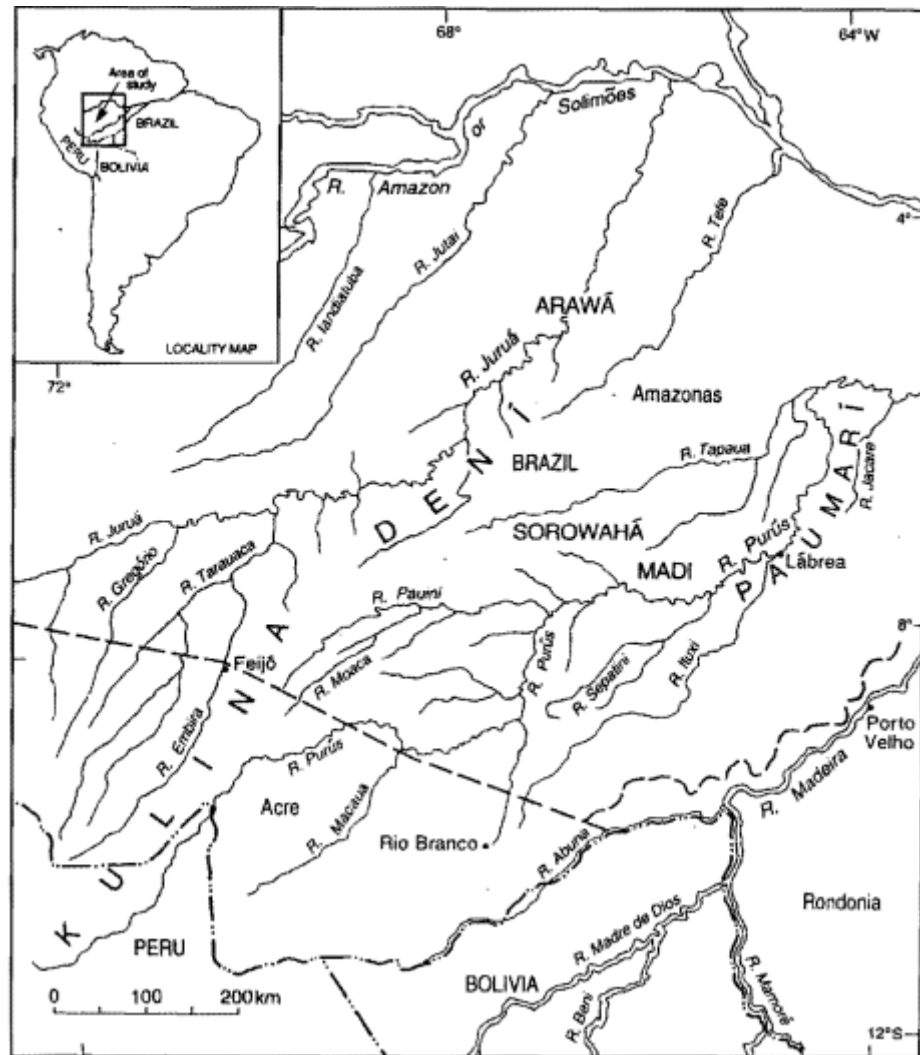
### 1.2. Localização

As aldeias do povo Paumarí estão localizadas ao longo do rio Purus e Juruá, no sul do Estado do Amazonas, em uma região rica étnica e linguisticamente, coexistindo com os povos Deni, Sorowahá e Kulina cerca de 900 pessoas da etnia Paumarí.

Segundo Schröder (2002 apud BONILLA, 2005), o povo Paumarí ocupa atualmente duas regiões bastante distantes entre si: a região do Ituxi (7.572 ha) e do Marahã (116.000 ha) a montante de Lábrea, e as regiões dos lagos do Manissuã (22.713 ha), Cuniuá (42.828 ha) e Paricá (15.792 ha), localizadas acima da boca do rio Tapauá, a jusante de Lábrea.



Figura 1: Mapa da região do rio Purus



Fonte: Dixon (1999, p. 252)

O município de Lábrea possui área de quase 70.000 Km<sup>2</sup>, no sudoeste do Amazonas, divisa com Acre e Rondônia. É uma região de grande presença indígena; do ponto de vista histórico é conhecida pela exploração realizada por seringueiros e garimpeiros, iniciada a partir do século XIX, com expedições de jesuítas e tentativas de exploração voltadas para o extrativismo vegetal (MENEZES & BRUNO, 2014).

A região foi o centro da exploração da borracha no século XIX, e todos os povos residentes, sobretudo os povos indígenas, em torno do local sofreram algum tipo de exploração escravagista, em maior ou menor nível. Houve um enorme extermínio dos povos presentes no local, seja por ação direta de colonizadores, seja por epidemias causadas pelo contato com doenças endêmicas e sarampo, por exemplo (MENENDEZ, 2018).

### 1.3. Organização Social e Cosmologia

O povo Paumarí se autodenomina *pamoari*, termo utilizado como definidor de “Nação” ou “Povo”, e distingue-se de outros povos pela utilização dos termos *Joima*, outros indígenas; *Jara*, habitante local, não indígena; *Americano*, estrangeiro de pele e olhos claros. Não utiliza, de maneira geral, um pronome de terceira pessoa ou termos para *ser humano*, segundo descrito por Bonilla (2005).

Na construção social do povo Paumarí, o *Arabani* (pajé) era uma figura de grande importância e poder na sociedade do passado; depois da chegada dos missionários, seu poder foi enfraquecendo. Hoje, há raros casos de Paumarí que se assumem publicamente como *Arabani* (MENENDEZ, 2018).

*Jara ho mainã* é um dos mais importantes mitos de criação do povo Paumarí. O mito conta a história de um pajé que se transforma em um pássaro e mata europeus. Neste mito, os heróis *Barará* e *Akari* derrotam os invasores portugueses. Conta-se dessa maneira que, em uma batalha sangrenta, os Paumarí com a força dos seus heróis, derrotaram os invasores (MENEDEZ, 2018).

A principal divindade do povo Paumarí é *Kahaso*, que é formado de uma dualidade Homem e Deus. Era um ser divino que se encarnou em homem e morreu por sacrifício e depois ressuscitou. O aspecto mitológico Paumarí se assemelha em muito ao imaginário cristão. A ideia de sacrifício pelo povo e ressurreição, somado à figura dos *Jahari*, os demônios, encontraram correspondências diretas com a evangelização missionária. As benesses que os missionários trouxeram ao povo, como remédios e educação formal, facilitaram ainda mais o processo (MENEDEZ, 2018).

### 1.4. Breve história dos estudos sobre povo

Em meados do século XX, os povos da região tiveram contato com os missionários do *Summer Institute of Linguistics* (SIL), que realizaram descrições linguísticas, a tradução da Bíblia para línguas indígenas e diversas tentativas de evangelização com os povos indígenas locais. Os Paumarí, em especial, acolheram as missionárias Shirley Chapman, Mary Odd Mark e posteriormente Meinke Salzer, que se estabeleceram especificamente na região de Lábrea (aldeia Marahã), a partir de 1964. Diversas ações de escolarização, letramento e tratamento médico foram realizadas, sempre com o intuito missionário e de catequização dos povos lá

presentes. Colby e Dennet (1995 apud MENENDEZ, 2018) argumentam que essas missões tiveram um intuito muito além do religioso - teriam também o interesse de mapeamento das jazidas minerais da região, tendo em vista que foram custeadas por Nelson Rockefeller e Willian Cameron Townsed. As missões serviriam como um instrumento de colonização e dominação econômica e religiosa.

A religião cristã também se mantém bastante presente no cotidiano das aldeias Paumarí até os dias de hoje. As ações missionárias modificaram a rotina do povo desde a década de 1970. Segundo Menendez (2018), há pouquíssimos pajés que seguem com os ritos tradicionais do Paumarí, muito por conta da evangelização do povo. Cópias do Novo Testamento traduzidos em Paumarí circulam com frequência de mão em mão nas aldeias, segundo a autora. A foto abaixo é imagem de comemoração aos dez anos de tradução do Evangelho para o Paumarí.

*Figura 2: Cartaz em comemoração da tradução do Novo Testamento em Paumarí*



Fonte: Menendez (2018)

A ação missionária na região, contudo, trouxe um legado de descrição linguística bastante importante. Diversos documentos foram escritos para o Paumarí, no período de 1970 a 2000, com destaque para os trabalhos descritivos de Chapman (1978), Chapman & Derbyshire (1991) e Salzer & Chapman (1997).

Atualmente, a língua encontra-se em grande perigo de extinção, com uma população majoritariamente bilíngue, de cerca de 800 pessoas. As novas gerações acabam por aprender a

língua portuguesa como primeira língua. Os problemas relacionados ao preconceito reforçado por ideias de inferioridade cultural, por não ser a língua em posição de prestígio, fazem com que a comunidade local não mantenha a língua em uso nas situações cotidianas. Isso acelera ainda mais o processo de apagamento cultural e extinção da língua. Apesar de todas as dificuldades, alguns projetos surgem como um meio de tentar reverter, por mínimo que seja, a precária situação em que a língua se encontra, como o “Programa Sou Bilíngue” e o “Campeonato da Língua Paumarí”.

O “Programa Sou Bilíngue”, fundado pelo professor Edilson Paumarí, surgiu como uma tentativa de preservação da cultura e da língua Paumarí. Dentro desta esfera, uma tentativa de resistência foi a criação do Campeonato da Língua Paumarí. No campeonato, diversas aldeias competem entre si ao contar histórias do povo, integralmente em língua Paumarí, com danças e cantos, e as melhores histórias são avaliadas por um júri das próprias comunidades. Ocorridas diversas edições do campeonato, os professores e organizadores enfrentam dificuldades orçamentárias, sobretudo pela falta de apoio governamental. Abaixo, um relato de Edilson Paumarí sobre o projeto:

A nossa iniciativa é importante também porque se criou dentro da Terra Indígena, criada entre o povo. Nós achamos muito importante esse trabalho de incentivo e a valorização da língua e esses materiais didáticos. Precisamos do apoio das universidades também, das instituições porque isso faz parte da educação também e as universidades também trabalham com educação, então, a gente gostaria tanto que a gente trabalhasse junto. A gente depende também do poder municipal, a gente vê que, às vezes, deixa muito a desejar a parte do poder municipal porque, de qualquer maneira, nós fazemos parte do município e o município tem o dever de fazer esse papel pra nos apoiar nessa área de educação diferenciada verdadeiramente.

(MAXIMIANO, 2018, p.11 apud D’ÁVILA, 2019, p. 88)

Mesmo sem apoio, o Campeonato da Língua Paumarí parece trazer um fôlego maior na questão da vitalidade da língua. Isso integra o povo da aldeia e da cidade, sejam eles Paumarí, sejam outros povos da região do Purus.

## 2. ASPECTOS GERAIS DA GRAMÁTICA PAUMARÍ

### 2.1. Categorias gramaticais em Paumarí

O *nome* em Paumarí pode ser facilmente identificável como a classe passível de receber morfemas de posse, morfemas explícitos de Caso (ergativo *-a*, acusativo *-ra*, oblíquo *-a*), de acompanhar os demonstrativos em posição pós-verbal (*ida*, *ada*, *hida*, *oni*, etc.), além de serem passíveis de receber os morfemas de gênero. Não há marcação expressa de número em Paumarí. Podemos observar um exemplo dos nomes na língua na sentença a seguir:<sup>1</sup>

1) <b>Koko</b> -a	bi-saka-ha	ada	<b>makha</b> -Ø.
tio-ERG	3Sg-bater-Mod	Dem.masc	cobra-Abs

“O tio bateu na cobra. ”

(CHAPMAN, 1978, p. 7, adaptado)

A categoria *verbal* apresenta-se de maneira bastante produtiva na língua, por meio da concatenação, às raízes, de morfemas de mudança de valência, como intransitivizadores, aplicativos e causativos, por exemplo. Além disso, em construções mais simples, observa-se a presença de morfemas como *ki/ha/hi/ja*. Ainda pouco estudados no âmbito da linguística formal, estes sufixos sempre ocorrem em sentenças afirmativas, sendo *hi* de gênero feminino e *ha* de masculino, e geralmente ocorrem em concordância de gênero com o demonstrativo que os segue, e o nome em Caso absoluto. Os sufixos *ki* e *ja* ocorreriam em ambos os gêneros, e não se sabe com certeza a distinção semântica/sintática entre os dois grupos; parece que *ki* ocorre apenas em afirmativas e *ja* em sentenças enfáticas e interrogativas. São chamados na literatura descritiva de Chapman & Derbyshire (1991) de “sufixos terminais”. Adotaremos em nossa análise o termo “modal”, seguindo o padrão adotado por Vieira (2006), como demonstrado nos exemplos em (2a) com o sufixo *ki*, (2b) com sufixo *hi* e (2c) com o sufixo *ha*.

2)

<sup>1</sup> A terminologia na glosa e nos exemplos que vamos adotar durante seção atual serão as utilizadas pelos trabalhos de Chapman & Derbyshire (1991) além das contribuições e alterações realizadas em Vieira (2006) e Oliveiras (2008). Não demonstraremos as categorizações nominais e verbais sem marcação explícita (Ø), o símbolo √ para raízes, ou o termo LEVE, de verbos leves, mas AUX, de auxiliares. As novas nomenclaturas serão adotadas apenas em nossa análise (ver Seção 6).

a) jaha-**ki**      ‘ida<sup>2</sup>      gora-Ø.  
 Limpa/boa    Dem.Fem    casa-Abs  
 “A casa está limpa. ”

b) abini-**hi**    ida              ‘arakava-Ø.  
 morrer-Mod    Dem.fem      galinha-Abs  
 “A galinha morreu”

c) vithi-**ha**              ada              isai-Ø.  
 sentaar-Mod      Dem.masc      criança-Abs  
 “O menino sentou. ”

(CHAPMAN, 1978, p. 23,25,35, adaptado)

Para Chapman e Derbyshire (1991), o Paumarí parece apresentar consistentemente apenas as duas categorias citadas: *nome* e *verbo*. Categorias como adjetivos e advérbios, por exemplo, apresentam-se geralmente em uma estrutura verbalizada ou nominalizada, dependendo do contexto sintático em que se enquadram. Segundo Salzer & Chapman (1997), os adjetivos formam uma pequena classe nas quais morfemas verbalizadores não são aplicados. Percebe-se que, na maioria dos casos, esses elementos ocorrem em uma estrutura verbal.

3) a-’**bo’da**-ki              hida              ava.  
 Intrans-**velho**-Mod      Dem.fem      madeira  
 "Esta madeira é velha.

(SALZER & CHAPMAN, 1997, p. 13, adaptado)

## 2.2. Sistemas de Caso

O Paumarí é tipologicamente classificado como uma língua polissintética, e detém uma morfologia de alta produtividade, com núcleos funcionais verbalizadores, aspectuais, causativos e aplicativos. Por ser uma língua ergativa-absolutiva cindida, coocorrem os sistemas

---

<sup>2</sup> O diacrítico /‘/ é tratado em Chapman e Derbyshire (1991) e Chapman (1978) como uma marca de parada glotal.

de Caso nominativo-acusativo junto de sistemas Ergativo-Absolutivo em certos contextos sintáticos.

Para uma melhor tipificação, adotaremos as nomenclaturas dos três primitivos definidas por Dixon (1994), a saber:

S = refere-se ao sujeito de verbos intransitivos;

A = refere-se ao sujeito de verbos transitivos;

O = refere-se ao objeto de verbos transitivos.

De modo geral, a construção em que o sujeito de um verbo intransitivo (S) se comporta morfológica e sintaticamente semelhante ao objeto de um verbo transitivo (O), porém de maneira distinta do sujeito de verbos transitivos (A), é chamado de Sistema Ergativo-Absolutivo (S = O).

Observando os exemplos abaixo em dyrbal, entenderemos melhor tais classificações:

4)

a)  $\eta$ uma [S] banaga-nyu.

pai-Abs retornar-NFut

“O pai retornou. ”

b) Yabu [O]  $\eta$ uma-ngu [A] bura-n.

Mãe-Abs pai-Erg ver-NFut

“O pai viu a mãe. ”

(DIXON, 1994 apud COON, 2013)

Há uma oposição ao comportamento argumental do sistema nominativo-acusativo quanto ao comportamento dos sujeitos, tanto em verbos transitivos quanto intransitivos (A = S), caracterizando um sistema nominativo-acusativo. O exemplo abaixo em quechua ilustra a ocorrência de Casos nominativo e acusativo:

5) a) Misi [S] punyu-rqo-n.

Gato.Nom dormir-Psd-3Sg.

“O gato dormiu. ”

b) Misi [A]           yaka-ta [O]   ujya-rqo-n.  
gato-**Nom**        água-**Acc**     beber-Psd-3Sg

“O gato bebeu água.”

(GALLAGHER, 2012 apud COON, 2013)

Conforme observado por Chapman & Derbyshire (1991), o Paumarí demonstra um comportamento similar aos já registrados em línguas ergativas, coexistindo também o sistema de caso nominativo-acusativo. Esses casos são distinguíveis por conta da atribuição de Caso motivada pela ordem dos constituintes. A ordem básica da língua segundo Chapman & Derbyshire (1991) é sujeito-verbo-objeto (SVO) em construções transitivas e verbo-sujeito (VS) em construções intransitivas. Nessas ordens, ocorre manifestação do sistema ergativo-absolutivo, e o sujeito transitivo (A) é marcado com o sufixo *-a*, de caso ergativo, ao passo que o objeto (O) e o sujeito intransitivo (S) ocorrem precedidos pelo demonstrativo e marcados com caso abstrato. Outra marca de ergatividade é o verbo concordar em número e pessoa com o sujeito transitivo de 3ª pessoa, além de concordar em gênero com o objeto do verbo transitivo e com o sujeito do verbo intransitivo. Observe:

6)

a) Mamai-**a**       bi-n-oba-**hi**           **ida**       ava-pa'itxi-**Ø**. (SVO)  
mãe-**Erg**       3Sg-Causa-cortar-Mod Dem.fem   árvore-pequena-**Abs**

“Mamãe lavou a roupa.”

b) Abini-'i-hi           ida           arakava-**Ø**. (VS)  
morrer-Asp-Mod     Dem.fem     galinha-**Abs**

“A galinha morreu.”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 250 e 302, adaptado)

No padrão nominativo-acusativo, o sujeito transitivo (A) ocorre também com determinante exposto. Além disso, se manifesta em ordem pós-verbal, engatilha concordância de gênero no sufixo verbal e o objeto sufixado com *-ra*, de caso acusativo, precede o verbo, derivando a ordem objeto-verbo-sujeito (OVS). Nesse ambiente, não há concordância número-pessoal com nenhum dos argumentos, como ilustra o exemplo em (7a). Também é possível a



ordem sujeito-objeto-verbo (SOV): neste tipo de ordem, o sujeito transitivo (A) precede o objeto (O), não apresenta determinante expresso, nem engatilha concordância de gênero (7b).

7)

a) ho- <b>ra</b>	ka-ihamahi- <b>ha</b>	<b>ada</b>	isai- <b>Ø</b> . (OVS)
1sg-Acc	Apl-zangar.se-Mod	Dem.masc	menino- <b>Abs</b>

“O menino se zangou comigo. ”

(CHAPMAN, 1978, p. 20, adaptado)

b) Mamai- <b>Ø</b>	ho- <b>ra</b>	baranaha-i’-hi. (SOV)
mãe-Nom	eu-Acc	chamar-Asp-Mod

“Mamãe me chamou. ”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 296, adaptado)

### 2.3. Núcleos funcionais

O Paumarí é uma língua rica em conteúdo morfêmico, mostrando-se um ambiente rico para análise com a base da Morfologia Distribuída. Como analisado e explicado por Vieira (2006), há um número bem expressivo de núcleos funcionais de manipulação argumental, como núcleos aplicativos e causativos no Paumarí.

O morfema *na/n-* exemplificado em (8b) e (9b) é um causativo que introduz argumentos externos a praticamente todos verbos intransitivos.

8)

a) voroni-’i-hi	ida	kidi-hado- <b>Ø</b> .
caiu-Asp.-Mod	Dem.fem	dele-faca-Abs

“A faca dele caiu. ”

b) bi- <b>na</b> -voroni-ki	ida	hado- <b>Ø</b> .
3Sg- <b>Causa</b> -caiu-Mod	Dem.fem	faca-Abs

“Ele derrubou a faca. ”

9)

a) vithi-ha                      ada                      isai-Ø.  
     sentar-Mod                      Dem.masc                      menino-Abs

“O menino sentou”

b) o-**na**-vithi-ha                      ada                      isai-Ø.  
 1Sg-**Causa**-sentar-Mod                      Dem.masc                      menino-Abs

“Eu sentei o menino” (=fiz o menino sentar)

(Chapman & Derbyshire, 1991)

Como demonstrado por Oliveiras (2008), a língua permite causativizadores em todos os tipos de verbos intransitivos, sejam inergativos ou inacusativos. Isso sustentaria a hipótese da autora de que o Paumarí não distingue classes de intransitivos, tratando todos os verbos monoargumentais como inacusativos, o que geraria o sistema Ergativo-absolutivo, pois nas sentenças intransitivas o sujeito (S) receberia o caso Abs e nas transitivas causativizadas, o caso Abs seria aplicado ao objeto (O) da oração. Porém, segundo Galván (2014), essa proposta pode estar equivocada devido à existência do sistema de caso nominativo-acusativo na língua, que permite um comportamento sintático similar entre sujeito de intransitivas (S) e sujeito de transitivas (A).

Além disso, como inicialmente analisado por Vieira (2006), a língua utiliza-se do aplicativo descontínuo *ka...hi* (10b e 11b) para introduzir um agente e um objeto no papel de beneficiário em dois tipos de construções: em construções transitivas ou construções intransitivas de mudança de estado; este aplicativo nunca pode ser introduzido em construções intransitivas de ação, pois precisaria de um argumento interno para ser aplicado, caracterizando-se como verbo intransitivo inacusativo. Segundo Galván (2014), seria mais um indício da diferenciação de classes de intransitivos na língua.

10) a) jomahi-a                      bi-khori-ki                      hida      nami-Ø.  
     cão-Erg                      3sg-cavar-Mod                      Dem      terra-Abs

“O cão está cavando a terra. ”

b) ho-ra	Ø- <b>ka</b> -khora <sup>3</sup> - <b>hi</b> -vini	hi-ni	ida	nami-Ø.
1Sg-Acc	3sg- <b>Apl</b> -cavar- <b>Apl</b> -Mod	aux-Mod	Dem	terra-Abs
“Ele cavou a terra para mim. ”				

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 298 e 303, adaptado)

11) a) abini-’i-hi	ida	arakava-Ø.
morrer-Asp-Mod	Dem.fem	galinha-Abs.
“A galinha morreu”		

b)ho-ra	<b>ka</b> -abini- <b>hi</b> -vini	hi-ki	ida	arakava-Ø.
1Sg-Acc	<b>Apl</b> -morrer- <b>Apl</b> -Mod	Aux-Mod	Dem.fem	galinha-Abs
“Ele matou a galinha para mim. ”				

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 302, adaptado)

O Paumarí também apresenta a ocorrência de morfemas intransitivizadores. Os morfemas *a/ha/vaha* quando acrescentados à raiz de verbos transitivos reduzem a valência verbal em um argumento, gerando um verbo intransitivo. Observe os exemplos em (12) e (13):

12) a) Mamai-a	bi-soko-ki	hida	makari-Ø.
mãe-Erg	3SG-lavar-Mod	Dem.fem	roupa-Abs
“A mãe lavou a roupa. ”			

b) Soko- <b>a</b> -ki	hida	mamai-Ø.
lavar- <b>Intrans</b> -Mod	Dem.fem	mãe-Abs
“A mãe está lavando. ”		

13) a) Jomahi-a	bi-khora-ki	hida	nami-Ø.
cachorro-Erg	3Sg-cavar-Mod	Dem.fem	terra-Abs
“A cachorra cavou a terra”			

<sup>3</sup> Nos dados coletados de Chapman & Derbyshire (1991), algumas das ocorrências de “cavar” são *khor* e outras *khor*; segundo os autores, a raiz tem uma alteração fonológica de /i/ para /a/ devido a presença do aplicativo descontínuo *ka...hi*.

b) khora-**ha**-ki                      hida                      jomahi-Ø.  
 cavar-**Intrans**-Mod                      Dem.fem                      cachorro-Abs

“A cachorra está cavando. ”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 298, adaptado)

A mesma estrutura verbal inergativa em (12b) pode ser utilizada como verbo intransitivo inacusativo, dependendo do traço de animacidade do DP que ocupa a posição de sujeito. Os exemplos tratados em (14a) e (14b) ilustram esse fato:

14) a) Soko-**a**-ki                      hida                      makari-Ø.  
 lavar-**Intrans**-Mod                      Dem.fem                      roupa-Abs

“A roupa está lavando. ”

b) khora-**ha**-ki                      hida                      nami-Ø.  
 cavar-**Intrans**-Mod                      Dem.fem                      terra-Abs

“A terra está cavando. ” (= “A terra está sendo cavada”)

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 298, adaptado)

### 3. A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

#### 3.1. Introdução ao modelo

A Morfologia Distribuída (doravante MD) é um modelo de gramática computacional surgido durante dos anos 1990, tendo como principal idealizador Alec Marantz, além de outros importantes contribuidores como Morris Halle, R. Folli, Heidi Harley, Liina Pylkkänen, dentre outros. As principais ideias foram estruturadas em Halle & Marantz (1993), Marantz (1997), Arad (2003) e Pylkkänen (2002). O modelo surge como uma grande quebra de paradigmas frente aos modelos vigentes lexicalistas, ao trazer uma noção de léxico diferente da visão adotada até então. O léxico, que durante as décadas de 1970 e 1980 foi tomado como um grande repositório de palavras, passou a ser visto com um papel mais secundário na computação gramatical no modelo da MD. A computação sintática passa a ter uma centralidade no modelo, em detrimento aos processos e regras do léxico definidos por Halle (1973), Chomsky (1981,1995) e Jackendoff (1975,1996).

O modelo propõe três listas “distribuídas”, que separariam as informações gramaticais das informações fonológicas e semânticas, além de propor o conceito de Subespecificação e inserção tardia dos expoentes fonológicos e a *Syntax All the Way Down* (HALLE & MARANTZ, 1993). A ideia consiste da sintaxe em todos os níveis de derivação, não apenas em sintagmas e sentenças, mas também a sintaxe no nível da palavra, ao serem aplicadas todas as operações já utilizadas na sintaxe, como concatenar, mover e copiar.

Nas próximas subseções entraremos em mais detalhes nos principais conceitos da MD, por meio da revisão dos trabalhos seminais do modelo.

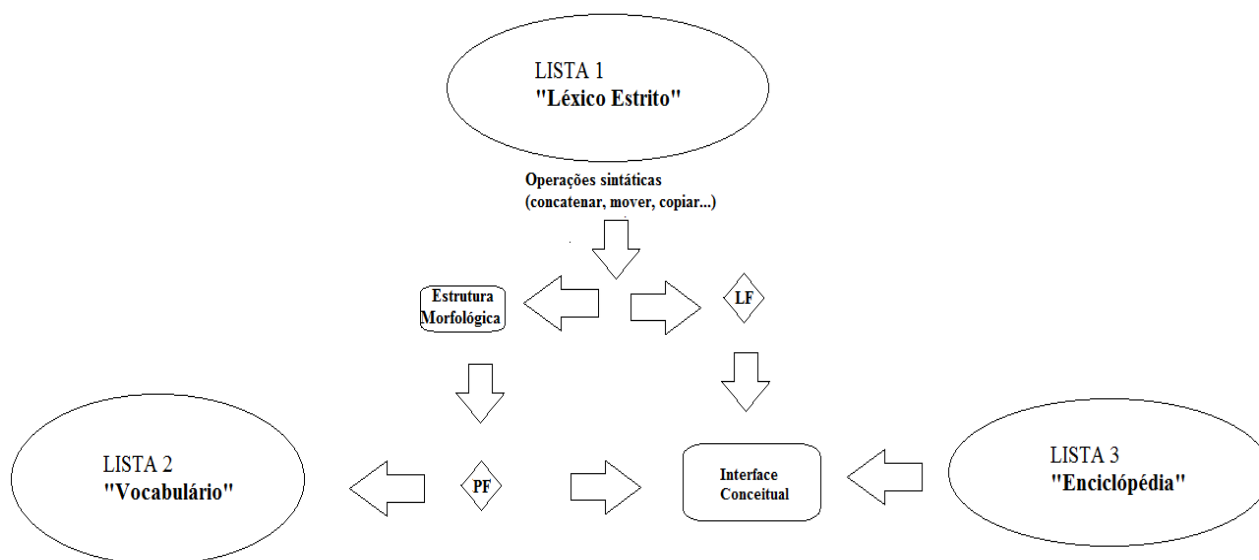
#### 3.2. Halle e Marantz (1993) e Marantz (1997)

Marantz (1997) critica fervorosamente os modelos lexicalistas e propõe mudanças drásticas na visão de gramática dos modelos que compunham a visão lexicalista vigente. Para o autor, o léxico seria um repositório apenas de elementos atômicos essencialmente funcionais e de raízes acategoriais, em contraposição ao postulado por Halle (1973), Jackendoff (1975, 1992) e Chomsky (1995). Eles propuseram uma centralidade maior ao léxico como repositório de palavras já formadas por meio de regras e processos, de modo que esse conjunto de palavras seria posteriormente inserido em sentenças por meio de operações sintáticas. Para Marantz

(1997) a computação sintática tem papel essencial na formação não apenas de sentenças, mas de toda a estrutura interna das palavras. Assim, a sintaxe atua na estrutura de sintagmas e sentenças, e da mesma maneira, na estrutura de morfemas e na composição interna das palavras, com interpretações tanto composicionais quanto idiomáticas.

O modelo proposto para a MD em Halle & Marantz (1993) propõe a criação de três listas que seriam acessadas de maneira distribuída ao longo da derivação sintática: a primeira, chamada de Léxico Estrito (ou puro), conhecida como Lista 1, compõe um repositório de feixes de elementos funcionais atômicos determinados pela Gramática Universal e de raízes ocas, acategoriais. A segunda lista, ou Vocabulário, é composta de itens de vocabulário que são pareados com os elementos funcionais abstratos trazidos da primeira lista, dentro da sintaxe. A terceira lista, ou Enciclopédia, é um repositório de significados, e nela reside a arbitrariedade do signo de Saussure e o conhecimento enciclopédico essencialmente extralinguístico, ou seja, os significados especiais de raízes ou de expressões idiomáticas tais como *Chutar o balde*, *engolir sapo*, etc. O esquema abaixo ilustra o modelo:

Figura 3: Esquema do modelo da Morfologia Distribuída



Fonte: criação própria, inspirado em Halle & Marantz (1993)

Para os autores, a computação sintática é central no modelo. Utiliza-se das operações básicas já conhecidas das teorias da Gramática Gerativa, como as apresentadas no modelo do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995, 2002). Assim, a operação de *Numeração* acontece entre a sintaxe e a Lista 1 para seleção dos elementos funcionais abstratos e as raízes

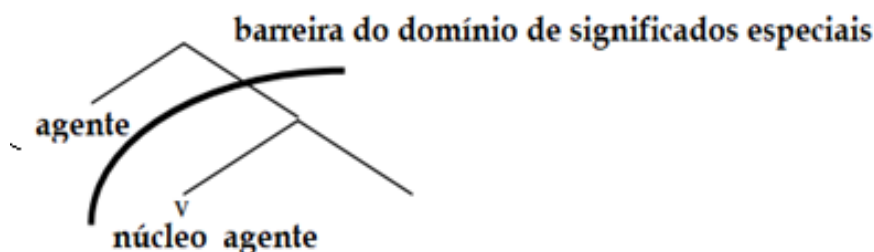
acategoriais, que compõem as sentenças e palavras a serem construídas. Operações de concatenar (*Merge*) e mover (*Move*) são aplicadas na sintaxe para a “montagem” de sua estrutura sintática.

A grande diferença dos modelos construcionistas (ou não-lexicalistas) como a MD e os antigos modelos projecionistas (ou lexicalistas) reside na posição em que a computação ocorre e os níveis de correspondência do momento de construção da palavra. Para os modelos construcionistas não há diferença entre sentença, palavra ou sintagma de um ponto de vista estrutural, tendo em vista que todos sofrem as mesmas operações e a palavra não carrega intrinsecamente um papel temático ou informações de valência, por exemplo, como no modelo projecionista de Jackendoff (1975) e Chomsky (1981, 1995).

Um dos grandes problemas encontrados pelas teorias projecionistas reside na análise de expressões idiomáticas. Jackendoff (1975) discute de maneira breve as possibilidades de entender como o léxico processaria esse tipo de construção. Para o autor, as diferentes entradas lexicais seriam determinadas por um conjunto de regras de redundância em palavras primordiais e derivadas, como no verbo “decide” e sua nominalização “decision”, por exemplo. O mesmo ocorreria para as expressões idiomáticas e termos com significados especiais. O autor postula que as regras de redundância seriam tanto morfológicas quanto semânticas, tendo diferentes entradas para diferentes expressões. Expressões como “bater as botas” ou “engolir sapo” teriam regras distintas e entradas lexicais próprias, diferentes das entradas e regras para o verbo “bater” e o verbo “engolir” respectivamente, que difeririam no conjunto de regras semânticas. O léxico seria um grande repositório de expressões, mesmo que o número de entradas comprometesse o princípio da economia ou elegância.

Para Marantz (1997) as expressões idiomáticas seriam formadas na sintaxe, assim como todas as outras estruturas; um a um, os morfemas abstratos e as raízes acategoriais seriam trazidos do Léxico Estrito para a derivação sintática: as raízes seriam categorizadas com morfemas funcionais e os fonemas e significados seriam negociados com o Vocabulário e a Enciclopédia, respectivamente. O significado seria idiomático, o que criaria uma barreira de domínio local aos outros nós da derivação. Uma expressão como “O homem velho bateu as botas” teria seu significado negociado de maneira local em “bater as botas”, mas não acessado pelo argumento externo “O homem velho”. O autor demonstra a barreira imaginária no seguinte esquema:

Figura 4: Barreira do domínio de significados especiais



Fonte: Marantz (1997, p.208, adaptado)

O autor propõe assim, três assertivas em volta de sua argumentação, a ver:

- Não existe expressão idiomática com agentes fixos;
- Não existem expressões idiomáticas com passivas eventivas, mas é possível que existam com passivas estativas não-eventivas;
- Não existem expressões idiomáticas com morfemas causativos e verbos agentivos mais baixos, mas é possível existir expressões idiomáticas com morfemas causativos e verbos não agentivos mais baixos.

(MARANTZ, 1997, p. 208-209, adaptado<sup>4</sup>)

Esse tipo de abordagem composicional defendido por Marantz se torna um pilar essencial para o entendimento das estruturas verbais complexas, como por exemplo, as idiomáticas, construções polissêmicas, além das construções com verbos leves, como será abordado na seção 4.

### 3.3. Arad (2003)

Arad (2003) discute as verbalizações em hebraico e inglês a partir de nomes e a partir de raízes. A autora analisa palavras como *hammer* e seus possíveis usos no inglês, seja em

<sup>4</sup> No original:

a) *No idioms with fixed agents (root in agent position, context for special meaning within the VP);*

b) *No eventive-passive idioms, but possible non-eventive stative idioms;*

c) *No idioms with causative morpheme and lower agentive verb, but possible idioms with causative and lower non-agentive verb.*



ambiente verbal, seja em ambiente nominal, e conclui que ambas as categorizações seriam realizadas diretamente das raízes.

As evidências, conforme Arad, decorrem do fato de sentenças como “He hammered the nail with a rock” (KIPARSKY, 1982 apud ARAD, 2003), serem perfeitamente gramaticais em inglês. Ou seja, neste exemplo, é independente do instrumento utilizado para se realizar a ação de *martelar*; a ação não é necessariamente atrelada ao significado de *hammer* como nome. Alguns exemplos adicionais podem ser vistos abaixo:

15)

a) I **paddled** the canoe with a copy of *The New York Times*.

“Eu remei a canoa com uma cópia do *The New York Times*”

b) **String** him **up** with a rope!

“Entrelace-o com uma corda!”

c) She **anchored** the ship with a rock.

“Ela ancorou o barco com uma pedra.”

d) He **hammered** the nail with a rock.

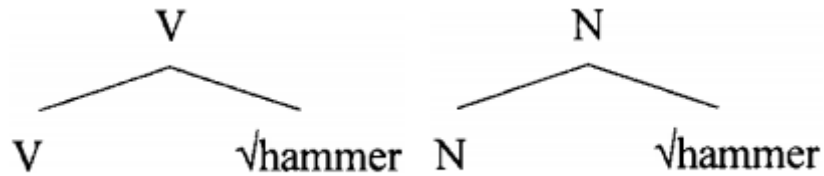
“Ele martelou o prego com uma pedra.”

(ARAD, 2003, p. 756, traduções próprias)

A categorização verbal das raízes mantém a gramaticalidade das sentenças, pois não há necessidade de se existir um nome cognato com relação semântica próxima. Nos exemplos, o verbo *to paddle* não exige um instrumento *paddle* diretamente relacionado, podendo ocorrer com o adjunto “copy of *The New York Times*”; o mesmo ocorre com os outros verbos como *anchor*, *hammer*, *string up*, permitindo assim a ocorrência de qualquer tipo de instrumento, tendo em vista a não relação da interpretação dada com um possível nome cognato.

A explicação apresentada em Arad (2003) para o comportamento sintático destas estruturas se baseia no conceito de fases; a primeira categorização encerraria uma fase, enviando para *spell-out* o verbo categorizado antes da construção do nó seguinte; dessa forma, a Enciclopédia atribuiria significado à expressão, sendo um domínio de localidade inacessível pelos próximos nós da derivação, garantindo a possibilidade de nomes não relativos a *paddle* ou *hammer*, no exemplo. A representação da categorização verbal e nominal nesse grupo é dada a seguir:

Figura 5: Categorização verbal e nominal da raiz “hammer”



Fonte: Arad (2003)

Segundo a autora, seguindo Kiparsky, a ação da raiz *hammer* categorizada com vezinho é interpretada como “bater em uma superfície lisa com um objeto sólido” e não “bater em uma superfície com um martelo”.

Já com o grupo de verbos abaixo, a situação é diferente:

16)

a) \*She **taped** the picture to the wall with pushpins.

“Ela adesivou o quadro na parede com tachinhas”

b) \*They **chained** the prisoner with a rope.

“Eles acorrentaram o prisioneiro com uma corda”

c) \*Jim **buttoned up** his pants with a zipper.

“Jim abotoou sua calças com um *zipper*.”

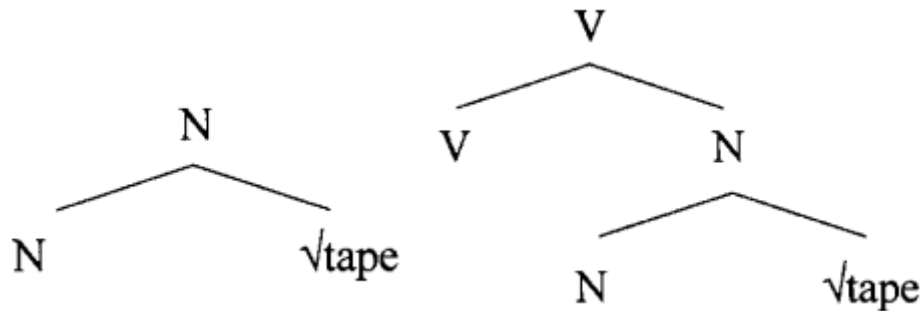
d) \***Screw** the fixture to the wall with nails!

“Aparafuse o lustre na parede com um prego!”

(ARAD, 2003, p. 756, tradução própria)

As raízes dos verbos apresentados por Arad, como *to tape/to chain/to button* são categorizadas com base na existência de um nome já existente; são recategorizadas assim, com um vezinho em um segundo momento e necessitam que o objeto esteja presente na derivação em uma ocorrência com adjunto/objeto cognato. O esquema a seguir ilustra a ocorrência:

Figura 6: Categorização nominal e recategorização verbal da raiz “tape”



Fonte: Arad (2003, p. 14)

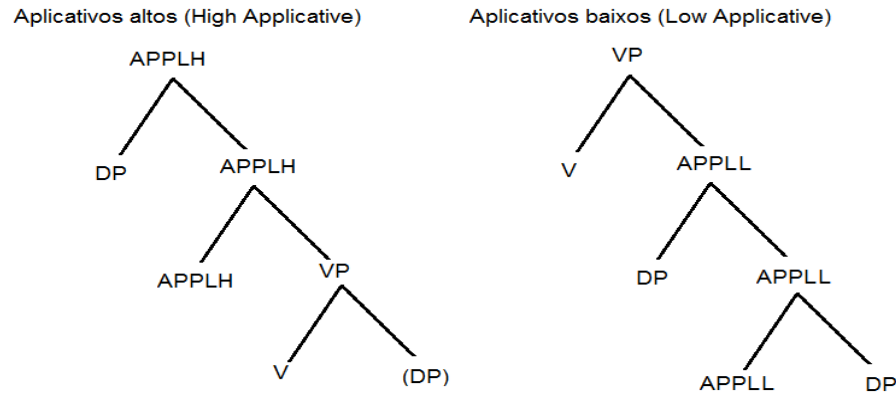
Segundo a autora, a agramaticalidade apresentada em “\*She taped the picture to the wall with push pins” decorre justamente do fato do verbo *to tape* ser categorizado após a nominalização do substantivo *tape*, carregando intrinsecamente um sentido semântico de uma “atividade que envolve a entidade *fita*”.

A autora realiza uma análise bem detalhada de categorizações nominais e verbal em hebraico. Ela analisa nomes deverbais, verbos denominais e categorização direto das raízes em diversas outras ocorrências.

#### 3.4. Pylkkänen (2002)

Pylkkänen (2002) analisa e compara diversas construções de núcleos funcionais aplicativos em línguas como inglês, japonês, finlandês, e os divide em duas categorias: aplicativos altos e aplicativos baixos, dependendo da posição em que se projetam sintaticamente. Os aplicativos altos teriam uma relação temática entre um argumento e o evento descrito pelo verbo. Os aplicativos baixos trazem a ideia de transferência de posse entre dois argumentos. O esquema abaixo ilustra esse comportamento.

Figura 7: Estrutura sintática dos aplicativos alto e baixo



Fonte: Pykkänen (2002 apud VIEIRA, 2006)

Para exemplificar brevemente os aplicativos, podemos observar o exemplo (17) abaixo, que ilustra aplicativos altos, encontrados na língua *chaga* que licencia um objeto beneficiário:

- 17) A) Na-y-lyi-**i**-a                                **m-kà**            k-élyá  
           Foco-1Sg-Pres-comer-**Apl**-Fv        **1<sup>5</sup>-esposa**      7-comida  
           “Ele está comendo para a esposa dele”

(BRESNAN & MOSHI, 1993 apud PYLKKÄNEN, 2002)

No caso do aplicativo baixo, podemos representar no caso do inglês, mesmo que não haja marcação expressa. Comparemos os exemplos em (18) a) e b):

- 18) a) I        wrote        a letter        to John.  
           1sg    escrevi        uma carta      para John  
           “Eu escrevi uma carta para John.”

- b) I        wrote -  $\emptyset$      John    a letter.  
           1sg    escrevi-**Apl**    John    uma carta  
           “Eu escrevi uma carta para John. ”

(PYLKKÄNEN, 2002, adaptado)

<sup>5</sup> Os números 1 e 7 demonstrados na glosa se referem aos marcadores de classes em Chaga. Mais informações, consultar Pykkänen (2002).

A autora ainda trata de núcleos causativos em sua proposta. Ela defende que esses núcleos não introduziriam, necessariamente, um agente externo Voz. Assim, haveria uma separação entre o licenciamento do argumento externo, através do núcleo Voz e o evento Causa.

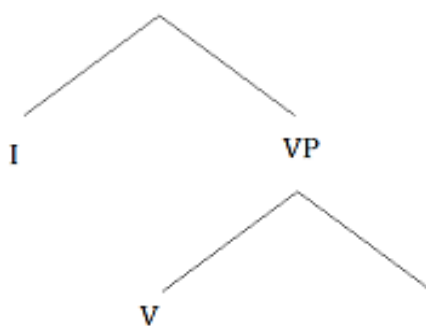
### 3.5. Medeiros (2008)

O autor realiza um estudo aprofundado acerca das formas participiais do português brasileiro, utilizando-se da Morfologia Distribuída como base teórica, analisando diversas construções de língua portuguesa como o particípio passado, ao estudar a voz passiva e os tempos compostos, além das nominalizações e participios com adjetivos. O ponto essencial de pesquisa é a questão da Subespecificação do item de vocabulário /d/ nessas construções.

Ao reinterpretar as análises propostas em Ippolito (1999), que analisa dados do particípio da língua italiana, o autor adota essencialmente que os traços flexionais, temporal, aspectual, modal, etc., possam ser núcleos sintáticos; assume também que o verbo auxiliar em construções passivas em PB é morfológico, isto é, não carrega feixe vizinho categorizador e uma raiz, diferente dos verbos plenos, que carregam.

O autor adota uma estrutura mínima exigida na sintaxe, apresentada por Ippolito (1999), demonstrada abaixo:

Figura 8: Estrutura sintática mínima

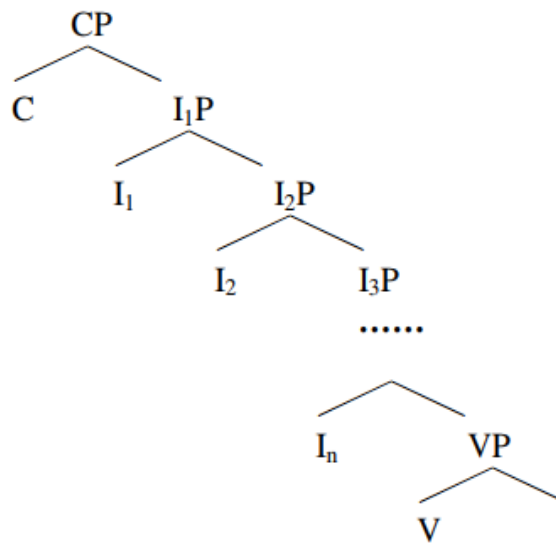


Fonte: Medeiros (2008 apud IPPOLITO, 1999)

Consonante à proposta da autora italiana, Medeiros toma como guia de sua análise para o particípio das passivas em português o conceito de que para cada vizinho presente na numeração, um núcleo flexional I deve estar presente; a recíproca não é verdadeira, podendo ocorrer diversos núcleos flexionais encadeados na representação sintática; qualquer núcleo flexional que seja selecionado pela numeração será adicionado à estrutura mínima e um domina

outro na árvore; o núcleo mais alto dominado por CP carrega traços de tempo e provavelmente de modo, além de ser um núcleo *default*; os núcleos seguintes carregam traços de tempo e aspecto, além do núcleo voz. Assume também que todos os verbos só se movam na sintaxe para o primeiro núcleo de flexão que o c-comande. (MEDEIROS, 2008). O autor adota a seguinte estrutura sintática:

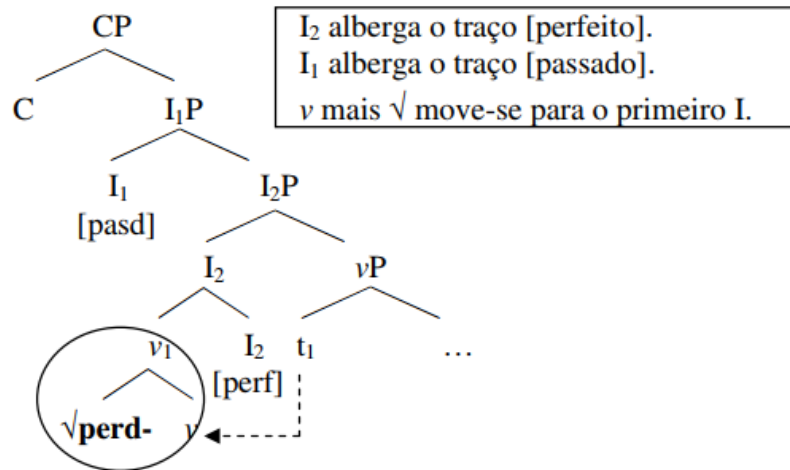
Figura 9: Estrutura sintática com IPs encadeados



Fonte: Medeiros (2008, p. 79, apud IPPOLITO, 1999)

Assim, para o autor, uma sentença como *João tinha perdido as chaves* teria uma representação sintática como a mostrada a seguir:

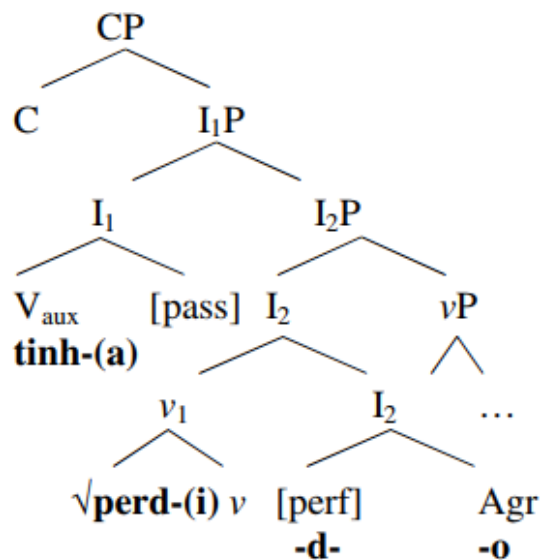
Figura 10: Estrutura sintática em “João tinha perdido as chaves”



Fonte: Medeiros (2008, p. 81)

Após a sintaxe realizar suas operações, a Estrutura Morfológica operaria na sentença. Operações como Fusão, Fissão, Empobrecimento e *Merger* Morfológico atuariam, nós dissociados seriam criados e os itens de vocabulário seriam inseridos nos nós terminais.

Figura 11: Estrutura morfológica em “João tinha perdido as chaves”



Fonte: Medeiros (2008, p. 82)

Nessa estrutura, o item de vocabulário /d/ seria, para o autor, subespecificado, por isso suas ocorrências em diversas construções distintas em português. Este seria o item *default*, que aparece em voz passiva (19a), tempos verbais compostos (19b), adjetivos (19c), dentre outros; para outras formas mais especificadas, o item *default* não é inserido, como a inserção de /s/ para alguns outros tipos de construção, como em (19d). (MEDEIROS, 2008)

19)

- a O bolo foi comido.
- b João tinha vendido o carro.
- c A maçã mordida apodreceu.
- d O jornal foi imprimido/impresso.



## 4. OS PREDICADOS COMPLEXOS

Nesta seção, revisamos as teorias voltadas para a análise dos predicados complexos, sejam auxiliares ou leves. Apresentamos uma revisão da Gramática Tradicional acerca dos verbos auxiliares e da Gramática Gerativa à luz de modelos projectionistas e constructionistas em relação aos auxiliares e sua distinção dos verbos leves.

### 4.1. Verbos auxiliares

#### 4.1.1. Auxiliares segundo a gramática tradicional

Os verbos auxiliares são verbos “suporte”, que ocorrem de maneira bastante produtiva na maior parte das línguas conhecidas. Na língua portuguesa, a maior parte das ocorrências de construções com verbos auxiliares são definidas nas gramáticas tradicionais como “locuções verbais”, ou “tempos compostos”. Na gramática de Rocha Lima (1972) em sua Gramática Normativa da Língua Portuguesa, exprime:

A fim de melhor se expressarem certos aspectos especiais não traduzíveis pelas formas simples já estudadas, possuem os verbos alguns tempos compostos, nos quais uma das formas nominais (infinitivo, particípio, ou gerúndio) é acompanhada de outro verbo, chamado AUXILIAR. São numerosos os auxiliares em português: querer (quero sair), estar (estou escrevendo), ficar (fiquei a contemplá-la), ir (a tarde ia morrendo), etc.

(LIMA, 1972, p. 183)

Assim sendo, as construções com o verbo lexical *querer* são tratadas da mesma maneira que verbos puramente auxiliares como *estar*. Não há uma verdadeira distinção entre verbos funcionais, modais, leves ou auxiliares, todos classificados de maneira semelhante, sem uma descrição clara de suas diferenças semânticas e sintáticas.

Além das estruturas citadas, os auxiliares são tratados na gramática tradicional como necessários para construções passivas, no caso do português, o verbo *ser*. Para o autor, “organiza-se a voz passiva com o verbo auxiliar *ser*, conjugado em todas as suas formas, seguido do particípio do verbo que se quer apassivar.” (LIMA, 1972, p. 189).

Diversos outros gramáticos e filólogos da língua portuguesa tentaram de alguma maneira classificar as ocorrências de auxiliares e seu estatuto dentre diversas construções

semelhantes. O critério semântico sempre foi o elemento gramatical mais utilizado para explicar a emergência de auxiliares na língua portuguesa e sua utilização como elemento verbal mais importante na análise das estruturas.

Said Ali (1964) analisou diversas construções auxiliares e suas possíveis mudanças históricas e perda semântica, com o verbo *ter* junto de uma constituição verbal de particípio. O autor define:

Desta concepção primitiva de dois atos diferentes, expressados pelo verbo TER e o outro pelo anexo predicativo participial, originou-se uma forma verbal composta pelo enfraquecimento ou apagamento da noção concreta de TER ao mesmo tempo que vinha avultando o adjunto como conceito precípua. Passou-se assim da justaposição de formas verbais simples, independentes e de igual valia, a subordinação de um elemento ao outro, considerando-se como verbo principal o particípio e TER como auxiliar.

(SAID, 1964, p. 161 apud SERRONE, 1992).

Serrone (1992) revisita a bibliografia clássica do tema para realizar uma análise dos auxiliares e das chamadas “locuções verbais” em português. O autor recorre a uma vasta bibliografia para realizar sua análise. Para ele, é inegável que a língua forma sequências verbais, e que o primeiro elemento dessa sequência se difere fundamentalmente do segundo, estando este em uma das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio. (SERRONE, 1992, p.35).

O primeiro elemento dessa construção complexa, para o autor, se torna essencialmente importante por conta da possibilidade limitada de verbos que podem ocupar esta posição. O autor propõe uma distinção entre *auxiliante* (ou *operador*) e *auxiliar* ao realizar testes utilizando diversos critérios. Neste sentido, *auxiliante* é o primeiro verbo que compõe uma estrutura com dois verbos, mas não se apresenta de maneira coesa e precisa em vista dos testes realizados (“João **queria** dançar valsa. ”, por exemplo); *auxiliar* é o verbo que aparece tratado como verdadeiramente auxiliar, aquele que não se enquadra nos testes realizados como um elemento predicador (“João **tinha** comprado bolo”, por exemplo), em oposição aos *auxiliantes* testados.

Ao embasar-se em Said Ali (1964) para essa conceitualização do que seria um auxiliar, utilizam-se de três critérios principais para a realização de testes gramaticais; são eles a) sujeitos diferentes, b) possibilidade de construção completiva, c) negatização.

O primeiro critério analisado, a) sujeitos diferentes, recorre a basicamente um teste anafórico. Se o sujeito do primeiro verbo e o sujeito do segundo verbo forem distintos, o autor conclui que há duas orações, e não uma locução verbal:

20)

- a) Mande estudar.
- b) (eu) Mande (x) estudar.

(SERRONE, 1992)

O segundo critério, b) possibilidade de construção completiva, é realizado através da mudança de forma nominal para uma oração finita precedida de conectivo:

21)

- a) Vi-a sair.
- b) Vi que ela saía

(SERRONE, 1992)

Para o autor, nos casos em que essa possibilidade é gramatical há ocorrência de duas sentenças, não uma locução verbal.

O terceiro critério é c) negatização. Este teste determina que a estrutura complexa não pode ser separada por uma negação:

22)

- a) Maria pode vir
- b) Maria não pode vir
- c) Maria pode não vir
- d) Maria não pode não vir.

Dessa maneira, o autor conclui que o verbo *poder* não deve ser classificado como auxiliar, ao contrário de uma sentença como “Maria está comendo” em comparação a “\*Maria está não comendo”, em que a agramaticalidade é observada.

Após suas análises, o autor defende que apenas os verbos *ter* e *haver* podem ser definidos como verdadeiramente auxiliares quando ocorrem como primeiro verbo de uma locução:

23) a) Ela tinha amado.

- b) \*Ela tinha tido amado.

- c) Ela havia amado.  
 d)\*Ela tinha havido amado.

(SERRONE, 1992, p.66)

Apesar dessa defesa, o autor se rende a diversas ocorrências dos verbos *ir* e *vir*, para classificá-los como auxiliares, dependendo do contexto em que se incluem. Realizando uma análise bastante influenciada pela gramática tradicional, o autor propõe que casos do tipo não passam de “polissemias”, por isso não seriam auxiliares perfeitos, apenas enquadrados nos critérios semânticos para tal; para o autor, os auxiliares seriam verbos que perderam toda sua carga semântica original. Sendo assim, após diversos testes e análises, as propriedades semânticas têm um papel fundamental para a classificação que o autor adota como a mais precisa para a distinção dos verbos auxiliares de outros verbos e construções.

#### 4.1.2. Auxiliares segundo a gramática gerativa

As características e propriedades gramaticais e seus estatutos começaram a ser melhor classificadas com o advento dos estudos da gramática gerativa em Chomsky (1957). Chomsky apresenta uma das primeiras classificações da linguística moderna para a distinção dos auxiliares. Através de regras sintáticas transformacionais, o autor propõe que os auxiliares teriam um nó próprio dentro da sintaxe que seria derivado por *Affix Hopping*<sup>6</sup>. O autor propõe assim que os verbos lexicais (ou principais) seriam uma classe chamada V e os auxiliares seriam uma classe chamada AUX.

Baseado no aporte teórico da Gramática Gerativa, tanto da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) quanto no Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), Lunguinho (2011) defende a hipótese de que os verbos auxiliares apresentam algumas características que os distinguiriam de outros elementos gramaticais e os definiriam como uma classe específica, sendo elas:

---

<sup>6</sup> Este processo moveria afixos “soltos” na estrutura para o radical verbal mais próximo, muito utilizado para casos de *Do support* em inglês. Mais informações em Chomsky (1957).

- a) Ter natureza verbal;
- b) Ter a presença de um traço verbal não-valorado [uV];
- c) Ter impossibilidade de atribuição de papel temático;
- d) Ter a formação de um único domínio oracional com o verbo principal.

(LUNGUINHO, 2011, p.4)

O autor defende que em português haveria apenas quatro verbos verdadeiramente auxiliares: *ser*, *ter*, *ir* e *estar*. Estes verbos seriam diferenciados dos verbos plenos da maneira como são introduzidos na sintaxe. Auxiliares não tem propriedades de S-seleção; assim não atribuem papéis temáticos nem manipulam a grade argumental, enquanto os verbos plenos podem.

24)

- a) O menino vai vender o brinquedo.
- b) O homem vai enviar a carta para a amada.
- c) A janela vai quebrar.

(Criação própria, inspirado em LUNGUINHO, 2011)

Observando tais sentenças, pode-se concluir que o verbo auxiliar *ir* não tem capacidade de manipulação argumental. Em (24a) o verbo *vender* é quem seleciona os dois argumentos, um no papel de agente (“o menino”), outro de tema (“o brinquedo”); em b) o verbo *enviar* seleciona três argumentos, um agente (“O homem”), um tema (“A carta”) e um beneficiário (“a amada”). Em c) tem-se uma sentença com verbo inacusativo, *quebra*, que seleciona apenas um argumento tema (“a janela”).

## 4.2. Verbos Leves

### 4.2.1. Verbos Leves em Modelos Gerativos Projecionistas

Os verbos leves são tradicionalmente definidos como verbos que detém um peso semântico quase nulo e ocorrem, em geral, em uma construção complexa: as construções com verbos leves (CVLs). Em muitos trabalhos tradicionais, estas construções são enquadradas em

um mesmo tipo de classificação que os auxiliares. Apenas a partir da definição dada por Jespersen (1965 apud Butt, 2003), possivelmente a primeira referência à categoria em uma gramática da língua inglesa. O autor traz a definição de verbos leves (*light verbs*, no original) como verbos que dão suporte ou auxiliam uma construção complexa que teria o significado de verbos plenos; construções como “take a rest”, “get a drive”, “give a pull”; todas elas funcionam em um predicado complexo, composto por um verbo e um sintagma nominal e teriam significado próximo ao de outros verbos plenos equivalentes como *to rest*, *to drive* e *to pull*.

Butt (2003, 2010) por sua vez, atualiza a definição clássica de verbos leves. Para a autora, as construções com verbos leves (CVLs) deveriam ser classificadas como uma classe sintática distinta, não apenas como um tipo de auxiliares ou verbos plenos predicativos. Essa interpretação é importante para os estudos subsequentes da área, na análise dos verbos leves e sua diferenciação dos verbos auxiliares e plenos. A autora utiliza-se de muitos argumentos em favor dessa separação, ao trazer diversos exemplos de construções de verbos leves em diversas línguas incluindo mandarim, urdu, inglês, francês, coreano, sânscrito, dentre outras, inclusive de um ponto de vista tanto sincrônico quanto diacrônico. Ela define algumas características dos verbos leves ao longo de sua análise, dada abaixo:

- a) Verbos leves são partes de um predicado complexo, isto é, dois ou mais núcleos sintáticos se combinam para formar uma única estrutura;
- b) Verbos leves tendem a ser monoclausais, isto é, fazem parte de uma sentença simples, não ocorrendo como sentenças encaixadas, e sem alçamento de sujeito, contribuindo para a predicação em seu próprio domínio;
- c) Verbos leves são diferentes de auxiliares e modais, apesar de se manterem em uma estrutura sintática com um núcleo v (vezinho);
- d) Verbos leves contribuem para a estrutura argumental da sentença;
- e) Verbos leves são elementos lexicais, mas não se comportam exatamente como verbos plenos, no que concerne à sua predicação.

(BUTT, 2003, p. 3 – 5, adaptado)

Observemos o exemplo abaixo em Urdu:

25)

a) Nadya-ne      Saddaf-ko      citthi      likh-ne      di.  
 Nadya.Fem-Erg    Saddaf.Fem-Dat    carta.Fem.Nom    escrever-Inf.Obl    dar-Perf.Fem.Sg  
 “Nadya fez Saddaf escrever uma carta.”

b) Nadya-ne      xat      likh      li-ya.

Nadya-Erg carta.Masc.Nom escrever-Inf.Obl tomar-Perf.Masc.Sg  
 “Nadya escreveu uma carta. (completamente)”

(BUTT, 1995 apud BUTT, 2003, p.5, adaptado)

Para a autora, as CVLs exibem semânticas lexicais sutis em relação aos verbos plenos e aos auxiliares. Segundo a autora, os verbos leves não carregam informações temporais e aspectuais, ao contrário dos verbos auxiliares, que detêm esta capacidade.

Duarte, Gonçalves & Miguel (2006) explicam que os verbos leves não são verbos funcionais, nem verbos auxiliares, tendo propriedades suficientes para caracterizá-los em uma estrutura complexa independente. Verbos leves não são verbos funcionais, pois é empiricamente demonstrado com exemplos do funcional *do* em inglês em (26).

26)

- a) John saw Peter but Mary did not.
- b)\*John saw Peter but Mary did not him.
- c)\*John saw Peter and it was Ann who Mary did not.

(DUARTE, GONÇALVES & MIGUEL, 2006, p.316)

Os exemplos acima demonstrariam que verbos funcionais não têm a capacidade de selecionar argumentos verbais, ou seja, a grade argumental não pode ser modificada por eles.

Gonçalves et al (2010) realizam análises das construções complexas com verbos leves em português europeu (doravante PE), em especial nas construções com verbos leves *dar*, *fazer* e *ter*. Observemos em (27) com o verbo *dar*:

27)

- a) Pedro deu o livro à Maria
- b) Foi a Maria que Pedro deu o livro.
- c) Foi o livro que o Pedro deu a Maria.

Ao utilizar-se de aparatos formais do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995, 2002), os autores verificam que os verbos leves possuem propriedades que permitem caracterizá-los

estruturalmente mais próximos dos verbos plenos do que de auxiliares em suas propriedades sintático-semânticas. Um resumo da análise é descrito abaixo:

- (i) os verbos leves são predicados, selecionando argumentos e impondo restrições sobre as classes aspectuais dos nomes com que se combinam;
- (ii) a sequência forma um predicado complexo;
- (iii) os verbos leves distinguem-se dos verbos plenos homônimos em virtude de alguns dos traços da sua estrutura aspectual se encontrarem subespecificados;
- (iv) a formação do predicado complexo ocorre na sintaxe, por meio da operação checking /agree dos traços aspectuais interpretáveis não valorados do verbo leve.

(GONÇALVES et al, 2010, p.463)

As características apresentadas tratam os CVLs como uma classe distinta da dos auxiliares dentro da Gramática Gerativa, mas utilizam-se de modelos projecionistas (lexicalistas). A seguir traremos algumas das definições e os principais trabalhos voltados para os modelos construcionistas, como a Exo-Esqueletal e o modelo da Morfologia Distribuída.

#### 4.2.2. Verbos Leves em Modelos Gerativos Construcionistas

Os modelos Construcionistas têm uma abordagem um pouco diferente dos projecionistas para abordar as CVLs, em especial no que tange a estrutura interna das palavras em um complexo verbal. Diferente das abordagens projecionistas, os estudos de âmbito não lexicalista não entendem que os verbos sejam derivados já formados do “léxico” em uma estrutura sintática, carregando uma grade argumental pronta ou conteúdos semântico e fonêmico.

Scher (2004, 2005) analisa a situação dos verbos leves em PB nas construções complexas de alta produtividade com o verbo “dar + N-ada”, como as construções “dar uma remada”, “dar uma incrementada”, “dar uma esfaqueada”, “dar uma lida”. No trabalho, a autora traz uma preocupação com o estatuto aspectual desse tipo de construção. Para ela, ser semanticamente leve de significado não significaria ser completamente vazio de material semântico.

28)

a) João explicou o problema.



- b) João deu uma explicação para o problema
- c) João deu uma explicada para o problema.

(SCHER, 2005 p.19, adaptado)

Nos exemplos levantados pela autora em (28), haveria uma distinção aspectual nas construções: em a) o verbo pleno “explicar” traria um entendimento muito mais durativo que as construções com verbo dar em b) ou c). Ainda, mesmo entre as construções leves, há essa diferença aspectual trazendo a ideia de “um pouco”, como a construção com verbo *dar* junto da nominalização *-ada*, carrega em c).

A questão da diferença aspectual pode ser observada claramente nos exemplos abaixo em (29) e (30):

29)

- a) A flor murchou
- b) A flor deu uma murchada

30)

- a) A Ana emagreceu.
- b) A Ana deu uma emagrecida.

(SCHER, 2005)

Em (29b) e (30b), o evento denotado pelo verbo *dar* com nominalização em *ada* acarreta uma interpretação parcial da ideia expressa pelos verbos plenos “murchar” e “emagrecer” em (29a) e (30a), respectivamente; a ideia de “uma parte de” é percebida pela intuição do falante.

A autora desenvolve um estudo analítico das propriedades aspectuais das classes vendlerianas em favor das construções em PB. Ao realizar testes de modalização com “um pouco”, percebe-se que o efeito de diminutivização gerado por predicados como “dar uma murchada” e “dar uma emagrecida” dependem diretamente de certas condições semânticas.

31)

- a) \*O João deu uma acreditada em Deus.
- b) \*O João deu uma alcançada no topo da montanha.

(SCHER, 2005 p.24)

Os exemplos (31a) e (31b) trazem uma carga aspectual que os impossibilita de exercer o mesmo tipo de CVLs que os exemplos anteriores. A eventualidade de ter traços de instantaneidade e de estaticidade restringem esses tipos de construções de serem produzidas.

Os traços que impedem a formação de uma CVL são, com certeza, os de estaticidade e telicidade intrínseca, além do estado do objeto atingido por uma eventualidade: um objeto construído ou um objeto consumido apresentam restrições à formação da CVL.

(SCHER, 2005, p.35)

Em um trabalho posterior, Scher (2006) retoma a análise das CVLs em PB através da construção “dar + N-ada”. Neste trabalho, em especial, a autora utiliza como norteador teórico a Morfologia Distribuída e apresenta diversos dados para a análise dos verbos leves através das formalizações que a MD propõe. Para a análise, a autora demonstra que existem dois tipos de construção com Dar + ada em PB. O primeiro tipo é expresso por uma construção que acarreta uma interpretação diminutivizada, como analisado em Scher (2005). Assim:

32)

- a) O João deu uma lida no artigo.
- b) O João leu o artigo.

33)

- a) O João deu uma martelada no prego.
- b) O João martelou o prego na parede.

34)

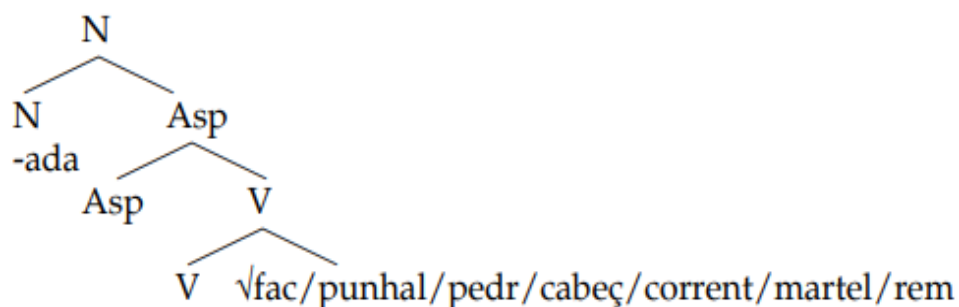
- a) O João deu uma remada até a margem.
- b) O João remou até a margem.

(SCHER, 2006 p.31)

Os exemplos acima ilustram o primeiro tipo de CVLs que a autora analisa. O contraste aspectual entre (32a) com a construção leve “deu uma lida no artigo” e o predicado transitivo “leu o artigo” em (32b) em sua forma plena, expressam uma ideia de incompletude ou rapidez no evento; já entre (33a) e (33b), o contraste entre “deu uma martelada” e “martelou o prego” traz uma ideia de realização instantânea, evento que ocorreu “uma vez”, na construção leve.

Em (34a) e (34b), “deu uma remada até a margem” tem um efeito de instantaneidade que a expressão “remou até a margem” não tem. A análise que a autora propõe é que esse primeiro tipo de construção com *dar*+ N-*ada* em PB apresenta um núcleo Asp além do núcleo V em sua derivação sintática.

Figura 12: Estrutura sintática do primeiro tipo de construção com dar + N-ada



Fonte: Scher (2006, p.39)

Scher analisa que as raízes como *rem-* em “remada” e *martel-* em “martelada” (e outras nominalizações como *apunhalada*, *esfaqueada*, *cabeçada*, etc.) sejam categorizadas diretamente em um verbo como “remar” e “martelar”, respectivamente. Para esse tipo de análise realizada, a autora retoma as análises de categorizações propostas em Arad (2003) que enriquecem a discussão acerca do fenômeno na distinção entre nominalizações que derivariam de uma categorização direta da raiz, de outras que seriam uma recategorização de outros nomes. Essa conclusão é importante para notar que esse tipo de construção categorizada da raiz não tem necessariamente relação direta com os nomes “remo” ou “martelo”. Desse modo, é possível criar sentenças como “João martelou o prego com uma tábua”, ou “O pescador remou para a margem com os braços.” A localidade encerrada com a primeira categorização impede que os próximos nós da derivação acessem diretamente os traços das raízes. Apenas após a derivação fechar o domínio de localidade verbal, Asp seria concatenada, representando a expressão aspectual que essas expressões denotam. Em seguida, a expressão é recategorizada em um nome com *-ada*.

O segundo tipo de CVL com *dar* N-*ada* defendido pela autora, apresenta diferenças cruciais em relação ao primeiro. São dados nos exemplos seguintes:

35)

a) O João deu uma martelada no ladrão.

b) \*O João martelou o ladrão.

36)

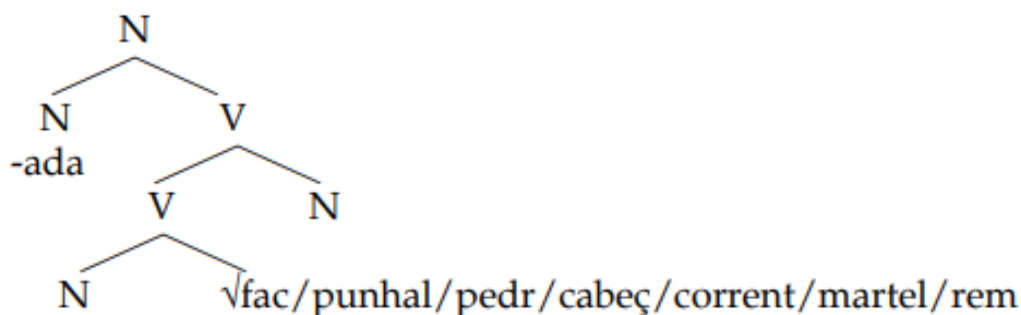
a) O João deu uma remada no ladrão.

b.) \*O João remou o ladrão.

(SCHER, 2006, p.32, adaptado)

Como se observa, as construções são aparentemente semelhantes às dos exemplos anteriores. Apesar de tudo, as construções leves “dar uma martelada” e “dar uma remada” não apresentam correspondentes em versões plenas, são atestadamente agramaticais. Essas construções trazem uma ideia de atingir “algo ou alguém”, representado nesses exemplos pelo complemento “no ladrão”. O problema que reside nessas construções com “remar” e “martelar”, dá-se pelo fato de que suas correspondências leves não acarretarem a ideia de diminutivização, segundo a autora. Assim, é proposta uma representação arbórea da seguinte maneira:

Figura 13: Estrutura sintática do segundo tipo de construção com dar + N-ada



Fonte: Scher (2006, p.41)

Como se pode observar, as raízes *martel-* e *rem-* (assim como outras como *fac-*, *punhal-*, *cabeç-*, etc.) são categorizadas diretamente para os nomes “martelo” e “remo”, respectivamente. Após esse passo, a autora propõe que sejam recategorizados com uma categoria verbal com o núcleo nulo. Mesmo derivadas de nome, tais estruturas também são eventivas, como foi visto nos exemplos. É importante ressaltar que as estruturas geradas têm relação direta com os nomes derivados; não podem, dessa maneira, gerar sentenças do tipo “\*O homem deu martelada no ladrão com uma tábua”, ou “\*A mulher deu uma remada no ladrão com a mão”, tendo em vista que os nomes carregam todos os traços das raízes a que são categorizados. Assim, Scher afirma: “coocorrência entre a nominalização e um nome derivado

de outra raiz, expressando o instrumento utilizado para o desenvolvimento da eventualidade denotada na sentença, é a razão para sua má-formação.” (SCHER, 2006, p.42).

É importante ressaltar que as CVLs não devem ser confundidas com as construções bitransitivas (CB), mesmo que sejam aparentadas de algumas formas segundo as análises tradicionais, em especial, por conta da grande produtividade das CVLs em PB com o verbo “dar”, que é tradicionalmente tomado como bitransitivo (verbo transitivo direto e indireto, em gramáticas tradicionais), nunca interpretados de forma distinta. Dessa maneira, Scher (2006) realiza diversos testes e demonstra que processos como da passivização e de formação de interrogativas podem demonstrar a diferença de uma CVL e CB com verbo *dar* em PB:

37) a) Kiko deu [uma florzinha] [para a avó Dália]

b) Uma florzinha foi dada (por Kiko) para a avó Dália

c) O que  $e_i$  o Kiko deu  $\_\_t_i$  para a avó Dália?

38) a) Kiko deu [uma espiada no computador da avó Dália ]

b) \* Uma espiada no computador da avó Dália foi dada (por Kiko).

c) \* O que  $e_i$  o Kiko deu  $\_\_t_i$  no computador da avó Dália?

(SCHER, 2004)

Como é possível observar no exemplo em (37) com uma CB, mesmo em passiva ou interrogativa, a gramaticalidade das sentenças é mantida; na sentença (38), com a ocorrência de uma CVL, não mantém sua gramaticalidade. Isso se deve ao fato, segundo a autora, de que em CVLs o complemento nominalizado em *ada* deve ser tratado como um predicador e não um argumento interno do verbo. Assim, em (27b) o complemento “uma espiada” não pode ser deslocado para a periferia esquerda da sentença na construção passiva, diferente da construção passiva em (26b), que o sintagma “uma florzinha” é, de fato, o argumento interno de uma construção bitransitiva.

Pederneira (2015, 2016) revisita as definições de verbos leves e reinterpreta as CVLs de um ponto de vista construcionista, com foco nos estudos do modelo Exo-esqueletal de Borer (2003). Para a autora, os mecanismos que capturam os comportamentos sintáticos fazem emergir o significado das expressões, a depender do tipo de evento em que a estrutura se encontra. Essa construção eventiva seria baseada diretamente no aspecto carregado pela construção, a ver: atividade, atividade instantânea, estado, mudança, causa. Para compreender

estes mecanismos, a autora recorre ao defendido por Folli & Harley (2004). As autoras, que defendem a análise da gramática do ponto de vista da MD, propõem que as alternâncias semânticas que as expressões com significados especiais carregam são determinadas por *vezinho*, que pode trazer traços aspectuais universais, determinados na GU e trazidos pela Lista 1. A esta assunção, as autoras denominam “Sabores de *vezinho*” (*v flavors*). Os “Sabores” seriam noções aspectuais que implicariam na manutenção semântica, dentro da estrutura derivacional sintática. Uma tipologia de Sabores é assim proposta: *vDo* (carregado por um sujeito agente, a depender da animacidade do sujeito), *vCause* (que seria carregado por sujeitos causativos, sendo eles animados ou não), *vBecome* (semelhante ao aspecto “state” de VENDLER, 1967).

Pederneira apresenta uma gama de exemplos em PB e seu estatuto de construções com verbos leves: *ter*, *fazer*, *jogar*, *dar*, *marcar*, *ficar*, dentre outros verbos. Observemos os exemplos abaixo:

39)

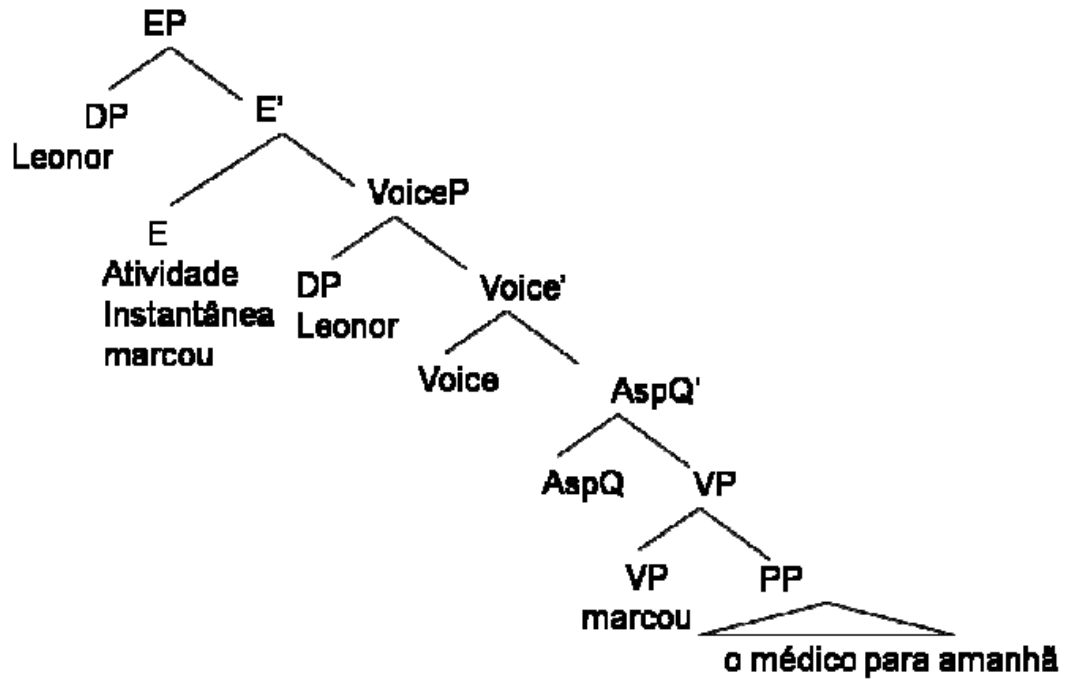
- a) Leonor marcou médico para amanhã.
- b) Maria ficou doente.
- c) Juliana jogou vôlei.
- d) Marcelo teve que ensinar tudo de novo.

(PEDERNEIRA, 2015)

Para a autora, em (39a) “marcar médico” é uma atividade instantânea; em b) “ficar doente” é um *become*; em c), a autora define o evento jogar como uma atividade; em d), “teve que ensinar tudo de novo”, é uma atividade que toma uma sentença CP como complemento.

É interessante notar no trabalho da autora, que qualquer verbo tem potencial para ser leve, não apenas os tradicionais leves em PB como *ter e dar*. As ferramentas que os modelos construcionistas de gramática proporcionam são fundamentais para caracterizar o estatuto das CVLs; segundo suas definições, nenhum verbo é intrinsecamente leve, pleno ou auxiliar. O exemplo (39a) confirma esta assunção, e é representado na estrutura abaixo:

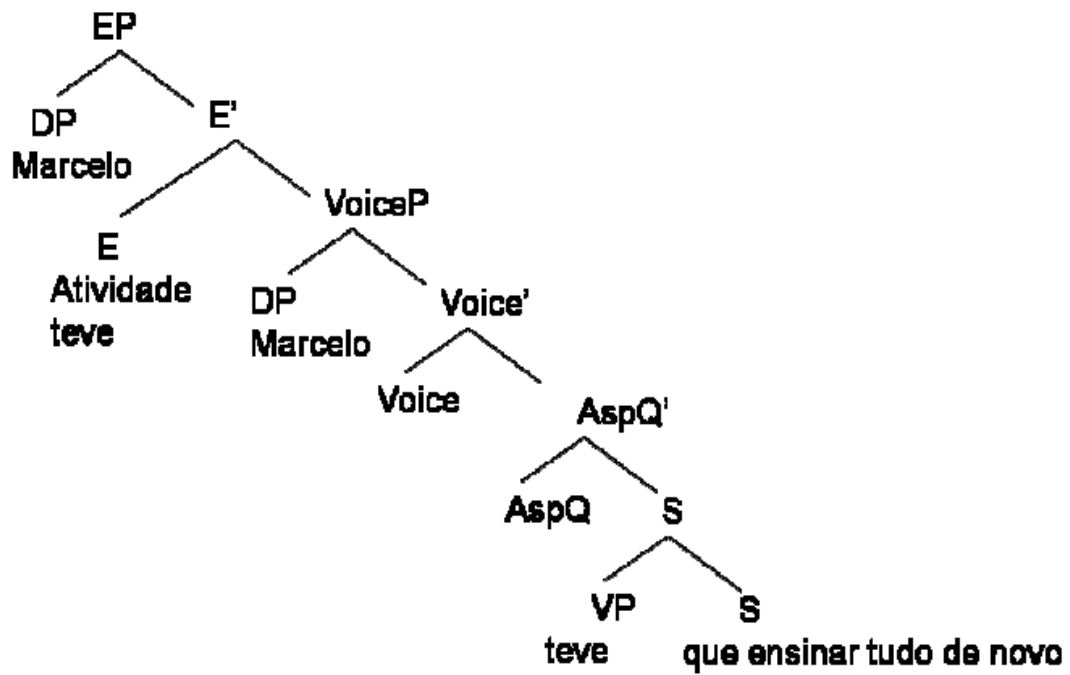
Figura 14: Estrutura sintática da sentença “Leonor marcou médico para amanhã.”



Fonte: Pederneira (2015, p.120)

Segundo a autora, os verbos leves não atuam apenas tomando complementos mais simples como DPs e PPs, podendo também tomar orações inteiras, como é o caso de (39d), representado a seguir:

Figura 15: Estrutura sintática da sentença “Marcelo teve que ensinar tudo de novo.”



Fonte: Pederneira (2015, p.109)

Neste exemplo, o verbo *ter* já categorizado, toma como complemento a sentença (S, ou CP) “que ensinar tudo de novo” como complemento, não apenas um DP como nas definições de verbos leves pelas teorias projetionistas. Isso abre uma gama de possibilidades para as CVLs na forma como são abordadas nas línguas do mundo em suas estruturas sintáticas.



## 5. OS VERBOS AUXILIARES EM PAUMARÍ

### 5.1. Ocorrências de *hi* e *ni*

Em Chapman & Derbyshire (1991), os autores registram a ocorrência de dois verbos que classificam na maior parte dos casos como “Auxiliares”: *hi* e *ni*. Além disso, há algumas ocorrências desses verbos como verbos plenos, como serão explicados e exemplificados nesta seção.

Vale salientar ainda que o Paumarí é uma língua com diversas ocorrências de afixos “homófonos” (segundo definição da gramática tradicional), isto é, há diversas ocorrências de afixos *hi* e *ni* que não se enquadram na classificação que os autores atribuem a eles.

29)

a) rakhaja-**hi**            abono...

planta-Nomlz        pessoa

“Aquele que planta...”

b) a'diahi-'i-**hi**            ida            kodi-bada-**ni**.

completo-Asp-Mod    dem            meu-trabalho-Nomlz

“Meu trabalho está completo”

c) **ni**-o-nofi-jana-ki            hida    makari.

Neg-1Sg-querer-mais-Mod    dem    roupa

“Eu não quero mais a roupa”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 221 e 265, adaptado)

O exemplo (29a) demonstra uma ocorrência do sufixo *hi* como sufixo nominalizador; no exemplo (29b) há a ocorrência de *hi* como sufixo modal<sup>7</sup>, concordando em gênero com o demonstrativo *ida*, além do sufixo *ni* com função de nominalizador. Já no exemplo (29c) *ni* aparece como um prefixo negativo.

Por mais que os exemplos existentes na literatura sejam muitas vezes confusos ou nebulosos em suas classificações, e que haja dificuldades em perceber as nuances das diferenças gramaticais de sufixos e prefixos “homófonos”, nos atentaremos em nossa análise principalmente aos casos em questão, ou seja, aqueles ocorridos em contextos verbais. Apesar disso, diversas vezes, perpassaremos pelas ocorrências de *hi* e *ni* não classificadas como auxiliares, seja por conta especificamente da Subespecificação de traços para inserção de itens de vocabulário (ver seção 6.1), seja por análises de categorização nominal (ver seção 6.2) e categorização verbal (ver seção 6.3). De maneira geral, no entanto, analisaremos os casos mais proeminentes classificados por Chapman & Derbyshire (1991) como verbos auxiliares e suas contrapartes plenas, quando possível.

## 5.2. Classificação geral dos verbos em Paumarí

Chapman & Derbyshire (1991) identificam e classificam dois grandes grupos de verbos em Paumarí. O primeiro grupo é o dos verbos que se *flexionam* diretamente na raiz. Dentro desse grupo podem se encaixar verbos como *giha* (grelhar), *abini* (morrer), *hado* (cortar), *nako'di* (procurar), *sajo* (ser afiado), *vithi* (sentar), *pororo* (escurecer), *ihamahi* (chatear), *noki* (ver), *riha* (emprestar), *asohi* (ser correto). Observemos os exemplos abaixo<sup>8</sup>:

30)

a) bi-**giha**-hi      ida      boda.

3Sg-**ralar**-Mod dem.fem      mandioca

---

<sup>7</sup>Como nos exemplos (29a), (29b) e (29c), as raízes (raízes no sentido tradicional, não no da MD, acategoriais) podem se concatenar a prefixos número-pessoais e a sufixos modais.

<sup>8</sup> Relembramos que a terminologia na glosa e nos exemplos que vamos adotar durante seção atual serão as utilizadas pelos trabalhos de Chapman & Derbyshire (1991), além das contribuições e alterações realizadas em Vieira (2006) e Oliveiras (2008), como já mencionado. As novas nomenclaturas serão adotadas na seção 6, nossa análise.

“Ele ralou a mandioca”

b) **bi-nako’di-hi**            ida            kidi-hado.

3Sg-**procurar**-Mod    dem.fem    dele-faca

“Ele procurou a faca dele”

c) **sajo-ki**            ida            jori.

**ser.afiado**-Mod    dem.fem    machado

“O machado é afiado”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 335, adaptado)

Um segundo grupo de verbos definido pelos autores são os que necessitam do verbo “auxiliar” *ni* em núcleo verbal para funcionarem corretamente, ocorrendo soltos na construção com *ni* como núcleo verbal. A esse grupo são atribuídos os verbos *vara ni* (falar), *gira ni* (mover-se), *viro ni* (balançar), *bara ni* (ser da cor escura), *bada ni* (trabalhar), *jodi ni* (sentar no topo), *khai ni* (ser feliz), *tootoo ni* (bater), *bavi ni* (alargar), *vada ni* (olhar para) e *daro ni* (inclinár), como exemplificado abaixo:

31)

a) **bavi**            bi-**ni**-’a-hi            ida            hagihi

alargar    3Sg-Aux-Apl-Mod    dem.fem    trilha

“Ele alargou a trilha”

b) **vara**            i-ra            o-**ni**-’a-’i-hi.

falar        2sg-Acc        1sg-Aux-Apl-Asp-Mod

“Eu te falo.”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 296 e 335, adaptado)

Vieira (2006) observa ainda que os verbos intransitivos do segundo grupo em Paumarí, que ela classifica como N+AUX, nunca aparecem prefixados com o causativo *na/n* (Ver seção 2). Por essa observação, a autora classifica os verbos do segundo grupo como sintaticamente inergativos por restringirem introdução de argumento externo pelo morfema causativo, possivelmente por já carregarem um argumento externo; para reforçar sua afirmação, a autora recorre aos pressupostos de Hale & Keyser (1991) que demonstram que os intransitivos inergativos de maneira universal são compostos de um nome mais um verbo leve, seja ele expresso ou não.

Veremos exemplos mais detalhados dos verbos de estrutura N+AUX na seção 6.

### 5.3. Ocorrências do verbo *ni*

O sufixo *ni* pode ocorrer em alguns casos como verbo pleno com significado de "dizer". Os exemplos abaixo atestam esse caso:

32)

a) **Ni**-hi        'ida        gamo.  
       **dizer**-Mod    dem.fem    mulher  
 "A mulher disse"

b) Ho-ra        **ni**-'a-hi        ida        gamo.  
       1sg-Acc      **dizer**-Apl-Mod    dem.fem        mulher  
 "A mulher me disse. "

(CHAPMAN, 1978, p. 20, adaptado)

Como mostrado nos exemplos, *ni* pode funcionar como um verbo com significado de *dizer*<sup>9</sup>, ocorrendo em um contexto intransitivo (32a), ou pelo aumento de valência por meio do aplicativo *'a* tornando-o um verbo transitivo (32b). Em (33) temos a comparação com o verbo

<sup>9</sup> Adaptamos como verbo "dizer" em português, tendo em vista a palavra original definida em Chapman & Derbyshire (1991) "say". Para uma tradução mais próxima da estrutura intransitiva em português, assim como em Paumarí, uma tradução mais apropriada poderia ser o verbo "falar", apesar de *vara+ni* já ser traduzido dessa maneira.

*falar, vara ni*, verbo classificado como do segundo grupo, segundo Chapman & Derbyshire (1991):

33)

a) Maria-ra      vara    o-**ni**-’a-ki      ho.  
 Maria-Acc    fala    1Sg-**Aux**-Apl-Mod 1Sg  
 “Eu vou falar para Maria”

b) vara    i-ra                  o-**ni**-’a-ki      ho.  
 falar    2Sg-Acc      1Sg-**Aux**-Apl-Mod 1Sg  
 “Eu vou falar para você”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 332, adaptado)

Chapman & Derbyshire (1991) relatam que o verbo *ni* é um auxiliar que aparece nas sentenças em núcleo de VP, acompanhando os verbos do segundo grupo. Observemos os exemplos abaixo:

34)

a)      **Tootoo**      bi-ka-**ni**-’a-’i-hi                  ida      bakatha.  
 Bater            3sg-Apl-**aux**-Apl-Asp-Mod    dem.fem porta  
 “Ele bateu na porta. ”

b)      Daro              kha-**ni**-ni                  ida      mesa.  
 Inclinar        Intrans-**aux**-Mod            dem.fem    mesa  
 “A mesa está inclinada”.

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 335, adaptado)

Os exemplos acima são ilustrações gerais da ocorrência de *ni* em Paumarí. Para os autores, o verbo pode ocorrer tanto em sentenças transitivas (34a) quanto em sentenças intransitivas com verbo principal “não flexionado<sup>10</sup>” *daró* (34b).

#### 5.4. Ocorrências do verbo *hi*

O verbo *hi* também é tratado como um auxiliar na maior parte dos casos demonstrados pelos autores. Nos exemplos abaixo, a ocorrências básicas deste verbo podem ser observadas:

35)

a) ho-ra            no'a-vini            **hi-ki**            ihai-a.  
1Sg-Acc        dar-Mod            **Aux-Mod**            remédio-Obl

“Ela me deu o remédio. ”

b) i-ra            o-ka-mona-hi-vini            **hi-ki**            hida            o-athi            ka-papira-ni  
2Sg-Acc    1Sg-Apl-dizer-Apl-Mod    **aux-Mod** dem    1Sg-mensagem Gen-papel-Nomlz

“Eu vou te dizer minha mensagem escrita. ”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 332, adaptado)

Chapman & Derbyshire (1991) observam que o “auxiliar” *hi* sempre ocorre em sentenças com a presença dos sufixos *ni/na* e *hi/ha/ki*, concatenados ao *hi*, e antecedido por *vini*. Para definir esses sufixos, os autores os classificam como “sufixos dependentes de fim de verbo” (“*verb final dependent suffixes*”). *Na/ni* ocorrem em sentenças intransitivas, *hi/ha/ki* em transitivas (*hi* concordando DP feminino, *ha* com masculino e *ki* nos dois) e *vini* em bitransitivas; Vieira (2006), por sua vez, chama esses núcleos funcionais de modais.

O verbo *hi* nestas construções é caracterizado por licenciar uma subordinação ou liberação de um terceiro argumento. A estas construções os autores chamam de *bitransitivas* na literatura citada.

O verbo “auxiliar” *hi*, além disso, vigora como auxiliar em sentenças passivas, segundo os autores. Podemos ver estas construções abaixo:

<sup>10</sup> Na seção 6, não adotaremos o termo verbo não-flexionado para o que os autores chamam de “segundo grupo” e sim chamaremos de nome N, adotando classificação inicial de Vieira (2006).

36) oba-hi                      **hi-**'iana-hi                      ida                      Kasai    mina'di-a  
 choque-Nomlz                      **Aux**-Asp.iter-Mod    dem.fem    Kasai    poraquê-Obl

“Kasai foi eletrocutada de novo pelo poraquê. ”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 181, adaptado)

Chapman & Derbyshire (1991) argumentam que o elemento *mina'di-a* é perfeitamente facultativo na construção, isto é, não aparenta ser um argumento verbal. Dessa forma, é um oblíquo com a marcação demonstrada através do sufixo *-a*. Comparemos com a sentença que os autores tratam como sua voz ativa correspondente:

37) mina'di    vani-a                      bi-n-oba-'iana-hi                      ida                      Kasai.  
 poraquê Foco-Erg    3Sg-Causa-choque-Asp.iter-Mod    dem.fem    Kasai.

“O poraquê eletrocutou Kasai de novo. ”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 181, adaptado)

Outros exemplos de passivas são demonstrados abaixo:

38)

a) Bi-noki-'a-ha                      ada                      isai                      anana-hi                      **hi**-na.  
 3sg-ver-asp-Mod                      dem.Masc                      garoto                      mordida-Nomlz    **Aux**-Mod

“Ele viu o menino sendo mordido”

b) Ni-o-noki-ki                      ida                      hado                      osa-hi                      **hi**-ni  
 Neg-1sg-ver-Mod                      dem                      faca                      levada-Nomlz                      **Aux**-Mod

“Eu não vi a faca sendo levada”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 181, adaptado)

## 5.5. Discussão

É interessante notar que Chapman & Derbyshire (1991) não têm uma definição muito clara do que seriam os verbos auxiliares, considerando os estudos de diversas linhas teóricas sobre o assunto, discutido na seção 4.

Muitos dos exemplos em Paumarí citados nesta seção trazem construções classificadas como auxiliares, porém, ao serem introduzidas nas sentenças exemplificadas, acarretam significativas mudanças morfossintáticas. Há a possibilidade de concatenação de núcleos aplicativos, introdutores de novos argumentos, além da possibilidade de concatenação dos núcleos aspectuais e modais a esses elementos “auxiliares”, que segundo a Gramática Gerativa, não teriam tal capacidade.

Para as definições dos modelos projecionistas, os verbos auxiliares podem trazer alguns elementos semânticos, apesar de não trazer grade argumental e de não poderem manipulá-la. Para os modelos construcionistas, que adotaremos como modelo de gramática em nossa análise, nenhum elemento inserido na sintaxe carrega semântica, apenas traços gramaticais. No caso dos verbos auxiliares, segundo analisado por Medeiros (2008) esses verbos seriam um fenômeno puramente morfológico<sup>11</sup>, ou seja, inseridos pós-sintaticamente, e por isso não teriam raiz, não afetariam a interpretação dada à estrutura, nem interagiriam com os argumentos.

---

<sup>11</sup> O autor analisa os verbos auxiliares nas formas participiais como passivas e tempos compostos, por exemplo.



## 6. ANÁLISE DOS VERBOS AUXILIARES EM PAUMARÍ

Nesta seção, realizaremos a análise os dados dos verbos auxiliares<sup>12</sup> apresentados em Paumarí, coletados dos trabalhos de Chapman (1978), Chapman & Derbyshire (1991) e Salzer & Chapman (1997). Os pontos principais que exploraremos são os seguintes:

- a) A Subespecificação de *hi* e *ni* em Paumarí;
- b) A categorização nominal em Paumarí;
- c) A categorização verbal em Paumarí;
- d) A ocorrência do verbo pleno *ni*, com sentido de “dizer”;
- e) A ocorrência do verbo *ni* em estrutura complexa;
- f) A ocorrência do verbo *hi* em sentenças de voz passiva;
- g) A ocorrência do verbo *hi* em estruturas verbais bitransitivas;

Utilizaremos as ferramentas da Morfologia Distribuída para nossas análises dos tipos de ocorrências demonstradas, em especial Marantz (1997, 2001), Pylkänen (2002), Arad (2003), Medeiros (2008), Scher (2006) e Pederneira (2015)<sup>13</sup>. Este modelo de gramática oferece ferramentas essenciais para o tratamento da estrutura argumental dos verbos, tendo em vista a gama de possibilidades que um mesmo verbo pode assumir. A MD oferece ferramentas mais adequadas para o estudo tanto da interface sintaxe-semântica quanto a interface sintaxe-fonologia. Adotamos o conceito de que as raízes sejam acategoriais e desprovidas de material semântico até serem categorizadas e seu conteúdo fonético-semântico atribuído pós-sintaticamente, ao fechar uma fase (MARANTZ, 2001; ARAD, 2003). Assumimos também que não são as raízes que projetam uma estrutura sintática (como nos modelos projecionistas/lexicalistas) e sim o contexto sintático em que se inserem, e seus núcleos categorizadores negociam seu conteúdo: o fonológico inserido tardiamente, por meio da lista 2, o Vocabulário; e o semântico, com significados especiais negociados na Enciclopédia, além dos significados composicionais, das palavras funcionais enviados a *Spell-out*. A subespecificação de traços gramaticais apresenta-se também como propriedade essencial para

<sup>12</sup> Adotaremos o termo “auxiliar” para nos referir aos verbos *hi* e *ni* até o momento preciso que os distinguirmos propriamente de “leves” em nossa análise.

<sup>13</sup> Apesar de utilizarmos especificamente a Morfologia Distribuída em nossa análise, o trabalho de Pederneira (2015) é particularmente importante por tratar de CVLs em PB por meio de um viés construcionista, ainda que se utilize do modelo Exo-esquelético, de Borer (2003).

nossa análise, tendo em vista o vasto número de ocorrências com expoentes fonológicos idênticos.

Além disso, adotamos que diversos núcleos funcionais introduzem e licenciam argumentos externos (KRATZER, 1996) e núcleos aplicativos (PYLKKÄNEN, 2002), vitais para o entendimento da estrutura sintática do Paumarí, especialmente nos verbos *hi* e *ni* de nossa análise.

### 6.1. Subespecificação de *hi* e *ni*

A subespecificação de itens de vocabulário é uma das propriedades mais essenciais dentro do modelo da Morfologia Distribuída. A propriedade prevê que as expressões fonológicas não precisam estar totalmente explicitadas para as posições dos nós sintáticos. Os nós terminais são os locais que mantêm uma especificação total dos feixes de traços, contendo traços sintático-semânticos totalmente especificados para cada nó terminal. Os itens de vocabulário, contudo, não precisam estar totalmente especificados e caso não sejam perfeitamente paráveis com os traços presentes, tomam como expoente fonológico o item *default* (EMBICK & NOYER, 2007).

A subespecificação em PB pode ser exemplificada para o item de vocabulário “estava”, por exemplo. Este item pode ocorrer com primeira, segunda ou terceira pessoas em PB: “eu/você/ele estava” sendo assim o item *default* de inserção.

Podemos indicar outro caso de item *default*, o /d/ que aparece em voz passiva (39a), tempos verbais compostos (39b), adjetivos (39c), dentre outros, realizando-se em diversos núcleos flexionais, em contextos sintáticos distintos, por conta da subespecificação de vocabulário; para outras formas mais especificadas, o item default não é inserido, como a inserção de /s/ para alguns outros tipos de construção, como em (39d), segundo Medeiros (2008):

39)

O bolo foi comido**d**o.

João tinha vendido**d**o carro.

A maçã mordida**d**a apodreceu.

O jornal foi imprimido**d**o/impresso.

(Medeiros, 2008, adaptação nossa)

A propriedade da subespecificação é essencial para analisar os casos em Paumarí que chamamos de “homófonos”. A língua apresenta incontáveis afixos com a mesma expressão fonológica, sejam eles verbais ou não. Para demonstrar algumas destas ocorrências, tomemos, por exemplo, os sufixos modais mais comuns em sentenças declarativas do Paumarí no seguinte esquema de traços que propomos, que leva em consideração o gênero e a transitividade verbal:

	[Transitivo]	[Intransitivo]
[Fem]	hi	ni
[Masc]	ha	na
[Ambos]	ki	-

Poderíamos considerar o material fonológico nesses casos de maneira separada, fonema por fonema, tendo em vista as operações como a de concordância que operam na Estrutura Morfológica (EM). Assim, um modal masculino intransitivo *na*, teria sua inserção de expoente fonológico /n/, em um nó e /a/ em outro nó, após certas operações morfológicas serem realizadas. Estes nós “quebrados” pós-sintaticamente são chamados de nós dissociados. Com base nesse esquema proposto, podemos estabelecer a seguinte inserção de expoentes em cada nó que competisse pela inserção da seguinte maneira:

[-Trans]	↔	/n/
[+Trans]	↔	/h/
<i>Default</i>	↔	/k/
[+Masc]	↔	/a/
<i>Default</i>	↔	/i/

Partindo desse princípio, propomos que os expoentes fonológicos *hi* e *ni* sejam subespecificados. Como analisaremos nas próximas seções, *hi* e *ni* aparecem em uma gama de contextos sintáticos, como categorizadores nominais e verbos leves. Levantamos, assim, a proposta de subespecificação dos itens *hi* e *ni*, que serão inseridos em diversos nós sintáticos como expoentes *default*, como veremos nesta seção.

## 6.2. Proposta de categorização dos nomes em Paumarí

Para realizar nossas análises acerca da categorização nominal, recorreremos aos trabalhos de Arad (2003), que se utiliza da MD como norteador teórico para realizar diversos testes de categorização nominal e verbal em hebraico e inglês. A autora analisa diversas raízes e seus processos de categorizações e recategorizações, demonstrando que tanto a semântica quanto a fonologia são processos pós-sintáticos, atribuídos composicionalmente - ou não, no caso de significados especiais, a cada fechamento de fase (MARANTZ, 2001) em seu domínio de localidade. Pretendemos também defender a hipótese de que umas raízes não pertencem a uma categoria verbal e outras a uma categoria nominal. Tomamos aqui a definição da MD, defendida em Marantz (1997), de que as raízes não possuem categoria própria, apenas são categorizadas ao serem inseridas em contextos sintáticos determinados. Defendemos, ainda, que a sintaxe ocorre durante todo o curso da derivação, inclusive dentro de palavras, utilizando-se das mesmas operações sintáticas de sintagmas e sentenças, como concatenar (*Merge*), mover (*Move*), copiar (*Copy*), etc. Com base nas discussões levantadas pelos autores, pretendemos estendê-las ao Paumarí.

Observemos os exemplos abaixo, relativos à nominalizações definidas por Chapman & Derbyshire (1991):<sup>14</sup>

40)

- a) a'díahi-'i-hi                      ida    kodi-√bada-**ni**  
       completo-Asp-Mod                dem    Meu-trabalho-**n**

“Meu trabalho terminou.” (= “está completo”)

- b) kodi-√rokhoja-**hi**.....  
       Minha-mastigação-**n**

“Minha mastigação” (= “aquilo que estou mastigando”)

---

<sup>14</sup> A partir destes exemplos desta seção, incluímos os símbolos “√” para todas as raízes que identificamos (exceto para os “auxiliares”, que veremos mais a frente), assim como “∅” para o caso de categorizadores nominais não expressos. Chamamos todos os nominalizadores da língua, a partir daqui de **n** (categorizador nominal).

- c)  $\sqrt{\text{bada-}\emptyset}$  o-ni-na.  
 Trabalho-**n** 1sg-aux-Mod  
 “Eu trabalho. ”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 265 e 297, adaptado)

- d)  $\sqrt{\text{abaisana-}\emptyset}$ -ra o-na-**badani**-ki.  
 peixe-**n**-Acc 1Sg-Causa-trabalho-Mod  
 “Eu preparei o peixe. ” (Lit. trabalhei no peixe)

(SALZER & CHAPMAN, 1997, p. 180, adaptado)

- e) 'o-ka- $\sqrt{\text{mitha}}$ -hi ida  $\sqrt{\text{saani-}\emptyset}$ .  
 1sg-Apl-escuto-Mod dem barulho-**n**  
 “Eu escuto o barulho”

(CHAPMAN, 1978, p. 21, adaptado)

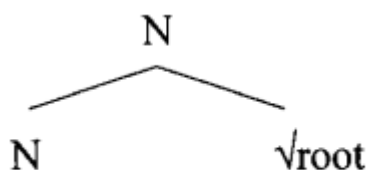
Pela observação dos dados em (40), notamos alguns pontos interessantes: em primeiro lugar, seguindo a definição de Chapman & Derbyshire (1991), o morfema *ni* ocorre tanto em posição de "auxiliar" no complexo V+AUX (40c), como um nominalizador, como nos exemplos em (40a) e *hi* como nominalizador em (40b).

Em segundo lugar, nota-se que quando há a ocorrência dos “verbos” citados como plenos, sem “auxiliar”, ou seja, em posição de núcleo verbal em (40d) e (40e), eles apresentam representações fonológicas distintas entre si: *badani* em (40d) em oposição a *mitha* (40e) <sup>15</sup>.

O que podemos observar com os dados apresentados é que as nominalizações em Paumarí ocorrem de duas expressões fonológicas distintas: /*ni/ e /hi/*, já registrados e facilmente observáveis, tendo em vista que ocorrem em posição de complemento verbal ou recebendo morfemas de Caso (acusativo, ergativo e oblíquo). Mas o que dizer de casos como *abaisana* (peixe) no exemplo (40d), que recebe marcação de Caso Acusativo *-ra*, mas não recebe nenhuma expressão fonológica? Se partirmos do aporte teórico da Morfologia Distribuída todos os nomes devem ser formados de uma raiz e um categorizador nominal enezinho (n), como analisado por Arad (2003), e demonstrado a seguir.

<sup>15</sup> Analisaremos melhor os casos em (40d) e (40e) na seção 6.2. sobre categorizações verbais.

Figura 16: Categorização nominal direto da raiz



Fonte: Arad (2003, p. 741)

Para as raízes  $\sqrt{bada}$  em (40a) e  $\sqrt{rokhoja}$  em (40b), o expoente fonológico da categorização com enezinho, nos parece evidente que são /ni/ e /hi/, respectivamente. Em (40c), com a raiz  $\sqrt{abaisana}$ , a ausência de expressão fonologicamente marcada nos leva a concluir que a categorização nominal se dá com um / $\emptyset$ / como expoente fonológico.

E o que dizer de casos como de estruturas complexas com *ni*, como o exemplo (40c)? Para Chapman & Derbyshire (1991), essa estrutura complexa seria formada por um verbo principal “solto” mais auxiliar *ni* em núcleo verbal. Porém, para Vieira (2006), tal construção seria formada de nome mais auxiliar *ni*. Propomos inicialmente, que todas as raízes selecionadas como complemento de *ni* serão nominalizadas, recebendo um expoente / $\emptyset$ / na inserção vocabular; este complexo funcionará com N+Verbo-*ni*.

O exemplo (40c) mostra a raiz  $\sqrt{bada}$  categorizada com um enezinho com expoente / $\emptyset$ /. Esta mesma raiz  $\sqrt{bada}$  aparece no exemplo tratado em (40a), categorizada por enezinho com expoente fonológico /ni/. Em (40e), por sua vez,  $\sqrt{mitha}$  parece ser categorizada por um vezinho / $\emptyset$ /, demonstrando um caso similar ao de (40d), porém sem a necessidade de uma primeira categorização nominal, como o caso de *badani* em (40d). Ambas as raízes categorizadas em núcleo verbal “flexionado”, termo esse usado por Chapman & Derbyshire (1991). Essa inconsistência aparente – algumas raízes com *ni*+/ $\emptyset$ / e outras apenas / $\emptyset$ / será analisada com mais detalhes na próxima subseção.

Até aqui, podemos considerar os seguintes expoentes fonológicos para categorizações nominais possíveis em Paumarí: /ni/, /hi/, / $\emptyset$ /. A semelhança fonológica com os verbos auxiliares e estruturas modais reforça ainda mais os preceitos da MD no que refere à propriedade da Subespecificação: *hi* e *ni* são itens subespecificados na língua.

### 6.3. Proposta de categorização dos verbos em Paumarí

Após entendermos o básico de como ocorrem as nominalizações em Paumarí, podemos seguir para as categorizações verbais. Como visto na seção 3, o Paumarí realiza fonologicamente diversos núcleos “finais” ou “dependentes”, segundo a definição de Chapman & Derbyshire (1991). Estes núcleos *ki/*, *hi/ha*, *n/na*, *vini* quase sempre devem vigorar em uma sentença, em posição sufixal ao verbo, e foram classificados em Vieira (2006) como núcleos modais porque, aparentemente, introduzem um algum tipo de informação de modo verbal ou com influência sentencial, seja em declarativas com verbos transitivos (ocorrendo *ki/hi/ha*), com verbos intransitivos (ocorrendo *na/ni*), ou em sentenças complexas em coordenação, subordinação e “bitransitivas” (*vini*) e diversos outros tipos. É importante salientar que estes núcleos sempre ocorrem sufixados a um VP, porém a raiz verbal não depende diretamente dos modais para serem categorizadas; isto se realiza com um vezinho, e só depois a concatenação de um ModP. Necessita-se de um estudo mais aprofundado de tais ocorrências, visto que apresentam características importantes para o discurso, não sendo exatamente o escopo deste trabalho. *A priori*, o que podemos tomar como ponto inicial da nossa análise é que seria um erro adotar estes núcleos como “verbalizadores” das raízes, tendo em vista o número excessivo de realizações em apenas um tipo de categorização verbal e sua possível contribuição pragmático-discursiva à sentença. Observemos os exemplos abaixo:<sup>16</sup>

41)

a) $\sqrt{i}$ 'ao- $\emptyset$ -ra	na- $\sqrt{h}$ ado- $\emptyset$ -ha	ada	kodi- $\sqrt{a}$ bi'i- $\emptyset$ .
tambaqui-n-Acc	Causa-cortar-v-Mod	dem	meu-pai-n

“Meu pai cortou o tambaqui”.

b) bi-ka- $\sqrt{m}$ itha- $\emptyset$ -i-ha	ida	kodi- $\sqrt{a}$ sara- $\emptyset$
3sg-Apl-ouvir-v-Asp-Mod	dem	meu-choro-n

“Ele escutou meu choro”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 196 e 240, adaptado)

<sup>16</sup> Nesta seção, adotamos a representação de / $\emptyset$ / para vezinho de raízes sem categorização expressa, e chamamos de v (Categorizador verbal).

Como observado em (41a) e (41b), com as raízes  $\sqrt{h}ado$  e  $\sqrt{m}itha$ , respectivamente, algumas raízes em Paumarí não apresentam nenhum tipo de categorização expressa, além da ocorrência dos modais citados. Outras raízes em núcleo verbal como os discutidos nas subseções anteriores como  $\sqrt{b}ada$  em (40d) e replicado em (42) necessitam de um sufixo *ni*, antes de ocorrerem em VP e receberem outros núcleos funcionais como um causativo *na-* por exemplo. Como podemos tratar tais ocorrências?

- 42)  $\sqrt{a}baisana-\emptyset$ -ra                      o-na- $\sqrt{b}ada$ -**ni**- $\emptyset$ -ki.  
 peixe-n-Acc                                      1Sg-Causa-**trabalho-n-v**-Mod  
 “Eu preparei o peixe.” (Lit. “Eu trabalhei no peixe”)

(SALZER & CHAPMAN, 1997, p. 180, adaptado)

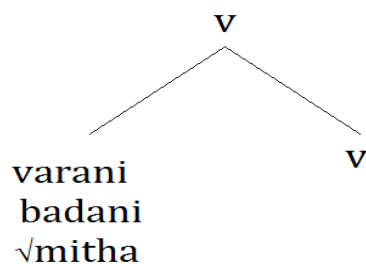
No mesmo espírito da discussão acerca da categorização nominal discutida na subseção anterior, postulamos que todos os verbos em Paumarí recebem em sua categorização verbal, a inserção vocabular de um  $\emptyset$ ; este item é pareado com o feixe de traços do núcleo categorizador vizinho, em toda categorização verbal na língua. Os verbos não apresentam nenhum elemento fonologicamente expresso. A partir deste momento, todos os exemplos em que as raízes aparecem em posição verbal, adaptaremos e atribuiremos um  $\emptyset$  como representação de um categorizador verbal (v):

- 43)  
 a)  $\sqrt{h}ado-\emptyset$   
 b)  $\sqrt{m}itha-\emptyset$   
 c)  $\sqrt{b}ada$ -ni- $\emptyset$   
 d)  $\sqrt{v}ara$ -ni- $\emptyset$

Assim, a representação arbórea da categorização verbal de tais construções é demonstrada a seguir:



Figura 17: Categorização verbal em Paumarí



Fonte: Criação própria

Assim, retomando os preceitos de Arad (2003) para nossa análise, trataremos das raízes  $\sqrt{mitha}$ ,  $\sqrt{hado}$ ,  $\sqrt{noki}$ ,  $\sqrt{abini}$ , tendo sua realização verbal com categorização realizada com *v* com um  $\emptyset$  na inserção vocabular. Proposta semelhante ao que Arad (2003) apresenta para os verbos *hammer*, *paddle*, *string* e *anchor*, por exemplo, retomamos abaixo:

44)

- a) I paddled the canoe with a copy of *The New York Times*.  
“Eu remei a canoa com uma cópia do *The New York Times*”
- b) String him up with a rope!  
“Entrelace-o com uma corda!”
- c) She anchored the ship with a rock.  
“Ela ancorou o barco com uma pedra.”
- d) He hammered the nail with a rock.  
“Ele martelou o prego com uma pedra.”

(ARAD, 2003, tradução própria)

Já revisamos a explicação de Arad na seção 3.3 desta dissertação, mas retomamos aqui a ideia geral: a categorização verbal diretamente das raízes mantém a gramaticalidade das sentenças, não tendo a necessidade de um complemento como elemento cognato ao verbo. A realização em a), com o verbo *to paddle* não exige que seja um evento cujo objeto tenha alguma relação semântica com o complemento, admitindo a gramaticalidade com o complemento “copy of the New York Times”; o mesmo ocorre com *string up* > *rope*, *anchored* > *rock*, *hammered* > *rock*. A primeira categorização encerraria uma fase, enviando para *spell-out* o

verbo categorizado antes da projeção do nó seguinte; dessa forma, a Enciclopédia atribuiria significado à expressão, sendo um domínio de localidade inacessível pelos próximos nós da derivação, garantindo a possibilidade de nomes não relativos a *paddle* ou *hammer*, no exemplo.

No Paumarí propomos essa mesma realização para as raízes como  $\sqrt{mitha}$ ,  $\sqrt{hado}$ ,  $\sqrt{noki}$ ,  $\sqrt{abini}$ . Os pares de exemplos a seguir com a raiz  $\sqrt{hado}$ , e realização de adjunto não cognato, podem levantar algumas questões<sup>17</sup>:

45)

a)  $\sqrt{i'ao-\emptyset}$ -ra                      na- $\sqrt{hado-\emptyset}$ -ha                      ada      kodi- $\sqrt{abi'i-\emptyset}$ .

tambaqui-n-Acc      Caus-cortar-v-Mod      Dem      meu-pai-n

“Meu pai cortou o tambaqui”

b) kodi- $\sqrt{hado-\emptyset}$ -a                      o-n- $\sqrt{oba-\emptyset}$ -hi.

minha-faca-n-Obl      1sg-Caus-cortar-v-Mod

“Eu cortei com minha faca.”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 196 e 252, adaptado)

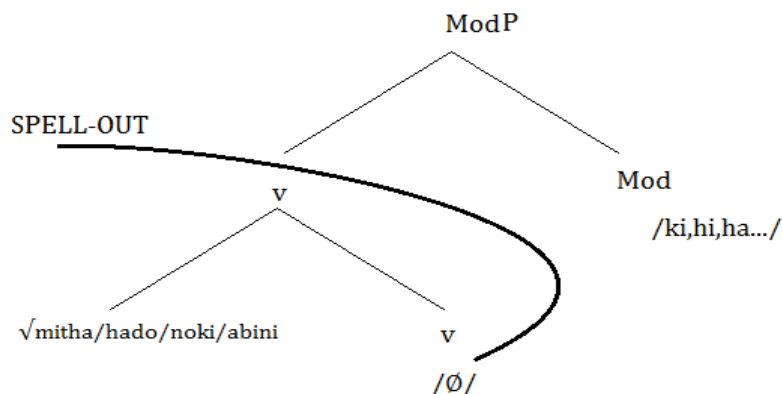
Em (45a) percebe-se que a raiz  $\sqrt{hado}$  é categorizada com vezinho sendo interpretada como “cortar”. Em (45b) a mesma raiz, ao ser categorizada com enezinho, recebe interpretação de “faca”, e não necessariamente precisa do verbo cognato para coocorrência, ocorrendo outra raiz, como é o caso a raiz  $\sqrt{oba}$  (*cortar*). Este par de exemplos pode servir como pontapé para futuras discussões sobre a categorização em Paumarí, além de ser uma forte evidência dos pressupostos da MD atuando na língua; a depender dos contextos sintáticos em que uma mesma raiz é inserida e categorizada, ela pode exercer uma função diferente.

Assim, propomos que as correspondências verbais para as respectivas raízes seriam dadas da seguinte maneira:  $\sqrt{mitha+v\emptyset}$ ,  $\sqrt{hado+v\emptyset}$ ,  $\sqrt{noki+v\emptyset}$ ,  $\sqrt{abini+v\emptyset}$ , onde encerraria sua

<sup>17</sup> Infelizmente não foi possível no momento de escrita da dissertação conseguir realizar testes de gramaticalidade diretamente com falantes nativos; todos os dados apresentados nesta dissertação são coletados de fontes secundárias devido, em especial, ao período em que o trabalho foi desenvolvido entre os anos 2020 – 2022, durante a Pandemia do *Sars Cov-2*. Esta situação impediu todo tipo de incursão em um possível trabalho de campo.

fase e enviaria o conteúdo verbal para *Spell-out*, tendo posteriormente seu material semântico negociado. Após esse processo, é concatenado o núcleo modal, como no esquema abaixo.

Figura 18: Categorização verbal direto da raiz em Paumarí



Fonte: criação própria.

De outro lado, o tratamento em relação às raízes como  $\sqrt{bada}$ ,  $\sqrt{vara}$ ,  $\sqrt{daro}$  é um caso à parte. Todas as ocorrências que coletamos nos dados da literatura dentro de um núcleo verbal se apresentaram com o sufixo nominalizador *-ni*, como observado em (42) com *badani* e em contexto nominal (*badani*, *varani*). Para essas raízes, seguimos o que foi demonstrado por Arad (2003) nos exemplos seguintes:

46)

- a) \*She taped the picture to the wall with pushpins.  
“Ela adesivou o quadro na parede com tachinhas.”
- b) \*They chained the prisoner with a rope.  
“Eles acorrentaram o prisioneiro com uma corda.”
- c) \*Jim buttoned up his pants with a zipper.  
“Jim abotoou suas calças com um zipper.”
- d) \*Screw the fixture to the wall with nails!  
“Aparafuse o lustre na parede com pregos!”

(ARAD, 2003, tradução própria)

As raízes dos verbos apresentados por Arad, como *to tape/chain/button*, são categorizadas com base na existência de um nome correspondente; logo após, são recategorizadas com um vizinho e necessitam que tal objeto esteja presente na derivação em uma ocorrência com adjunto cognato.

Propomos assim, para as raízes  $\sqrt{bada}$ ,  $\sqrt{vara}$ ,  $\sqrt{daro}$ , etc., a mesma categorização verbal que as que citamos anteriores (com o / $\emptyset$ / fonológico), porém em caráter de recategorização, isto é, necessitaria para tais raízes uma primeira categorização nominal (com um morfema *ni* nominal) ser realizada antes da categorização verbal.

47)

a)  $\sqrt{bada-ni}$  hoariha a-ka- $\sqrt{bada-ni-\emptyset}$ -ki hari.

**Trabalho-n** outro 1Pl-Apl-**trabalho-n-v**-Mod apenas

“Nós apenas fizemos outro serviço” (Lit: “trabalhamos outro trabalho”)

(SALZER & CHAPMAN, 1997, p. 180, adaptado)

b) ho-ra va-ka-na- $\sqrt{vara-ni-\emptyset}$ -ha-vini  $\sqrt{vara-ni}$  jahari-ki-a.

1sg-Acc 3PL-Apl-Causa-**conversa-n-v**-Apl-Mod **conversa-n** ruim-Mod-Obl

“Eles estavam fazendo fofoca sobre mim” (literalmente: “conversando conversas ruins”)

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 327, adaptado)

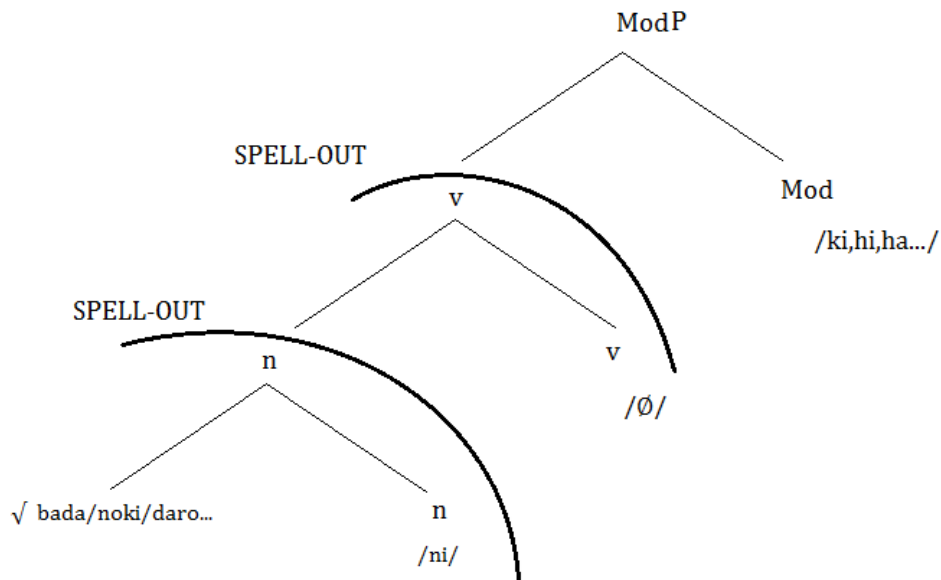
Como observado nos exemplos, é perfeitamente gramatical (e mais fácil de encontrar dados na literatura) a ocorrência das raízes em questão, categorizadas em *n + v* com ocorrência de nomes cognatos. Com base nisso, propomos que tais raízes se assemelham às analisadas por Arad (2003) como derivadas dos nomes; no caso do Paumarí isto é fonologicamente realizado com *ni*. Entendemos que haja a necessidade de testes de gramaticalidade com nativos para a comprovação das nossas propostas, especialmente se seguirmos a linha de Arad, com comparações entre a gramaticalidade e a agramaticalidade das categorizações. Porém, para uma primeira análise, seguir por este caminho nos parece bastante coerente. Na literatura existente não temos encontrado exemplos dentro de um núcleo verbal para as raízes  $\sqrt{vara}$ ,  $\sqrt{bada}$ , etc., sem o nominalizador *ni*, sendo necessário testar a gramaticalidade em a) com um nativo.

48)

- a) ? abaisana-ra o-na-√**bada-∅**-ki.  
 peixe-Acc 1Sg-Causa-**trabalho-v**-Modal
- b) abaisana-ra o-na-√**bada-ni-∅**-ki.  
 peixe-Acc 1Sg-Causa-**trabalho-n-v**-Modal
- “Eu limpei (trabalhei) o peixe. ”

Seguindo nossa proposta para a categorização destas raízes, propomos o seguinte esquema, demonstrado na representação sintática abaixo:

Figura 19: Categorização verbal a partir de um nome em Paumarí



Fonte: criação própria

Seguindo os preceitos da MD, propomos que todos os verbos em Paumarí ao serem categorizados com um vizinho na sintaxe, recebam posteriormente a inserção de um item /∅/ fonológico, tanto os derivados diretamente de suas raízes (√*mitha*, √*hado*, √*noki*, √*abini*) quanto os que sofrem uma primeira categorização nominal (√*bada*+Nni, √*daro*+Nni, √*vara*+Nni)<sup>18</sup>.

<sup>18</sup> Apesar dos exemplos apresentados de verbos denominais terem expressão com /ni/, Leckar da Silva (2016) realizou um estudo introdutório de outras possibilidades de verbos denominais, porém sem expressão fonológica: (kodi-√*mai'da-∅*-ra ka-va-√*mai'da-∅*-ha-vini ida = “ela está escovando com minha escova”), não descartamos tal possibilidade, sendo necessário um estudo mais aprofundado das categorizações denominais.

Finalmente, precisamos entender a categorização de raízes que ocorrem em uma estrutura complexa com *ni* + aux (que chamaremos de leve, na sequência do trabalho). Enquanto em núcleo verbal pleno, a raiz  $\sqrt{mitha}$  ocorre categorizada com um vezinho recebendo  $/\emptyset/$  na inserção vocabular, e as raízes  $\sqrt{bada}$  e  $\sqrt{vara}$ , por exemplo, necessitam primeiro serem categorizadas com um enezinho com expoente  $/ni/$ , antes de serem verbalizadas. Percebemos que todas, sem exceção, quando estão inseridas no complexo com verbo *ni*, não têm nenhum tipo de realização fonológica. O exemplo abaixo é perfeitamente gramatical com qualquer uma das raízes:

49)

$\sqrt{bada}/\sqrt{vara}/\sqrt{mitha}-\emptyset$	‘o-ni-na
trabalho/fala/escuta- <b>n</b>	1Sg-Aux-Mod.
Estou trabalhando/conversando/escutando.”	

(CHAPMAN, 1978, p. 19, adaptado)

Propomos assim que todas as raízes em complexo leve serão nominalizadas, recebendo um  $/\emptyset/$  na inserção vocabular; este complexo funcionará com NOME+*ni* e sua nominalização com inserção de expoente fonológico, aparentemente destoante, se deve às propriedades dos traços a que os verbos que os tomam como complemento atribui. Entraremos em mais detalhes nas próximas subseções.

Tentamos, nesta subseção, dar uma explicação básica para as categorizações em Paumarí, antes de entendermos de fato como ocorreria a estrutura complexa de verbos leves.

#### 6.4. A formação do verbo pleno *ni*

Segundo Chapman & Derbyshire (1991) e Chapman (1978), os verbos da chamada “segunda classe” são representados por um verbo “solto” mais auxiliar *ni*, este dentro do núcleo verbal. Forma-se assim, uma estrutura complexa V+AUX.

Como observado no exemplo (49) da subseção anterior,  $\sqrt{bada}/\sqrt{vara}/\sqrt{mitha}$  aparecem categorizadas com um enezinho que recebe o expoente  $/\emptyset/$ , quando inseridos em uma estrutura complexa com “auxiliar” *ni*. Porém, numa estrutura como “o-na- $\sqrt{bada}$ -ni- $\emptyset$ -ha ada abaisana” a raiz *bada* necessita de uma categorização nominal (expoente  $/ni/$ ) e posterior recategorização com vezinho (expoente  $/\emptyset/$ ). Todos os verbos em Paumarí seriam categorizados dessa maneira,

segundo a proposta que levantamos na subseção anterior. Assim, as raízes categorizadas e concatenadas ao sufixo modal teriam sua categorização verbal prévia com um zero na inserção vocábular ( $\sqrt{mitha}+\emptyset$ ,  $\sqrt{hado}+\emptyset$ ,  $\sqrt{noki}+\emptyset$ ,  $\sqrt{abini}+\emptyset$ ...) ou seriam verbos denominais, tendo uma categorização nominal prévia ( $\sqrt{bada}+ni+\emptyset$ ,  $\sqrt{daro}+ni+\emptyset$ ,  $\sqrt{vara}+ni+\emptyset$ ). Porém, como vimos no final na subseção anterior, todas as raízes que ocorrem em um complexo com *ni* não recebem fonologia expressa. Postulamos assim que todas as raízes que ocorrem neste complexo teriam uma categorização com enezinho e inserção de expoente fonológico / $\emptyset$ /, dentro deste contexto especial. Seguiremos por este caminho para definir a construção N+*ni* como verbo leve.

Tomamos, com os exemplos apresentados ao longo da análise até aqui, que o  $\sqrt{ni}$  seria uma raiz categorizada com vezinho / $\emptyset$ /, ocorrendo em núcleo verbal e interpretado com significado de “dizer”. Como proposto por Kratzer (1996) e Pylkkänen (2002) a categorização com vezinho colocaria um argumento externo em Spec de VoiceP. Adotamos assim, para nossa análise, que o vezinho categorizador da raiz  $\sqrt{ni}$  toma o núcleo funcional Voice.

50)

- |    |                           |                              |                             |
|----|---------------------------|------------------------------|-----------------------------|
| a) | $\sqrt{ni-\emptyset}$ -hi | ida                          | $\sqrt{gamo-\emptyset}$     |
|    | <b>dizer-v-Mod</b>        | dem                          | mulher-n                    |
|    | “A mulher disse.”         |                              |                             |
|    |                           |                              |                             |
| b) | ho-ra                     | $\sqrt{ni-\emptyset}$ -’a-hi | ida $\sqrt{gamo-\emptyset}$ |
|    | 1Sg-Acc                   | <b>dizer-v-Apl-Mod</b>       | dem mulher-n                |
|    | “A mulher me disse.”      |                              |                             |

(CHAPMAN, 1978, p. 20, adaptado)

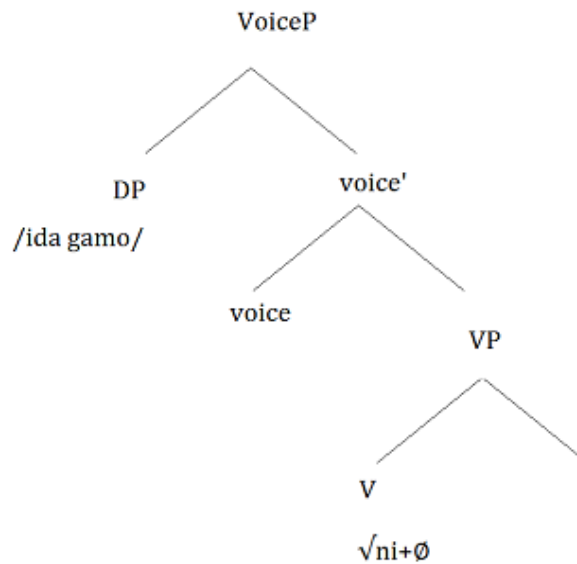
Para licenciamento de um complemento, como um alvo ou benefactivo, seria necessária a concatenação de um aplicativo; no Paumarí seria o morfema ‘*a*, como observada a sua manifestação no exemplo (50b) em comparação com sua ausência em (50a). Segundo Vieira (2006), o verbo *ni* não possibilitaria a concatenação de um *na-* causativo. A autora defende que as ocorrências do complexo “N + *ni*” seriam sintaticamente inergativas, ou seja, não permitiriam a causativização por conta da posição de Spec de VoiceP já estar ocupada, permitindo apenas um aplicativo como ‘*a*.

Como defendido por Gonçalves et al (2010) e Butt (2003, 2010), em abordagens projecionistas, os verbos leves manteriam características de uma forma plena, como a

quantidade e tipo de argumentos que projetam. Adaptando tal conjectura para o Paumarí e para uma interpretação via modelos construcionistas, podemos dizer que o verbo *ni* enquanto pleno, de fato, apresenta apenas um argumento externo agente, como discutido por Vieira (2006). O núcleo Voice que o vizinho toma recebe um sujeito agente em Spec de seu nó VoiceP; nos exemplos (50a) e (50b) seriam o DP “ida gamo” (a mulher).

Especialmente em (50b), o licenciamento de um “objeto” é realizado pelo aplicativo alto ‘a (VIEIRA, 2006) seguindo a tipologia de aplicativos determinada por Pylkkänen (2002). A representação próxima do que a autora descreve, adaptada para o Paumarí, pode ser vista abaixo nas árvores das duas estruturas (ignoramos por ora, as questões de linearização da língua):

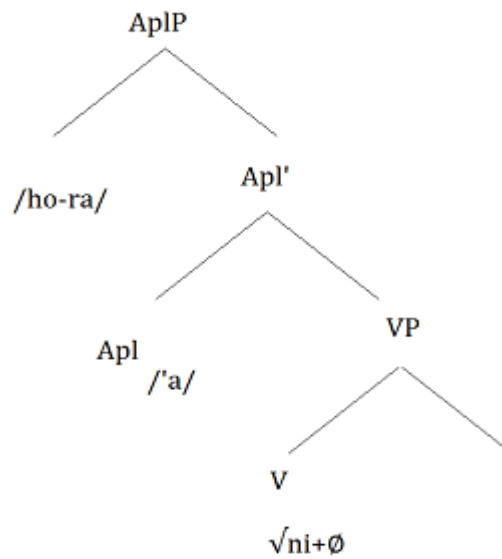
Figura 20: Estrutura sintática de “nihi ida gamo”



Fonte: criação própria

Figura 21: Estrutura sintática de “hora ni’ahi ida gamo”





Fonte: criação própria

Como observado, a raiz *ni* em sua categorização verbal e realização como verbo pleno seria tomada como inergativa, que pode receber um aplicativo 'a. Com relação ao aspecto e à telicidade dos eventos exemplificados, há uma grande dificuldade em atestar com precisão estes elementos em Paumarí, visto que não podemos testar a gramaticalidade de certas sentenças.

Levantamos tal possibilidade para uma futura análise sobre o *aspecto* na língua.

#### 6.5. Estruturas de voz passivas com *hi*

Segundo Chapman & Derbyshire (1991), a voz passiva em Paumarí é do tipo analítica. Aparentemente, o comportamento funcional da estrutura se assemelha ao do português, com a presença de um verbo auxiliar junto do objeto demovido para a posição de sujeito. Observemos as sentenças abaixo:

51)

- a) √mina'di-∅    vani-a    bi-n-√oba-∅-'iana-hi    ida    Kasai-∅.  
 Poraquê-n    Foco-Erg 3Sg-Causa-choque-v-Asp.itera-Mod    dem    Kasai-Abs.

“O poraquê electrocutou Kasai de novo”

- b)  $\sqrt{\text{oba}}$ -hi hi<sup>19</sup>-’iana-hi ida Kasai- $\emptyset$   $\sqrt{\text{mina}}$ ’di- $\emptyset$ -a  
 choque-n Aux-Asp.itera-Mod dem.fem Kasai poraquê-n-Obl  
 “Kasai foi eletrocutada de novo pelo poraquê. ” (“\*foi chocado”)

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 181, adaptado)

Algumas características para se observar da sintaxe das passivas em Paumarí: o sujeito agente *mina’di* (poraquê) da sentença ativa, (51a), em ordem SVO, é demovido a oblíquo, recebendo marcação *-a* em uma posição fora do núcleo verbal na sentença passiva (51b), perdendo sua concordância; em (51a) a concordância se realiza por meio do prefixo *bi-* de terceira pessoa do singular, além da concordância em gênero do modal *hi* com o DP paciente “*ida Kasai*”. Em (51b), a estrutura verbal assume a forma de intransitiva, em ordem VS, concordando apenas com o sujeito absolutivo, o DP “*ida Kasai*”. A raiz  $\sqrt{\text{oba}}$  em (51a) sofre categorização verbal (sendo inserido um  $\emptyset$  no Vocabulário) além de ter concatenado um morfema causativo *n-*, o que licencia o sujeito causador *mina’di* (poraquê).

Na sentença passiva (51b), por sua vez, a raiz  $\sqrt{\text{oba}}$  parece ser categorizada com um enezinho, linearizando-se na periferia esquerda da sentença.

As sentenças em Paumarí parecem se assemelhar sintaticamente a sentenças passivas de outras línguas como o português:

52)

- a) João comeu o bolo  
 b) O bolo foi comido (por João).

Para entender como funciona a estrutura passiva em Paumarí e o verbo *hi* definido por Chapman & Derbyshire (1991) como auxiliar, iniciaremos levantando duas possibilidades de análise com base no estatuto de *hi*:

- i) *hi* é auxiliar: neste caso, funcionaria exatamente como o verbo auxiliar *ser* em PB, exemplificado em (52b) em sua flexão de passado *foi*, em estrutura passiva;

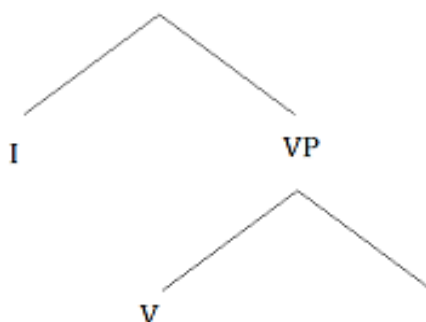
---

<sup>19</sup> Por ora, não trataremos o verbo *ni* com símbolo de “ $\sqrt{\text{}}$ ”. Apartir da discussão acerca de ser verbo leve, utilizaremos esta notação.

ii) *hi* é leve: sua estrutura se assemelharia a estrutura de verbos como *ni*<sup>20</sup>, tomando um nome como complemento em um complexo N+LEVE; para isso ocorrer, o Paumarí pode não ter estruturas passivas (pelo menos, não nas definições de Chapman & Derbyshire, 1991).

Para a possibilidade de ser verbo auxiliar em (i), adotaremos a interpretação das passivas em português analisadas por Medeiros (2008) com base nas assunções de Ippolito (1999). Para os autores, o verbo auxiliar *ser*, em sua ocorrência no passado como *foi*, por ser puramente morfológico, não estaria presente na estrutura sintática, pois seria inserido na estrutura morfológica (EM), e seus traços pareados com o item de vocabulário correspondente; dessa maneira *hi* não seria uma raiz, apenas uma expressão morfológica. Como apresentado inicialmente em nossa revisão teórica na seção 3, os autores adotam uma estrutura mínima na sintaxe, replicada a seguir:

Figura 22: Estrutura sintática mínima [2]

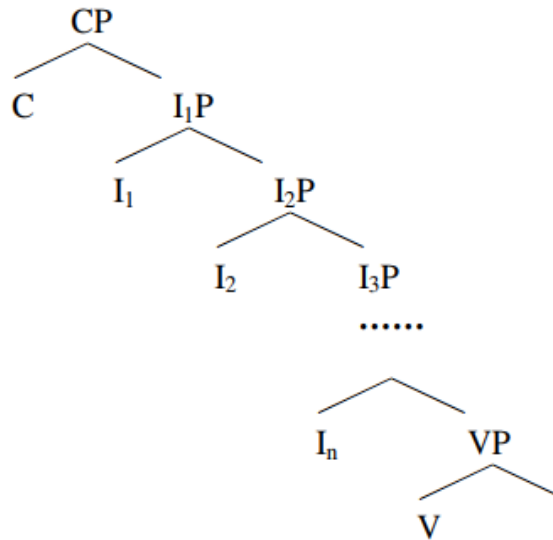


Fonte: Ippolito (1999 apud MEDEIROS, 2008)

Os autores assumem que todos os núcleos flexionais além dos demonstrados no esquema tenham um correspondente I, ou seja, podem surgir diversos núcleos I em suas estruturas, como o esquema abaixo; assumem também que todos os verbos só se movam na sintaxe para o primeiro núcleo de flexão que o C-comande.

<sup>20</sup> Ver subseção 6.6 para definição do estatuto.

Figura 23: Estrutura sintática com IPs encadeados

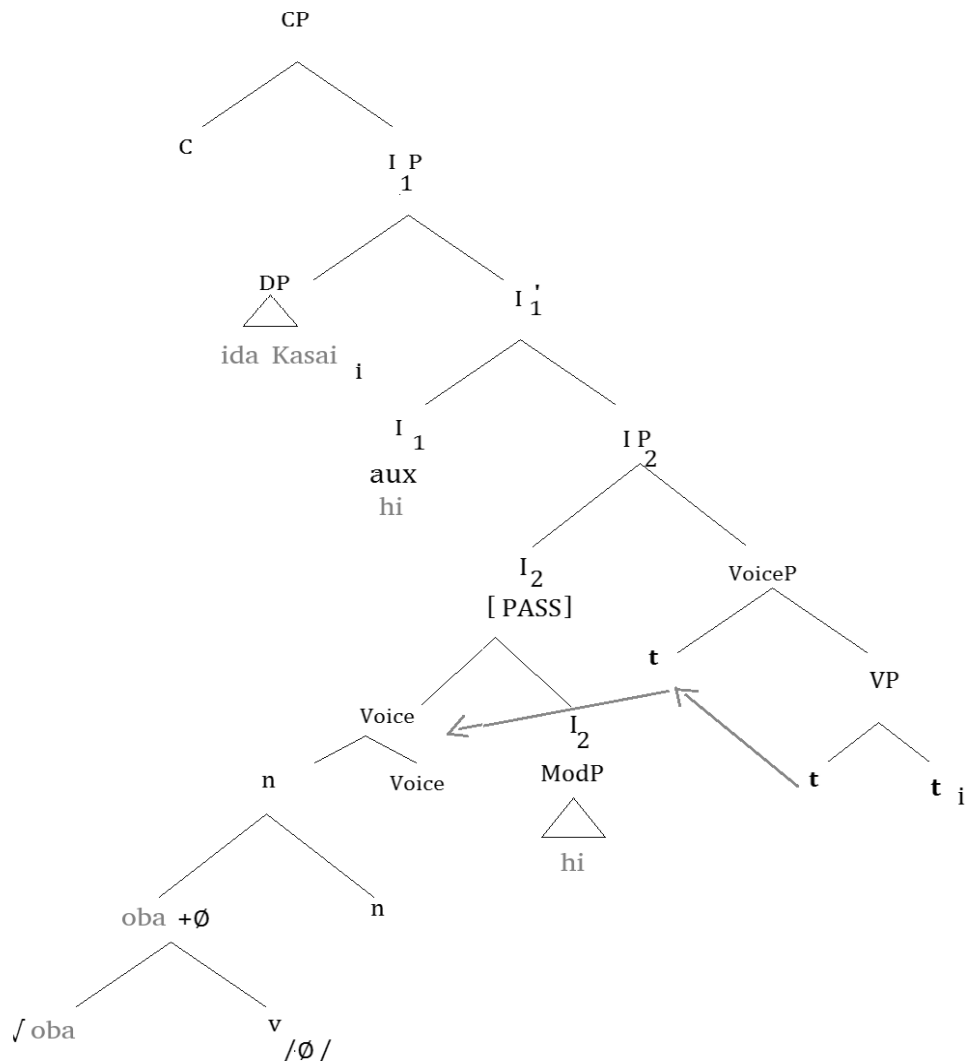


Fonte: Ippolito (1999 apud MEDEIROS, 2008, p. 79)

A adoção para análise tomada pelos autores é a de que o núcleo VoiceP em passivas tomaria um núcleo Pass, núcleo puramente funcional, - a interpretação de Medeiros (2008) é que este seria tratado como um dos núcleos flexionais IP (IP2 no caso), que C-comanda o VoiceP, bloqueando o especificador do núcleo Voice de receber concatenação de sujeito; esse núcleo carregaria um feixe de traços [PASSIVA], que corresponderia às características funcionais da estrutura passiva; para os autores, a simples presença do núcleo Voice, mesmo vazio, forçaria interpretação de sujeito expresso em PP, mesmo implícito. Seguindo as propostas dos autores para a passiva em italiano e português, propomos uma possível representação da estrutura morfológica da sentença passiva em Paumarí, utilizando o modelo proposto por Medeiros (2008) para a estrutura morfológica em PB.<sup>21</sup>

<sup>21</sup>Além de ignorar a questão da linearização na língua Paumarí nesse momento, não representamos por completo os sintagmas Modais (que junto do DP teria a operação AGR aplicada), nem o sintagma AspP com realização *'iana*. É de suma importância o entendimento de tais nós sintáticos, porém por conta do escopo do trabalho, decidimos unicamente demonstrar uma representação genérica da estrutura apassivada, para focar especificamente no verbo auxiliar, objeto de nosso estudo.

Figura 24: Estrutura morfológica em passivas no Paumari



Fonte: criação própria, inspirado em Medeiros (2008)

O DP “ida Kasai”, junto do sufixo modal sofreria concordância por meio da operação AGR em sua posição de argumento interno; após isso é movido para IP<sub>1</sub>, o mais alto núcleo flexional da sentença; o sujeito da oração ativa *mina'di* é demovido na sentença passiva, recebendo marca de Oblíquo *-a*, podendo ser omitido. O verbo auxiliar *hi* seria adicionado como um elemento puramente morfológico, não influenciando a interpretação da sentença. A raiz *√oba*, na sentença ativa é categorizada com vezinho (tendo inserção fonológica de um /∅/); na passiva é recategorizada com um enezinho<sup>22</sup>, recebendo como item de vocabulário /hi/.

<sup>22</sup> Na literatura de Chapman refere-se a *obahi* como a raiz nominalizada. Consonante à interpretação de Medeiros (2008), decidimos por manter a estrutura verbal de “oba∅” e a categorização nominal

formando o nome deverbal *obahi* ( $\sqrt{oba-v[\emptyset]-N[hi]}$ ), este nome seria necessário na oração passiva em Paumarí, e funcionaria como o verbo participial em PB; ela é movida (representado pela seta) para complemento de Voice e após movido para o complemento do núcleo flexional I2, o núcleo que contém o feixe de traços [PASSIVA].

Este caminho de análise apresenta alguns problemas. Em primeiro lugar, não parece muito coerente propor uma categorização com *vezinho* e em seguida uma recategorização com *enezinho* para a raiz  $\sqrt{oba}$ , tendo em vista que quem toma o núcleo Voice é apenas uma categorização verbal. Em segundo lugar, a ocorrência de núcleos aspectuais e modais não parece ser algo que ocorra junto de um verbo auxiliar, por ser apenas um elemento morfológico, sem uma raiz categorizada na sintaxe. Em terceiro lugar, esta estrutura passiva não parece muito produtiva na língua, segundo Chapman & Derbyshire (1991), havendo poucos exemplos de estruturas passivas coletados pelos autores. Não nos parece muito elegante, do ponto de vista do modelo, trazer uma análise voltada para um caso aparentemente idiossincrático.

Observemos agora seguinte sentença em Paumarí com verbo “auxiliar” *hi* em Chapman & Derbyshire (1991):

53)

Mamai, amo'amo    Vanda     $\sqrt{ai-\emptyset}$     ari-hi-na-ra     $\sqrt{nofi-\emptyset}$ -i-ki.

Mamãe    prima    Vanda    sair-n    1Pl-Aux-Mod-Acc    querer-v-Asp-Mod

“Mamãe, prima Vanda quer que nós saíamos!”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p.165, adaptado)

Em (53) temos uma estrutura complexa com dois núcleos verbais: um com  $\sqrt{nofi-\emptyset}$  (querer) outro com o verbo “auxiliar” *hi*. A estrutura do verbo “auxiliar” é muito similar àquela tomada pelo verbo *ni*, descrita nas subseções anteriores, em ocorrência do complexo N+ni, como no exemplo (54) abaixo:

54)  $\sqrt{bada-\emptyset}$                     ‘o-ni-na  
trabalho-n                    1sg-aux-Mod;

---

posteriormente realizada, se assemelhando ao PB como em comprar>comprado, comer>comido, visto que a sentença necessitaria de um núcleo VoiceP, tomado pelo categorizador *vezinho* da raiz  $\sqrt{oba}$ .

“Eu trabalho. ”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 264, adaptado)

Para este caso com *hi* no exemplo (53), os autores relatam que há apenas duas raízes que tomam o auxiliar *hi* da mesma forma que outras raízes tomam *ni: ai* (partir/sair) e *fori* (“ser como...” outra pessoa/coisa).

Para entender estas estruturas por um outro viés, iniciemos aqui a discussão de nossa possibilidade (ii) *hi* ser um verbo leve<sup>23</sup>.

Para tal análise, o primeiro ponto seria considerar o verbo *hi* como uma raiz acategorial que seria categorizada com *vezinho*. Em segundo lugar, precisamos levar em conta a possibilidade de não existência da voz passiva em Paumarí, pelo menos entre as estruturas demonstradas por Chapman & Derbyshire (1991), para a possibilidade ocorrer. Os autores relatam que, apesar da pouca ocorrência de exemplos na voz passiva, ela acontece da seguinte maneira na língua:

- a) Não há marcação ergativa *-a*, nem marcação em objetos.
- b) O prefixo de concordância de terceira pessoa *bi-*, não ocorre;
- c) O objeto da ativa se torna sujeito da passiva, e um agente da passiva facultativo aparece marcado com *-a* oblíquo;
- d) Há a ocorrência de um verbo auxiliar *-hi*, que coocorre com um dos dois tipos de forma verbal subordinada, tanto uma forma nominalizada com *-hi*, tanto com sufixo sentencial intransitivo *-ni/na*. É sempre um sufixo intransitivo que ocorre, nunca um transitivo *-vini*.

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p.181, tradução própria)

As línguas ergativas, em especial, podem apresentar outros tipos de construções como voz antipassiva<sup>24</sup>, segundo Dixon (1994). Não é, de fato, uma necessidade sintática a presença de estruturas apassivadas em uma língua. Segundo dados registrados no banco de dados digital *The World Atlas of Language Structures* (WALS), a ausência de construção passiva é registrada em 211 línguas do mundo, dentre uma amostragem de 373 línguas analisadas.<sup>25</sup>

<sup>23</sup> Tomaremos a partir daqui a glosa LEVE também para as ocorrências com *hi*, antes “auxiliar” além do tratamento de *hi* como raiz acategorial, com a notação  $\surd hi$ .

<sup>24</sup> O Paumarí apresenta possibilidades de construções antipassivas, segundo hipótese levantada por Borges (2020), em um trabalho inicial sobre o assunto.

<sup>25</sup> Coletado do site WALS, no endereço a seguir: (<https://wals.info/feature/107A#2/18.0/148.9>).

Observemos abaixo, outro exemplo de construção “passiva” em uma oração subordinada, segundo Chapman & Derbyshire (1991):

55)

bi-√noki-∅-'a-ha	ada	√isai-∅	√anana-hi	√hi-∅-na.
3Sg-ver-v-Asp-Mod	Dem.masc	garoto-n	morder-n	<b>Leve-v-Mod</b>

“Ele viu o garoto sendo mordido”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 181, adaptado)

Para reinterpretar os dados da voz passiva em Paumarí e defendermos como uma construção complexa de verbo leve (CVL), recorreremos mais uma vez à análise proposta por Medeiros (2008) com base em Ippolito (1999). Desta vez, proporemos algumas alterações no modelo dos autores.

Para a flexão do verbo, ao invés de um núcleo Pass que carrega um feixe de traços [PASSIVA], mudaremos para um núcleo Leve, que carrega um feixe de traços [LEVE], que posteriormente será tratado com um dos I, na estrutura sintática. Todo v presente na numeração necessita de um I correspondente, mas nem todo I necessita de um v (MEDEIROS, 2008). Esse núcleo flexional carregará os traços referentes às informações sintático-semânticas que a estrutura carregará<sup>26</sup>.

O material fonológico inserido pela Lista 2 será determinado pela subespecificação dos traços em vista da quantidade de expoentes fonológicos iguais em diversos contextos sintáticos distintos em Paumarí, como /hi/ e /ni/.

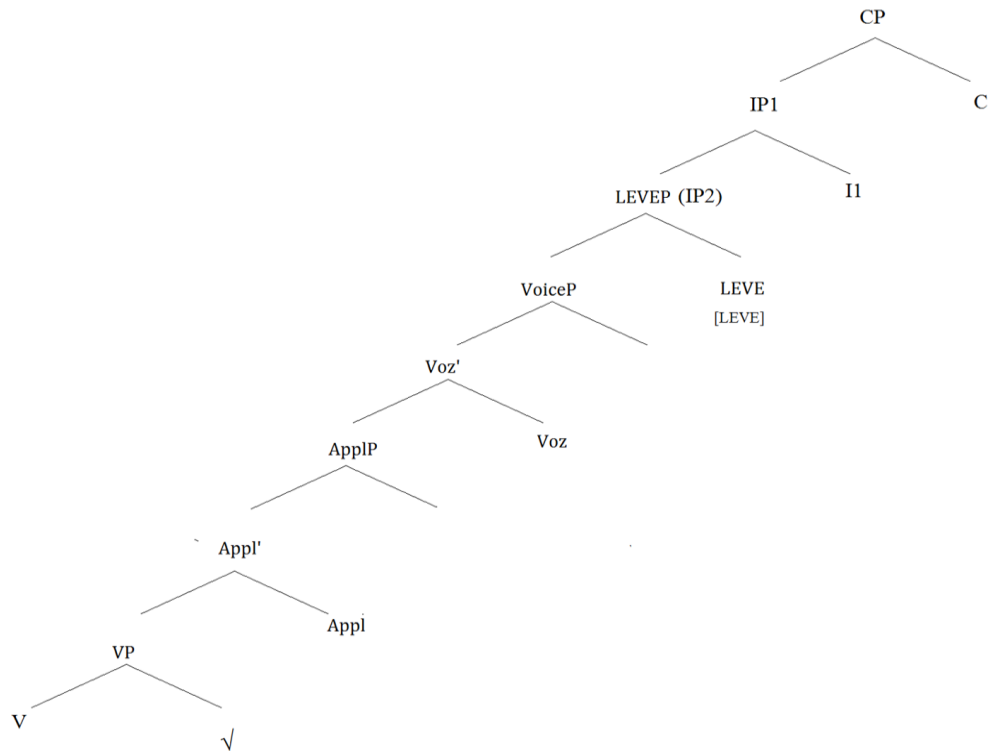
Nossa estrutura sintática será demonstrada abaixo, inspirado e adaptado de Medeiros (2008)<sup>27</sup>:

<sup>26</sup> Como a interpretação de certas estruturas em Paumarí não são passíveis de serem determinadas por meio de dados secundários, deixaremos em aberto para futuros trabalhos preencherem as lacunas sobre os traços aspectuais, de tempo, etc., nos atendo a utilização de nomes genéricos para tais traços gramaticais.

<sup>27</sup> O autor utiliza-se de um esquema arbóreo inspirado em Ippolito (1999) e Pylkkänen (2002) e com modificações próprias. Aqui assumimos este esquema e adaptamos para nossa análise, inclusive de maneira “espelhada”, tendo em vista a ordem da linearização em Paumarí.



Figura 25: Estrutura sintática em Construções com Verbo Leve, em Paumarí



Fonte: criação própria, inspirado em Medeiros (2008)

Para melhor análise, tendo em vista que a alteração dos dados originais pode gerar algum tipo de agramaticalidade inesperada, dividiremos a sentença em dois grandes constituintes:

[bi-√noki-∅-'a-ha ada √isai-∅] = X (“Ele viu o garoto...”)

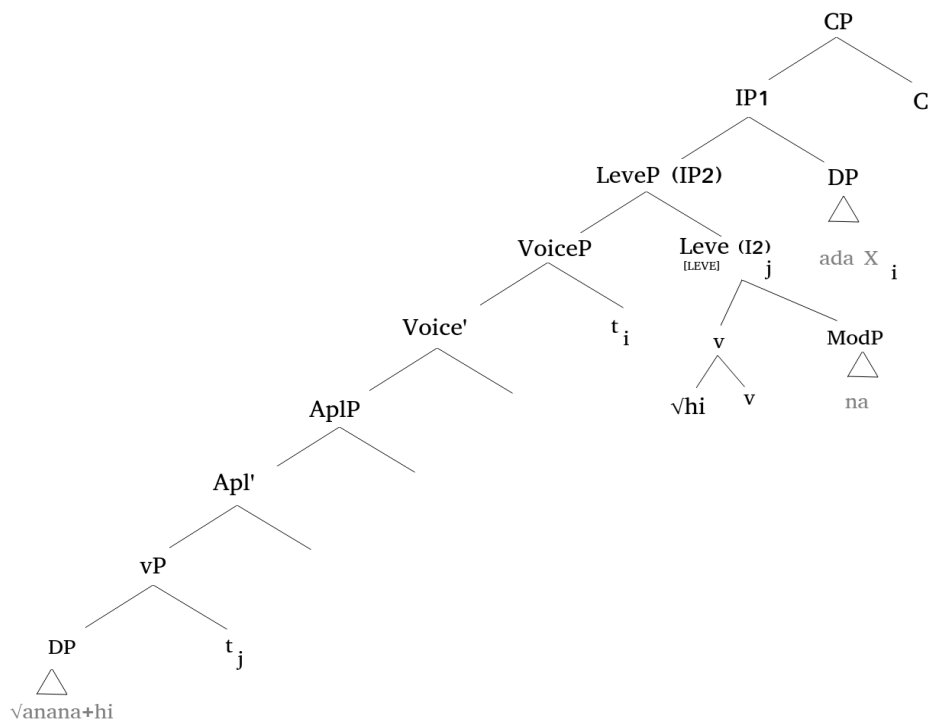
[√anana-hi √hi-∅-na] = Y (“que levou uma mordida”<sup>28</sup>)

Para representarmos em forma de oração simples trabalharemos com a seguinte estrutura: “[√anana-hi √hi-∅-na [ada X]]”<sup>29</sup>:

<sup>28</sup> Tradução livre de “levou uma mordida” para se adequar à proposta de ser uma CVL e não uma passiva.

<sup>29</sup> A inclusão de demonstrativo “ada” é uma tentativa de criação de sentença baseado em nosso conhecimento atual da língua; “ada” é um demonstrativo que ocorre normalmente em posição pós-verbal e com NP masculino, como no caso *ada isai* (o menino).

Figura 26: Estrutura morfológica em Construções com Verbo Leve, em Paumarí



Fonte: criação própria, inspirado em Medeiros (2008)

Nesse esquema procuramos trazer uma possível proposta para o comportamento de *hi* como verbo leve; a raiz  $\sqrt{hi}$  já categorizada, se move de sua posição de núcleo de VP para o núcleo flexional LeveP (IP2) e recebe o feixe de traços [LEVE] que será essencial no momento da inserção vocabular da Lista 2; além disso o núcleo ModP<sup>30</sup> terá aplicado a operação de AGR, antes da movimentação (segundo definido por Ippolito, 1999) junto do sujeito para a concordância ser realizada; o sujeito “ada X” é tomado pelo VoiceP com adotando um “papal” de “experenciador”. Ele é movido para o IP mais alto na estrutura. A raiz  $\sqrt{anana}$  é nominalizada com o categorizador enezinho realizado com /hi/, e esse nome é tomado como complemento do verbo leve *hi*. Assim como os complementos de *ni*,  $\sqrt{bada/mitha/vara}$ <sup>31</sup>, *ananahi*, forma aqui com o verbo *hi* uma construção com verbo leve. O nó AplP foi colocado na estrutura para ilustrar a possibilidade de liberação de um objeto aplicativo como os exemplificados com o verbo *ni*, nas seções anteriores, aos moldes de Pylkkänen (2002); o significado dessa sentença será adotado por nós como “X levou uma mordida”, adaptação para uma estrutura mais apropriada com verbo leve em PB. Acreditamos que a abordagem com a

<sup>30</sup> Tendo em vista a necessidade de um estudo mais aprofundado dos afixos de modo em Paumarí, representamos de maneira superficial sua ocorrência na estrutura.

<sup>31</sup> *Bada, vara, mitha* + *ni* serão abordados na seção 6.6 como uma CVL.

seleção de um núcleo flexional Leve com feixe de traços [LEVE] proporcionaria uma abordagem mais coerente para as construções, tendo em vista o aporte teórico da Morfologia Distribuída.

Defenderemos, assim, que a língua Paumarí não tem ocorrências de voz passiva, sendo estas estruturas apenas uma manifestação de um complexo verbal leve. Adotaremos esta análise como a definitiva para o nosso trabalho a partir deste momento. Esta análise será essencial para entender outras estruturas complexas envolvendo o verbo *hi e ni*, que veremos nas próximas subseções.

#### 6.6. O verbo leve *ni*

Como definido por Chapman, Derbyshire e outros pesquisadores do Paumarí, a construção “V+Aux” ocorreria com alguns verbos da língua como os já citados *bada* (trabalhar), *mitha* (escutar), *vara* (falar), *noki* (ver), *daro* (inclinarse)<sup>32</sup>. Para Vieira (2006), o verbo *ni* tomaria um complemento nominal (N + aux). Adotamos que o verbo *ni* tomaria como complemento um N, porém diferentemente da autora, defenderemos que o verbo *ni* não seria auxiliar, mas leve, como demonstrado na subseção anterior para o verbo *hi* e por alguns motivos analisados a seguir. Assim, nos exemplos abaixo:<sup>33</sup>

56)

a)  $\sqrt{\text{vara}}-\emptyset$       ‘o- $\sqrt{\text{ni}}-\emptyset$ -na.

conversa-n      1sg-**Leve**-v-Mod

“Eu dou uma conversada”<sup>34</sup> (= “eu converso”, no original)

b)  $\sqrt{\text{mitha}}-\emptyset$       ‘o- $\sqrt{\text{ni}}-\emptyset$ -na

escuta-n      1sg-**Leve**-v-Mod

“Eu dou uma escutada” (= “eu escuto”, no original)

(CHAPMAN, 1978, p.19, adaptado)

<sup>32</sup> Mais detalhes, ver 5.2.

<sup>33</sup> Adotamos a nomenclatura da raiz  $\sqrt{\text{ni}}$  como Leve por questões analíticas; consideramos a raiz acategorial e sem material semântico, assim como a raiz  $\sqrt{\text{hi}}$ , na seção 6.5.

<sup>34</sup> Tradução nossa, com mudança de sentido para verbo leve em PB.

Na estrutura demonstrada, a raiz  $\sqrt{ni}$  primeiro seria categorizada com um vezinho, e tomaria o núcleo Voice, como observado na subseção anterior para a raiz  $\sqrt{hi}$ . A diferença de sua interpretação como verbo pleno se dá por conta de o verbo tomar um complemento para a sua estrutura, formando uma estrutura eventiva e recebendo uma interpretação especial.

Como observado por Vieira (2006) e explicado na subseção anterior, *ni* com interpretação plena é um verbo inergativo, tendo apenas um argumento dado como agente<sup>35</sup>. Propomos, assim, que o verbo manteria sua estrutura funcional pós-categorização verbal, porém sem tomar o núcleo Voice em um primeiro momento, e tomaria um complemento nominal em (56a) *mitha*, em (56b) *vara*; encerraria uma fase aqui, e negociaria seu novo sentido junto do complemento nominal selecionado. Este novo significado, seria segundo definição de Verbo Leve defendida por Pederneira (2015), tratado como um significado especial, não sendo acessível pelo núcleo Voice, onde residiria o sujeito da ação, em *Spec* de VoiceP (primeira pessoa, nos exemplos). Tal proposta de significado especial se assemelha à proposta de Marantz (1997) para idiomáticas, já apresentada na seção 3.

A pergunta que pode nos suscitar dúvida seria: é possível que um verbo que forma uma interpretação de “dizer” possa atuar como leve? Observamos essa possibilidade por duas visões do ponto de vista da Teoria Gerativa: i) projecionista<sup>36</sup>, e ii) construcionista, este último, nossa base de análise.

Por meio do modelo em i) projecionista, encontramos dados em Amberber (1996) sobre transitividade verbal. O autor analisa diversas construções auxiliares e leves, em especial na língua amárica (família Semítica), utilizando-se de um modelo gramatical projecionista:

57)

- |    |                            |          |                        |
|----|----------------------------|----------|------------------------|
| a) | t'armus-u                  | sabara   | new.                   |
|    | garrafa/vidro-Def          | quebrado | está.Perf.Fem.Sing     |
|    | “A garrafa está quebrada.” |          |                        |
| b) | t'armus-u                  | sabara   | hone.                  |
|    | garrafa/vidro-Def          | quebrado | tornar-se.Perf.Masc.Sg |

<sup>35</sup> Ver seção 6.4.

<sup>36</sup> Incluímos um trabalho de base gerativa projecionista para o enriquecimento de nossa análise e para efeitos comparativos com outras línguas não aparentadas; porém defendemos uma análise de base construcionista (não lexicalista).

“O vidro ficou (tornou-se) quebrado”

(AMBERBER, 1996, p. 194-195)

Em (57a) e (57b), as sentenças apresentam a ocorrência de um verbo auxiliar *new* (estar) e *hone* (tornar-se) respectivamente, junto do verbo em particípio *sabara* (quebrado). O autor apresenta que estes eventos tenham uma ideia aspectual de *State* e *Achievement*<sup>37</sup>, respectivamente. Observemos agora os exemplos abaixo:

58)

a) t'armusu                      sibbir                      ale.  
       garrafa/vidro-Def      quebrar                      dizer.Perf.Masc.Sg  
       “O vidro quebrou. ”

b) lemma                      t'armus-u-n                      sibbir                      edarraga.  
       Lemma                      Garrafa/vidro-Def-Acc      quebrar                      fazer.Perf.Masc.Sg  
       “Lemma quebrou o vidro. ” (= “fez quebrar”)

Como podemos observar, as sentenças em (58a) e (58b) apresentam diferenças morfossintáticas bem importantes em relação aos exemplos com verbos auxiliares: a ocorrência de uma estrutura complexa, em que *sibbir* é a forma infinitiva “quebrar” junto do verbo *ale* (disse) e *edarraga* (fazer) em suas formas conjugadas perfectivas, cria uma estrutura complexa muito similar aos verbos leves que vimos nesta seção. Amberber defende que nesta língua os verbos plenos *ale* e *edarraga*, por terem bastante produtividade neste tipo de construção, funciona como uma CVL em amárico. É importante salientar também que os verbos leves não necessitam apenas estar em uma estrutura complexa. Por se comportarem como verbos plenos em diversas outras construções, e neste contexto sintático funcionarem como um suporte para outros verbos, assim como os exemplos revisitados por Butt (2003) em diversas línguas, seu estatuto é reforçado.

Amberber (1996) ainda exemplifica:

<sup>37</sup> Adotando uma análise nas linhas de Vendler (1967).

- 59) Lemma        yi-hedal            ale.  
          Lemma        ir-3Sg.Masc        dizer.3Sg.Masc

“Lemma disse: ‘Ele vai’.”

Nesta estrutura, o autor demonstra que o verbo *ale* funciona perfeitamente como um verbo pleno “dizer”. É interessante notar que na maior parte das línguas documentadas, as construções com verbos leves são realizadas com verbos como *ter*, *fazer*, *tomar*, *dar*, etc, assim como defendido por Butt (2010). Nos registros já realizados, é bastante raro que um verbo pleno como “dizer” funcione como leve, como atestado em amárico, e em nossa análise como o *ni* em Paumarí (ver seção 6.4). Apesar disso, nossa análise se volta para um modelo construcionista, no que concerne à estrutura argumental do evento em que se insere o complexo verbal leve, diferindo-se estruturalmente do modelo utilizado pelos autores mencionados como Butt e Amberber.

Tomando como premissas em ii) dos modelos de gramática de cunho construcionista como Morfologia Distribuída e a Exo-Esqueletal, Pederneira (2015) ao realizar análises em PB, atesta que todos os verbos têm potencial de se comportarem como leves. Não é uma capacidade inerente a uma raiz, e sim uma capacidade que surgiria no contexto sintático em que se inserem, ou seja, do tipo de ambiente sintático e do evento que emergiria na interpretação pós-sintaxe. Assim, os verbos em PB como *tomar*, *correr*, *matar*, *pegar*, dentre outros, podem se comportar como leves em certos contextos, como nos exemplos abaixo:

60)

- a) Maria tomou um ônibus.
- b) Os alunos correram um abaixo assinado.
- c) Marcos matou a bola no peito.
- d) Maria pegou aquele rapaz

(PEDERNEIRA, 2015, adaptado)

Qualquer verbo, segundo os modelos construcionistas, pode se comportar como leve, tomando um complemento para a formação de uma estrutura complexa em uma estrutura eventiva. Assim, voltemos para a discussão do caso em Paumarí e observemos os exemplos abaixo:

61)

a)  $\sqrt{\text{bada-}\emptyset}$  o- $\sqrt{\text{ni-}\emptyset}$ -na.

**trabalho-n** 1sg-**Leve-v-Mod**

“Eu dou uma trabalhada” (“eu trabalho”, no original)

b)  $\sqrt{\text{bada-}\emptyset}$  o- $\sqrt{\text{ni-}\emptyset}$ -’a-vini                      ada                       $\sqrt{\text{abaisana-}\emptyset}$

**trabalho-n** 1Sg-**Leve-V-Apl-Mod** Dem.masc peixe-n

“Estou dando uma trabalhada no peixe” (= “preparada no peixe”)

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 297, adaptado)

c)  $\sqrt{\text{Okojoa-}\emptyset}$ -a  $\sqrt{\text{bada-}\emptyset}$  bi- $\sqrt{\text{ni-}\emptyset}$ -’a-ha                      ada                       $\sqrt{\text{abaisana-}\emptyset}$ .

Okojoa-n-Erg **trabalho-n** 3Sg-**Leve-v-Apl-Mod** dem.masc peixe-n

“Okojoa deu uma trabalhada no peixe” (= “preparou o peixe”)

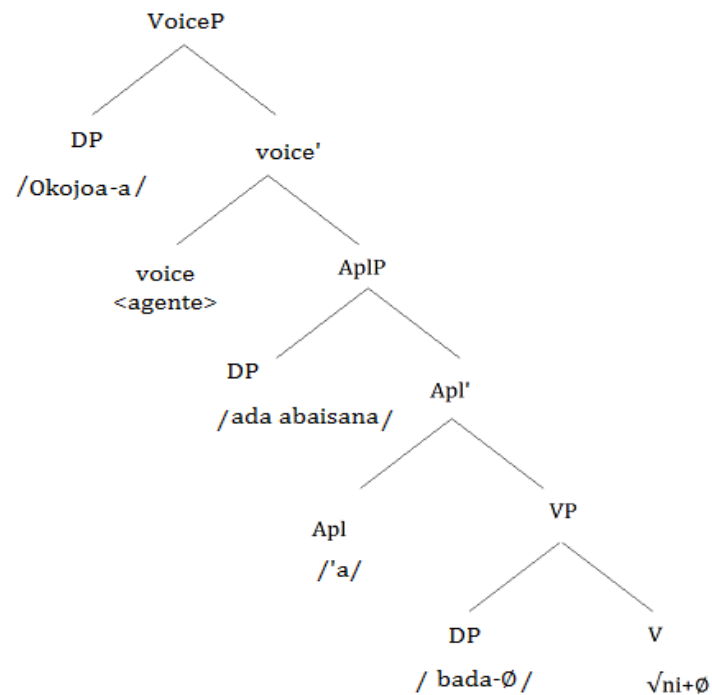
(CHAPMAN, 1978, p. 20, adaptado)

Os exemplos são interessantes por seguirem um padrão funcional e estrutural como na sua contraparte plena<sup>38</sup>. Com um significado de “dizer”, o *ni* leve não permite causativização com *na-*, provavelmente por sua posição de especificador de VoiceP estar já preenchida, necessitando da concatenação de um aplicativo para licenciamento de um novo “argumento”. O exemplo em (61a) é idêntico sintaticamente aos exemplos anteriores em (56), com  $\sqrt{\text{mitha}}$  e  $\sqrt{\text{vara}}$ ; em (61b) a concatenação do morfema aplicativo -’a licencia o DP “ada abaisana” (o peixe), assim como mostrado nos exemplos com verbo pleno “dizer” (ver seção 6.4); em (61c) é importante notar a presença de um sujeito DP (*Okojoa*), não apenas um sujeito pronominal, como nos outros exemplos. A importância desse tipo de ocorrência coletada diz respeito

<sup>38</sup> Para a Morfologia Distribuída, o significado da contraparte plena não tem importância, tendo em vista a ausência de conteúdo semântico na sintaxe, vide Pedreira (2015); nos referimos a isso apenas como uma observação, para contrapor a definição clássica das teorias de bases projecionistas como Butt (2003, 2010).

principalmente à concordância: *Okojoa*, além de receber o morfema que marca Caso ergativo na língua em ordem SVO, dispara concordância número-pessoal no núcleo verbal, representado pelo prefixo *bi-* de terceira pessoa, além da concordância do modal *-ha* com o DP masculino “*ada abaisana*”. Esta sentença comprova que a presença de três raízes nominalizadas (*Okojoa*, *abaisana*, *bada*) não significa uma estrutura bitransitiva; ao invés disso, o *bada* não é argumento “verdadeiro” de *ni*, apesar de se posicionar como complemento deste VP. O fato do verbo *ni* ter a capacidade de licenciar um complemento em uma estrutura eventiva já exclui a possibilidade deste elemento ser um verbo auxiliar, como classificado por Chapman (1978) e Chapman & Derbyshire (1991). A representação sintática do exemplo (61c) pode ser vista abaixo, inspirada em Medeiros (2008), como uma estrutura mais simplificada das anteriores:

Figura 27: Estrutura sintática em “*Okojoaa bada bini’aha ada abaisana*”



Fonte: criação própria, com inspiração em Medeiros (2008)

Pudemos até aqui analisar os verbos leves e os diferir da construção auxiliar. O verbo *ni*, analisado nesta subseção não pode ter o estatuto de auxiliar; auxiliares não permitem o licenciamento de argumentos e não permitem a ocorrência de um aplicativo; isso por si só já descaracterizaria o verbo *ni* como auxiliar, tendo em vista que auxiliares não teriam essa



capacidade, e como analisamos na seção 6.5., os auxiliares são um fenômeno morfológico e não sintático.

Com base em Marantz (1997) e Pederneira (2015) defende-se que as construções de verbos leves são categorizações de raízes que além de poderem tomar qualquer raiz, são inseridas em estruturas de eventos que ditam os elementos aspectuais e a interpretação da construção ao tomarem um complemento.

Em Scher (2006) a proposta de análise de verbos leves com nominalização *-ada* em PB é realizada de maneira sistemática com base nos preceitos de Arad (2003). Para a autora, dependendo do tipo de complemento selecionado pelo verbo leve *dar*, tomaria um núcleo Asp que denotaria um aspecto “diminutivizado” à construção, que logo após seria categorizado por um núcleo n com realização fonológica em /ada/.

No caso do Paumarí, a dificuldade apresentada em capturar uma nuance aspectual nas construções por meio dos exemplos coletados na literatura, apresenta-se como um entrave para este tipo de análise. Porém, Chapman & Derbyshire (1991) apontam diversos afixos como sendo de aspecto: a presença de advérbios de modo, a reduplicação de raízes verbais, além dos sufixos *'i*, *'a*, *'iana*, sufixos puramente aspectuais.

Como não temos a possibilidade de discutir um significado preciso com falantes nativos no momento, tomaremos como objeto da nossa análise a presença dos sufixos aspectuais e advérbios como únicos introdutores do aspecto gramatical. Apesar destes pormenores, tomamos a máxima “ a ausência de evidência não significa a evidência de ausência”, máxima esta já considerada de maneira tácita com relação ao tratamento de diversas construções não pronunciadas de certos núcleos categorizadores. Tendo em vista nossas ferramentas disponíveis, assumimos, por ora, que o aspecto em Paumarí seja representado por um nó AspP apenas na presença de tais sufixos aspectuais, de advérbios ou reduplicação que modifiquem a estrutura. Ilustremos tais ocorrências com os seguintes exemplos:

62)

a) ka-√bodi-∅-ha-'a-∅

Apl-boca-v-Apl-Asp-Imper

“Coloque na boca!”

b) √ihamaahi-∅-'a-ha

ada

√Dono-∅

Irritar.se-v-Asp-Mod

dem.masc

Dono-n

“Dono estava irritado”

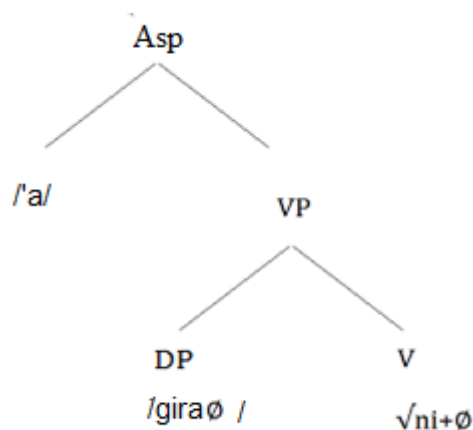
c) hari'a    bana    √gira-∅    ∅-√ni-∅-'a-∅  
 Neg        enfático   movimento   2Sg-Leve-v-Asp-Imper  
 “Não se mova.” (Lit. “não faça movimento”)

d) √khai-∅    bi-√ni-∅-'a-'a-ha    ada    √kahami-∅-ra    √ha-∅-vini.  
 animado    3Sg-Leve-Apl-Asp-Mod    dem    coquinho-n-Acc    comer-v-Mod  
 “Ele estava animado comendo os coquinhos.” (= “ele deu uma animada ao comer os coquinhos”)

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 195/218/237/329, adaptado)

Todas as sentenças apresentam alguma marcação de aspecto. As sentenças (62a) e (62b) são estruturas plenas, com as raízes √boda e √ihamahi categorizadas com um vezinho. O sufixo 'a adiciona um aspecto perfectivo aos seus significados. Postulamos assim que tais verbos tomariam um nó AspP na derivação, o que desencadearia uma interpretação perfectiva. Nos exemplos (62c) e (62d), o mesmo ocorreria, porém, com a presença da estrutura complexa de verbo leves com *gira ni* (fazer movimento) e *khai ni* (deu uma animada).

Figura 28: Asp na derivação



Fonte: criação própria

O nó Asp necessitaria de um estudo mais aprofundado para suas ocorrências em Paumarí. Esboçamos aqui uma possível estruturação de como ocorreria sintaticamente quando o núcleo verbal recebesse os afixos aspectuais como 'i, 'a, 'iana.

6.7. Estruturas verbais bitransitivas com *hi*

As análises de Chapman & Derbyshire (1991) e Chapman (1978) defendem a ocorrência de estruturas bitransitivas em Paumarí de duas maneiras principais: i) com a ocorrência de morfemas transitivizadores que liberam objetos com papéis comitativos/benefactivos/locativos e ii) com uma estrutura complexa com auxiliar *hi*+modal (*ha*, *hi*, *ki*, *ni*, *na*) e modal *vini* precedendo o auxiliar.

As estruturas em (i) foram estudadas e analisadas por Vieira (2006) em trabalho referente a aplicativos, com base em Pylkkänen (2002). Neste trabalho, Vieira propõe que o Paumarí teria a ocorrência de Aplicativos Altos, licenciando objetos no papel de benefactivo, alvo, instrumental e locativo. Eles seriam expressos pelos morfemas *ka*, *'a*, *va/vi*, *ka...hi*, demonstrados abaixo:

63)

a)  $\sqrt{\text{Mamai-}\emptyset\text{-a}}$       **bi-vi-** $\sqrt{\text{soko-}\emptyset\text{-a-vini}}$       ida       $\sqrt{\text{sabão-}\emptyset}$ .  
 Mamãe-n-Erg      3sg-**Apl**-lavar-v-Intrans-Mod Dem      sabão-n  
 “Mamãe lavou com sabão”

b) Ho-ra      **ka-** $\sqrt{\text{khora-}\emptyset\text{-hi-vini}}$       hi-ni      ida       $\sqrt{\text{nami-}\emptyset}$ .  
 1sg-Acc      **Apl**-cavar-v-**Apl**-Mod      aux-Mod      dem      solo-n.  
 “Ele cavou o solo para mim”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 296 e 303, adaptado)

A estrutura transitiva com objeto no papel instrumental em (63a) ocorreria diretamente na estrutura com concatenação do morfema aplicativos, seria o caso de análise em i). Em (63b) a sentença “bitransitiva”<sup>39</sup> tem um objeto com papel de benefactivo, liberado pelo aplicativo descontínuo *ka...hi* (VIEIRA, 2006) e um segundo argumento que é liberado pelo “auxiliar” *hi*, caso em (ii).

Nestas estruturas, chamadas de bitransitivas em Chapman & Derbyshire (1991), têm a presença de orações complexas ou encaixadas, com um verbo *hi*, chamado de “auxiliar” ocorrendo “solto” entre as sentenças. Este verbo é concatenado a um modal como *hi/ha*, *ni/na*,

<sup>39</sup> Terminologia utilizada em Chapman & Derbyshire (1991) e Chapman (1978).

*ki* licenciando outra sentença. Esse “auxiliar” pode ocorrer em conjunto com sentenças com os aplicativos concatenados aos seus núcleos verbais. Mais exemplos dessa estrutura podem ser vistos abaixo:

64)

a) 'i-ra 'o-ka-no-√'bai-∅-vini **hi-ki** √i'oa-∅ √imana-∅.  
 2sg-Acc 1sg-Apl-Causa-comer-v-Mod **Aux-Mod** tambaqui-n carne-n  
 “Eu dou a carne do tambaqui para você comer.” (= “eu faço com que você coma”)

b) √Gisi-∅ ho-ra ka-√abini-∅-hi-vini **hi-ki** 'ida √'arakava-∅.  
 Gisi-n 1sg-Acc Apl-morrer-v-Apl-Mod **Aux-Mod** Dem galinha-n  
 “Gisi matou a galinha para mim.” (= “Gisi fez ela morrer”)

(CHAPMAN, 1978, p. 28 e 35, adaptado)

c) o-√joi-∅-na-ra o-√nofi-∅-vini **hi-ki** √bada-∅ o-√ni-∅-na hida  
 1sg-voltar-v-Mod-Acc 1sg-querer-v-Mod **Aux-Mod** trabalho-n 1sg-Leve-v-Mod aqui  
 “Eu quero retornar para trabalhar aqui.”

d) ho-ra ∅-a-ko<sup>40</sup>-√sa-∅-mai-hi-vini **hi-ni** ida √'bai-∅.  
 1Sg-Acc 3Sg-fora-Apl-levar-v-proximo-Apl-Mod Aux-Mod dem comida-n  
 “Ela levou a comida (no vizinho) para mim.”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 282 e 303, adaptado)

Todos os exemplos apresentam o “auxiliar” *hi* ligando dois constituintes complexos. Em (64a), a primeira oração apresenta um núcleo verbal com a raiz √'bai categorizado com vizinho e com a concatenação do causativo *no-* que licencia o núcleo VoiceP onde é preenchido pelo *o-* de primeira pessoa. O aplicativo *ka* libera o objeto 'i - com caso Acusativo *-ra*, no papel de beneficiário.

<sup>40</sup> Este aplicativo *ko...hi* é o mesmo aplicativo descontínuo *ka...hi*, tratado na seção 2. A mudança no expoente fonológico não é explicada em Chapman & Derbyshire (1991).

Em (64b), o aplicativo descontínuo *ka...hi* libera o objeto *ho-ra* no papel de beneficiário - assim como em (64d), e a raiz  $\sqrt{\text{abini}}$  é categorizada com vezinho tomando o sujeito *Gisi* em *Spec* de *VoiceP*.

Em (64d) o aplicativo é o mesmo que em (64b). O “auxiliar” *hi* nesta estrutura recebe concatenação do modal *ni*, necessitando uma análise futura em torno da diferença dos modais, como já mencionado.

Sobre a ocorrência do verbo “auxiliar<sup>41</sup>” *hi+Modal (ki/ni)*, e os constituintes que são tomados, analisaremos em “pedaços” com o uso da terminologia à *esquerda* de *hi+Modal* e à *direita* de *hi+Modal*, apenas para um apontamento analítico, por conta da complexidade das estrutura. Ignoramos o modal *-vini*, por ora.

Assim, em (64a), o constituinte que aparece à *esquerda* de *hi+Modal* é o CP “*i-ra 'o-ka-no-√'bai-∅*” (“eu faço com que você coma”) e à *direita* um DP “*√i'oa-∅ √imana-∅*.” (“carne de tambaqui”). Em (64b) “*√Gisi-∅ ho-ra ka-√abini-∅-hi*” (“Gisi matou para mim”) está à *esquerda* de *hi+Modal*, e o DP “*ida √'arakava-∅*” (“a galinha”), à *direita*. Em (64c) a construção complexa “*ojoinara onofi*” (“eu quero retornar”) aparece à *esquerda* de *hi+Modal*, e a estrutura “*√bada-∅ o-√ni-∅-na hida*” (“dar uma trabalhada aqui”), muito similar ao que foi analisado com verbo leve *ni* na seção 6.6., aparece à *direita*. Em (64d), o elemento à esquerda de *hi+Modal* é “*ho-ra ∅-a-ko-√sa-∅-mai-hi*” e a direita é “*ida √'bai-∅*” Decidimos por separar os constituintes para uma melhor análise e explicação.

Para Chapman e Derbyshire, este morfema *hi* é um verbo “auxiliar”. Como podemos observar com base nos dados já analisados em outras subseções, fica claro que não há a possibilidade deste verbo ser auxiliar, tendo em vista sua capacidade sintática.

Como analisado em Gonçalves et al (2010), de um ponto de vista lexicalista, auxiliares não tem a capacidade de seleção semântica ou de manipulação argumental. Os trabalhos destes autores se destacam na análise das construções complexas em português, mesmo que seu ponto de partida teórico seja de viés projecionista.

Para um viés construcionista, retomamos aqui a análise de Pederneira (2015). A autora destaca que a propriedade dos auxiliares é apenas a de carregar tempo a oração. Essa afirmação reforça nossa primeira hipótese de análise do verbo *hi* não ser auxiliar, na seção 6.5., em que analisamos as estruturas classificadas como passivas em Paumarí. Entendemos que o verbo auxiliar é apenas uma realização morfológica. Essa assunção demonstra uma diferença funcional significativa entre os verbos auxiliares e leves. Os verbos leves acarretam mudanças

---

<sup>41</sup> Segundo a definição de Chapman & Derbyshire (1991). Mais à frente, tomaremos este *hi* como *leve*.

na estrutura sintática, e ocasionam uma interpretação especial. A sua ocorrência é um fenômeno sintático. A presença dos verbos auxiliares, por sua vez, não implica em restrições sintáticas e a sua ocorrência é puramente “operacional” por assim dizer, levando-se em conta as operações pós-sintáticas tomadas na Estrutura Morfológica (EM). Nos casos analisados, nos parece claro que *hi* e *ni* são ocorrências sintáticas, o que nos leva a descartar a sua classificação como “auxiliar” para estes verbos.

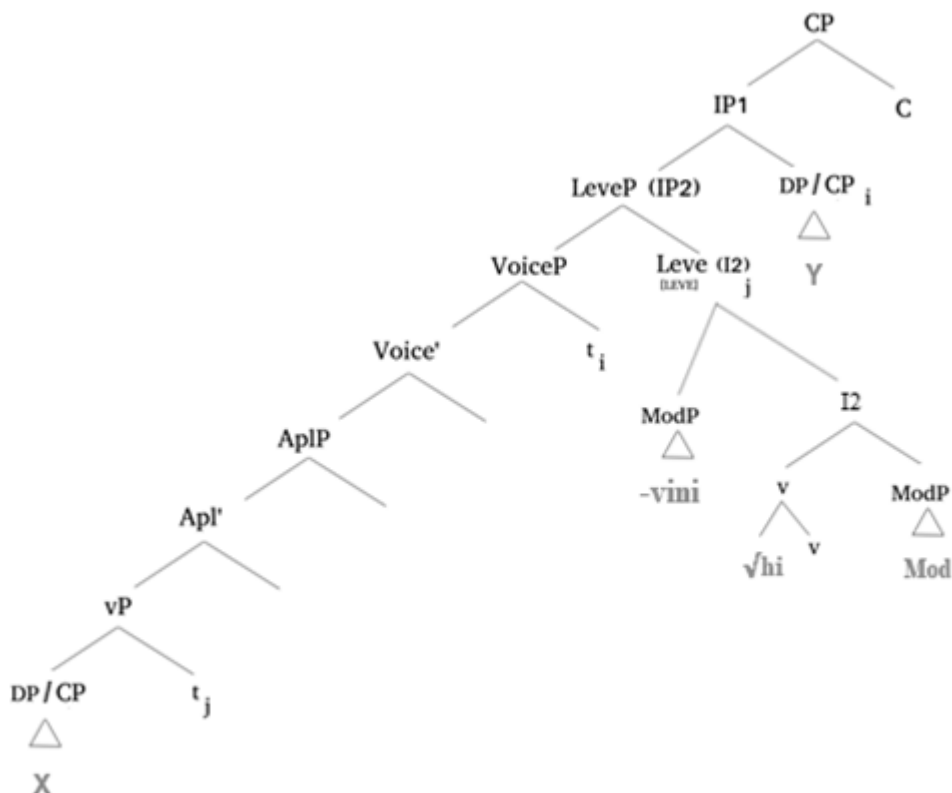
Propomos o mesmo tipo de abordagem para as ocorrências de *hi-ki* em (64). Separamos os exemplos em à *esquerda/direita* de *hi-ki* para melhor entendimento analítico. Para demonstrar os exemplos abordados nesta subseção de maneira mais formal, para generalizar os casos, utilizaremos variáveis. Os constituintes à *esquerda hi-ki* chamaremos de X e os constituintes à *direita* de *hi-ki*, de Y. Assim a estrutura (64c), por exemplo, tomaremos da seguinte maneira:

$$\begin{array}{ccccccc}
 [o-\sqrt{\text{joi}}-\emptyset\text{-na-ra} & o-\sqrt{\text{nofi}}-\emptyset\text{-vini} & hi\emptyset\text{-ki} & & [\sqrt{\text{bada}}-\emptyset & o-\sqrt{\text{ni}}-\emptyset\text{-na} & hida] \\
 X & + & vini & + & \text{Leve-Mod} & + & Y
 \end{array}$$

A notação adotada para todos os exemplo em (64) será [**X-vini + leve+Mod + Y**].

Reproduzimos assim o esquema da estrutura morfológica utilizada em 6.5., adaptada para este novo caso, já com a linearização correta para o Paumarí:

Figura 29: Estrutura morfológica com hi-ki



Fonte: criação própria, inspirada em Medeiros (2008)

Para as estruturas complexas com *hi*, decidimos tomar o mesmo caminho analisado para as outras estruturas. O verbo *hi* neste tipo de estrutura é um verbo leve que se comporta exatamente como os outros verbos leves que analisamos, licenciando, neste caso, uma estrutura complexa. A raiz  $\sqrt{hi}$  é trazida da Lista 1 para a sintaxe e categorizada com vezinho e concatena-se a um modal (*hi/ha,ki,ni,na*, dependendo do tipo de estrutura). **Y** é um CP/DP sujeito da sentença aparece em Spec de VoiceP e se move para o IP mais alto, como o sujeito das orações simples<sup>42</sup>; o complemento de *hi+Mod* seria **X**, um DP/CP tomado como complemento do verbo leve. O sufixo *-vini*<sup>43</sup>, modal presente em todas as ocorrências desse tipo de estrutura complexa,

<sup>42</sup> Por conta da linearização do Paumarí, decidimos que os elementos à direita são sujeitos (Y) e à esquerda são complementos (X). O complemento X, não é objeto, em sentido clássico, e sim, complemento da construção complexa, por isso a ordem VS, para intransitivas na língua.

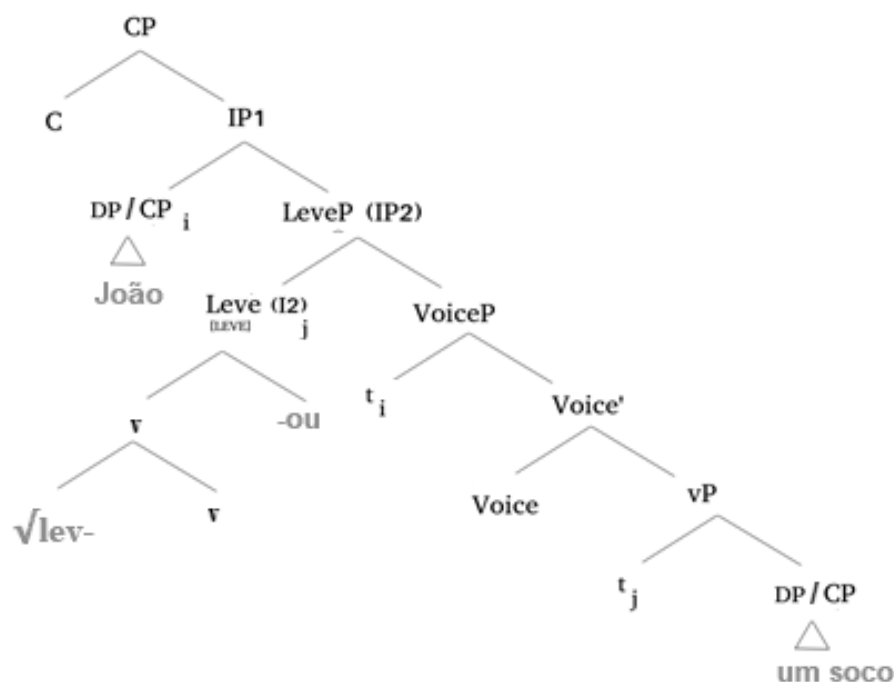
<sup>43</sup> Nos reservamos no direito de não entrar em detalhes quanto ao funcionamento estrutural dos Modais; é fato que neste tipo de construção complexa, o expoente /vini/ sempre é expresso. Relegamos em nossa análise um papel secundário a esse tipo de construção. Os modais em Paumarí merecem um destaque especial em trabalhos futuros e deixamos em aberto.

tomaria como nó ModP, assim como *ki* e *ni*. Concluímos por meio dessa análise que o *hi*, é um verbo leve que licencia estruturas complexas. Sendo assim, tais construções não são construções bitransitivas, e sim construções de verbo leve complexas.

Com essa análise, postulamos que não existem estruturas chamadas de “bitransitivas” em Paumarí, no sentido clássico. O que a língua permite são estruturas de verbo leves com dois CP/DP; ou ainda estruturas com licenciamento de aplicativos, que em sua interpretação, parecem com bitransitivas, em um sentido clássico do termo.

Para uma questão comparativa do modelo que criamos, podemos aplicar este modelo ao PB na sentença “João levou um soco”, a estrutura morfológica tomada da seguinte maneira:

Figura 30: Estrutura morfológica de “João levou um soco”.



Fonte: Criação própria, inspirado em Medeiros (2008)

A expressão fonológica /ou/ é atribuída em um nó dissociado C-comandado por LeveP (IP2), concatenada à raiz *lev-*, categorizada com vizinho e movida para LeveP. O complemento DP “um soco” é tomado como complemento do VP.

Deste modo, a proposta que apresentamos de um novo modelo para a análise de estruturas de verbos leves em Paumarí pode ser utilizada como uma ferramenta formal para a análise de CVLs em outras línguas, com as devidas adaptações estruturais.



## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta dissertação, procuramos analisar as estruturas classificadas como auxiliares na língua indígena Paumarí, de acordo com as descrições dos pesquisadores-missionários do *Summer Institute of Linguistics* (SIL). Utilizando o arcabouço teórico da Gramática Gerativa, em especial, ao utilizar as ferramentas do modelo de gramática da Morfologia Distribuída, esperamos ter contribuído para o estudo das construções complexas com verbos leves sob um ponto de vista formal. Este trabalho espera favorecer o enriquecimento de análises linguísticas voltadas às línguas indígenas brasileiras, no caso, o Paumarí.

Com base na literatura existente para verbos leves, procuramos definir corretamente o estatuto destas ocorrências na língua, levando em consideração sua capacidade de manipulação argumental e o comportamento sintático das construções, como o de permitirem licenciamento de objetos aplicativos, que os auxiliares são incapazes de realizar, além de licenciarem estruturas complexas. Nossa hipótese inicial de que o Paumarí teria a ocorrência de verbos leves foi comprovada. Em todas as ocorrências analisadas pôde-se verificar que o comportamento sintático dos verbos estudados se diferencia dos verbos auxiliares. Estabelecemos assim, resumidamente, os seguintes pontos principais:

a) Todas as categorizações verbais parecem ter o expoente fonológico / $\emptyset$ /; por sua vez, as categorizações nominais podem ter expoente fonológico / $\emptyset$ /, /hi/ ou /ni/:

Com base em Arad (2003) um estudo introdutório a respeito das categorizações pôde ser realizado, abrindo espaço para um possível estudo totalmente focado neste assunto, em Paumarí. A proposta que realizamos acarretou na delimitação de três principais expoentes fonológicos voltados para a categorização nominal na língua (/ni/ em bada-ni; / $\emptyset$ / em bada- $\emptyset$ ; /hi/ em anana-hi), além da ocorrência de um único possível expoente voltado para a categorização verbal, seja ela proveniente da raiz (/ $\emptyset$ / como no exemplo do verbo mitha- $\emptyset$ ) ou de uma possível recategorização de um nome (bada-ni- $\emptyset$ ).

b) Ni/hi após serem categorizados com vezinho, formam uma construção verbal N+LEVE:

As estruturas analisadas, inicialmente definidas por Chapman & Derbyshire (1991) como uma “classe” verbal distinta (verbos como  $\sqrt{\text{bada+ni}}$ ,  $\sqrt{\text{mitha+ni}}$ ,  $\sqrt{\text{vara+ni}}$ ,  $\sqrt{\text{ai+hi}}$ ), por desencadarem a ocorrência do que chamam de auxiliar, foram redefinidas em nossa análise para uma construção com verbos leves. A principal razão que nos motivou a realizar esta

classificação foi a possibilidade de ocorrência destes verbos com núcleos aplicativos, que licenciam um novo objeto, algo que não acontece com os auxiliares, por serem fenômenos puramente morfológicos. Propusemos também um modelo para análise de todas as CVLs de maneira coesa e padronizada, com base em estudo voltado para passivas em PB por Medeiros (2008), inspirado em Ippolito (1999).

c) Parece não existir passiva em Paumarí:

Após analisar as estruturas definidas como passivas na língua, chegamos à conclusão que estas estruturas não são verdadeiramente passivas, e sim CVLs, exatamente iguais às estruturas N+LEVE relatadas em b). A diferença residiria apenas no tipo de expoente fonológico que parece ocorrer na categorização nominal dos nomes que formam um complexo com o verbo leve: /hi/ (como em  $\sqrt{\text{anana}}+\text{hi}$ ). Além disso, o fato de permitirem a ocorrência com núcleos aspectuais 'i, 'a, 'iana, por exemplo, parece também reforçar o estatuto de Leves destes verbos, criando uma estrutura eventiva. Nesse sentido, parece não existir passivas em Paumarí, necessitando um estudo voltado especificamente à análise e desdobramento das Vozes verbais em Paumarí.

d) Parece não existir bitransitiva em Paumarí:

Chapman & Derbyshire (1991) definem dois principais tipos de bitransitivas na língua: o primeiro com morfemas transitivizadores e o segundo com auxiliar *hi* + *sufixo terminal* – que chamamos neste trabalho de Modal. O primeiro foi reclassificado por Vieira (2006) com a ocorrência de estruturas aplicativos altas. O segundo tipo reclassificamos nesta dissertação como sendo outro tipo de CVLs. Neste caso, a raiz  $\sqrt{\text{hi}}$  é categorizada com um vezinho com expoente fonológico / $\emptyset$ / e toma como complemento um DP ou um CP, criando assim uma estrutura complexa subordinada, com a presença do modal *-vini* concatenado ao complemento. Não parece haver ocorrência deste tipo de CVL com o verbo *ni*. Com base em nossas análises, parece não existir bitransitiva em Paumarí, pelo menos não no sentido tradicional dessas construções. Chapman & Derbyshire (1991) parecem mais observar a questão do significado que uma questão estrutural ou sintática para criar as definições em relação aos bitransitivos, o que nos parece bastante equivocado.

e) /hi/ e /ni/ são itens fonológicos Subespecificados:

Como visto em diversas construções na língua, os itens /hi/ e /ni/ parecem ser Subespecificados, tendo em vista os preceitos da Morfologia Distribuída. Como observado, há

ocorrências de /ni/ com realizações como afixo de negação, modal em intransitivas concordando com DP feminino, categorizador nominal e verbo leve; as ocorrências de /hi/ se realizam em modal em transitivas concordando com DP feminino e categorizador nominal. Dessa maneira, parecem ser itens *default* para diversos nós terminais, no momento da inserção vocabular.

Além dos resultados levantados após as análises e nossas conclusões acerca das CVLs, entendemos que o estudo voltado para a estrutura argumental do Paumarí está apenas no começo e muitas outras questões se abriram em nossas discussões. Podemos citar algumas, dentre as quais:

a) Análise de núcleos modais, que parecem afetar o conteúdo discursivo da sentença: Os modais foram chamados assim por Vieira (2006), apesar de serem tratados como *sufixos terminais* ou *dependentes* por Chapman & Derbyshire (1991). Em todas as suas ocorrências adotamos o termo modal. Parece bastante contundente que sua realização sintática se dê em um nó ModP, sempre concatenado ao núcleo verbal, e os itens de Vocabulário possíveis para estas construções são os mais variados: em verbos transitivos: /ha/, /hi/, /ki/; verbos intransitivo /na/, /ni/. Destaque especial para o modal /vini/ que sempre é realizado concatenado ao complemento de verbos leves com *hi* em construções complexas, com dois CPs. Os modais se mostram como um dos mais interessantes elementos a serem explorados em trabalhos futuros.

b) Análise dos elementos aspectuais, marcados com afixos como 'i, 'a, 'iana:

Os núcleos aspectuais são concatenados ao verbo em diversas construções, inclusive em CVLs. Eles podem inserir uma interpretação perfectiva /'a/ ao evento, ou mesmo com a ideia de repetição com sufixo /'iana/ (“de novo”). Não podemos captar com precisão quais verbos teriam nuances aspectuais sem a marcação expressa de tais sufixos; desse modo, acreditamos que o entendimento do aspecto em Paumarí se mostra como uma das maiores lacunas para a compreensão das estruturas eventivas da língua.

Em suma, qualquer trabalho voltado para um estudo referente ao Paumarí é bem-vindo. Todas as análises se tornam essenciais para a revitalização e conservação das línguas brasileiras, além de enriquecerem o repertório das pesquisas linguísticas formalistas. Esperamos também que o modelo proposto de análise dos verbos leves, discutido na seção 6.7., possa contribuir para uma análise formal das CVLs em outras línguas, além do Paumarí e do esboço que apresentamos para o PB.

## 8. REFERÊNCIAS

AMBERBER, M. **Transitivity alternations, event-types and light verbs**. Tese. (PhD em filosofia). McGill University. Québec, Canada, 1996.

ARAD, M. Locality Constraints on the interpretation of roots: the case of Hebrew denominal verbs. **Natural language & Linguistic Theory**, v.21, 2003.

BONILLA, O. O bom patrão e o inimigo voraz: predação e comércio na cosmologia paumari. **MANA**, v.11, 2005.

BORER, H. Exo-skeletal vs. endo-skeletal explanations: syntactic projections and the lexicon. In: MOORE, J. & POLINSKY, M. (eds.). **The nature of explanation in linguistic theory**. Stanford: CSLI, 2003; p. 31-67.

BORGES, G. A. D. Estudos sobre a Ergatividade na língua Paumari. **Caderno de Resumos XXV SEPLA – Revista Linguística Rio**. Rio de Janeiro, 2020.

BUTT, M. The light verb jungle. In: **Harvard working papers in linguistics**, v. 9. 2003.

BUTT, M. The Light verb jungle: still hacking away. In: AMBERBER, M., HARVEY, M.; BAKER, B. (eds.). **Complex predicates in cross-linguistic perspective**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 2010.

CHAPMAN, S. & DERBYSHIRE, D. Paumari . In: Derbyshire e Pullum (orgs.), **Handbook of Amazonian Languages**. Berlim, Mouton de Gruyter, 1991.

CHAPMAN, S. **Paumari derivational affixes**. Brasilia, SIL, 1978.

CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton, 1957.

CHOMSKY, N. **Lectures in government and binding** (Studies in generative grammar 9). Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. **The minimalist program** (Current studies in linguistics 28). Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

COON, J. **Aspects of Split Ergativity**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

D'ÁVILA, A. Estratégias de resistência e a língua Paumarí: uma breve reflexão glotopolítica. **Revista Versalete**, vol 7, n 13, ju-dez, Curitiba. 2019.

DIXON, R. **Ergativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DIXON, R.M.W. Arawá. In: Dixon, R.M.W.; AIKHENVALD, A. (eds). **The Amazonian Languages**. New York: Cambridge University Press, 1999.

DUARTE, I.; GONÇALVES, A.; MIGUEL, M. Verbos leves com nomes deverbais em português europeu. **XXI -Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Lisboa, APL, 2006.

EMBICK, D.; NOYER, R. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In RAMCHAND, G.; REISS, C. Reiss (Ed.), **The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces**, Oxford University Press. 2007.

FOLLI, R. & HARLEY, H. Flavors of v: consuming results in Italian and English. In: SLABAKOVA, R. and KEMOCHINKY, P. (eds.), **Aspectual Inquiries**. Dordrecht: Kluwer, 2004.

GALVÁN, G.M.N. Mudança de valência e distinção entre inacusativos e inergativos em Paumari (família Arawá). **XXXII Jornada de Giulio Massarani de Iniciação Científica, Artística e Cultural**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

GALVÁN, G.M.N. **Causativas**: um estudo comparativo entre o russo e o paumari. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

GONÇALVES, A.; CUNHA, L. F.; MIGUEL, M.; SILVANO, P.; SILVA, F. Propriedades Predicativas dos Verbos Leves: estrutura argumental e eventiva. Textos Seleccionados, **XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Porto, APL, 2010, pp. 449-464.

HALE, K. & KEYSER, S.J.; on the syntax of argument structure. Lexicon Project Working Papers, Center for Cognitive Science, MIT; 1991.

HALLE, M. Prolegomena to a theory of Word formation. **Linguistic inquiry**.v.4, n.1.Winter, 1973.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S.J. (Eds.). **The view from building 20: essays in linguistics in honour of Sylvain Bromberger**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1993.

HARLEY, H.; NOYER, R. Distributed Morphology. In: CHENG, L. SYBESMA, R. (eds). **The Second Glot International State-of-the-Article Book**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

IPPOLITO, M. (1999).On the past participle morphology in Italian. In: ARREGI, K.; BRUENING, B.; KRAUSE, C. & LIN, V. (eds). MIT **Working Papers in Linguistics cycle one, volume 33**: papers on Morphology and Syntax. Cambridge, MA, p. 111-137.

JACKENDOFF, R.S. Morphological and semantic regularities in the lexicon.**Language**, v.51, n.4. 1975.

JACKENDOFF, R. Morphological and semantic regularities in the lexicon. **Language**, v.51, n.4. 1975.

- JACKENDOFF, R. S. **Languages of the mind: essays on mental representation**. Cambridge, MA: MIT/Bradford Press, 1992.
- JACKENDOFF, R.S. **The architecture of the language faculty**. Cambridge, MA: MIT Press, 1996.
- KRATZER, A. Severing the External Argument from its Verb”. In J. Rooryck and L. Zaring eds., **Phrase Structure and the Lexicon**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, p. 109-137, 1996
- OLIVEIRAS, T.R. K. de. **As classes verbais em Paumarí**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- LECKAR DA SILVA, J. A categorização das palavras em paumarí: o caso dos verbosdenominais. **JIC**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.
- LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49 ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2011.
- LUNGUINHO, M.V. DA S. **Verbos auxiliares e a sintaxe dos domínios não-finitos**. São Paulo, 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- MARANTZ, A. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**. v.4. 1997.
- MEDEIROS, A. B. (2008). Traços morfossintáticos e subespecificação morfológica na gramática do português: um estudo das formas participiais. **Tese de doutorado**. UFRJ, Rio de Janeiro
- MENENDEZ, L.L. Da pajelança à evangelização: reflexões sobre o xamanismo paumari. **Cadernos CERU**, v.29, n.2. 2018.
- MENEZES, T.C.C.& BRUNO, A.C. Territórios indígenas na escola: língua e mobilização social no Sul do Amazonas. **Revista Sures, n. 3 (2014): Diversidade, plurilinguismo e interculturalidade**, 2014.
- PEDERNEIRA, I.L. **Implicações teóricas dos verbos leves para o estudo de estrutura argumental**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- PEDERNEIRA, I.L. Implicações teóricas dos verbos leves para o estudo de estrutura argumental. **Veredas atemática**. v.20, n.2. 2016
- PYLKKANEN, L. **Introducing Arguments**. Tese (PhD em Linguística) – Departamento de Linguística e Filosofia do Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2002.
- RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- SAID, A. M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos., 1966

SALZER, M. & CHAPMAN, S. **Dicionário Bilíngue nas Línguas Paumarí e portuguesa.** Brasil, 1997.

SCHER, A. P. **As construções com o verbo leve dar e nominalizações em -ada no Português do Brasil.** Tese de doutorado. Universidade de Campinas. 2004.

SCHER, A.P. As categorias aspectuais e a formação de construções com o verbo leve dar. **Revista do GEL.** Araraquara, v.2, 2005.

SCHER, A.P. Nominalizações em –ada em construções com o verbo leve dar em português brasileiro. **Letras de hoje.** Porto Alegre, v.41, n.1. mar 2006.

SERRONE, L.C. **Critérios de auxiliaridade em português.** Dissertação. (Mestrado em Letras, área de concentração em Linguística da Língua portuguesa) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1992.

VENDLER, Z. **Linguistics in Philosophy.** Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967.

VIEIRA, M.M.D. Os núcleos aplicativos em Paumari (Família Arawá). **Rev. Estudos da Língua (gem).** Pesquisas em línguas indígenas. Vitória da Conquista, v.4, n.2.,dez. de 2006.